

A Defesa Nacional

N.º 637

MAI/JUN 1971

Neste número :

- Mensagem aos Militares Jovens
- O Oficial Superior
- Qualidades de um Chefe
- Excertos da História de um Batalhão Sustentáculo da República
- A Artilharia Antiaérea e a Década de 70
- Uma Experiência de Comando em Tempo de Paz
- Técnicas de Liderança e Táticas de Pequenas Unidades
- O aproveitamento dos Sistemas Nacionais de Micro-Ondas para a Teleducção
- Os Meios de Comunicações, a Opinião Pública e a Segurança Nacional
- Armamento Nacional Entregue à Tropa

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES E ESTUDOS BRASILEIROS

Rio de Janeiro — Brasil.

A DEFESA NACIONAL

FUNDADA EM 10 DE OUTUBRO DE 1913

ANO 569	Rio de Janeiro, GB — Mai/Jun 1971	Número 637
------------	-----------------------------------	---------------

SUMÁRIO

	Págs.
MENSAGENS AOS MILITARES JOVENS — Gen A. C. Moniz de Aragão ..	3
O OFICIAL SUPERIOR — Gen Oldemar Ferreira Garcia	7
QUALIDADES DE UM CHEFE — Tradução do Cel Carlos Fernando	17
EXCERTOS DA HISTÓRIA DE UM BATALHÃO, SUSTENTACULO DA RE- PUBLICA — Gen Bda Int. Epaminondas Ferraz da Cunha	21
A ARTHARIA ANTIAEREA E A DÉCADA DOS 70 — Ten-Cel Samuel de Tarso T. Primo	45
UMA EXPERIENCIA DE COMANDO EM TEMPO DE PAZ — Cel Art QEMA Everaldo de Oliveira Reis	51
TÉCNICAS DE LIDERANÇA E TÁTICAS DE PEQUENAS UNIDADES — Ten Cel Inf Ex EUA Bernardo Loeffke e Maj Art Luiz Paulo M. Carvalho (Condensação e Tradução)	61
O APROVEITAMENTO DOS SISTEMAS NACIONAIS DE MICRO-ONDAS PARA TELEDUCAÇÃO — Gen Bda Ref Taunay Drummond Coelho Reis	81
OS MEIOS DE COMUNICAÇÕES, A OPINIÃO PÚBLICA E A SEGURANÇA NACIONAL — Ten Cel Paulo Corrêa Júnior	85
ARMAMENTO NACIONAL ENTREGUE A TROPA	91

INFORMAÇÕES

SAUDAÇÃO A BANDEIRA — Cap João Batista da Silva Fagundes	97
CONCURSO DE ADMISSÃO A ECEME — 1970	101
EXAME DE ESCOLARIDADE DO C. PREP/CAS-71	103

MENSAGEM AOS MILITARES JOVENS

8 — LIBERDADE E DISCIPLINA

Pelo General

A. C. MONIZ DE ARAGÃO

A superioridade de sua inteligência e às conseqüências dessa vantagem, deve o homem a maravilhosa realidade de ter, — a despeito da inferioridade física, desprovido de órgãos naturais de defesa e agressão, mesquinho de força e agilidade —, conseguido não só atravessar o período áspero da existência primitiva, quando lhe era preciso disputar a presa e a caverna com outros animais que muito o sobrelevavam em robustez, ferocidade e destreza, como afirmar desde cedo seu predomínio, sempre mais efetivo e utilitário. Para vencer a hostilidade do meio físico e biológico, cobriu-se e teve capacidade de organizar sua defesa com recursos a seu alcance, inventou a funda, tapou com pedra a entrada da toca e estabeleceu relações com outros homens.

A harmonia e a cooperação entre os homens e os grupos humanos foram conseguidas desde que aqueles, de seres biológicos, se converteram em seres psicológicos ou racionais, precisaram sujeitar-se a preceitos elementares de conduta, reprimindo os instintos e impulsos egoísticos, até os limites definidos pela necessidade do bem comum.

A existência do grupo social condicionou-se às regras, primá-

rias embora, de bom procedimento, porque a sociedade humana seria impossível se não fossem admitidas e aceitas, respeitadas e obedecidas, as normas exigidas pela interdependência e solidariedade social.

O homem, não obstante sentisse que a liberdade é, para ele, necessidade essencial, consentiu em a ajustar-se e restringir-se às imposições da coexistência. Ao compreender que seu interesse estava na união com os semelhantes, na constituição de grupos sociais, aceitou a limitação do próprio arbítrio, subordinando-o às conveniências coletivas. Mas, — porque o consentimento decorreu antes da pressão de seu proveito do que de sua espontaneidade —, sempre tem lutado para, ao máximo, conservá-lo e para que o bem comum não seja fraudado em favor de outros indivíduos ou grupos. Aceitando a restrição da própria liberdade, tem consentido que isso se faça em razão da equidade, segundo normas estabelecidas pela experiência, de aplicação indiferente às variações circunstanciais, salvo aquelas nelas previstas. Os princípios de conduta, adequados à realização e ao aprimoramento da solidariedade, com a ampliação do conhecimen-

to humano, entraram a constituir, em categoria e parte das *normas técnicas*, o *direito*.

A história da liberdade humana está sempre a oscilar entre dois pólos: o arbítrio individual e a autoridade do Estado.

O estabelecimento do equilíbrio, a harmonia entre ambos, constitui tarefa árdua, desafio proposto à *sabedoria*.

Desde as duas grandes revoluções do Século XVIII, a francesa e a americana, tem-se buscado a organização de um Estado, no âmbito do qual o cidadão possa conservar o máximo de independência pessoal e, com referência à submissão àquele, que seja ela dignificada pela sua participação no governo a que deva estar sujeito, intervindo na sua composição e podendo recorrer das suas decisões. O Estado, assim compreendido, é a *democracia representativa*.

No Estado Democrático é o direito que, como condição essencial de harmonia das liberdades, regula as ações exteriores dos indivíduos e as atividades das sociedades e classes. É, necessariamente, universal e obrigatório, suscetível de ser imposto coercitivamente, como disciplina objetiva que encara a ação em si mesma.

O *governo* não é superior à lei, antes uma instituição de ordem jurídica, uma criação do próprio *direito*, que consiste em um conjunto de regras, — de origem anterior à organização do Estado, obrigatórias para o próprio Estado —, impostas pelas necessidades de manutenção e disciplina da solidariedade social. A *lei* tira sua força e autenticidade, não da

vontade dos governantes, mas de sua conformidade com os princípios de solidariedade e os interesses nacionais. Acima do governo, norteando e supervisionando todas as atividades do poder público, há um conceito geral de legalidade, cuja violação elimina o dever de obediência do cidadão.

No Brasil, as Forças Armadas são instituições propostas à dupla finalidade: a defesa da Pátria no quadro internacional e a prevalência da lei na ordem interna, isto é, nas relações entre os cidadãos e entre estes e o Estado. Na qualidade de *GUARDIÕES DA LEI*, esta lhes é, por isso mesmo, intocável. Nas instituições militares, dadas suas finalidades, o sistema disciplinar cresce de importância e há de ser muito severo.

Se a elas o Estado confere o monopólio da força material, se lhes entrega a defesa de sua própria sobrevivência e da tranquilidade de seus habitantes, se somente as convoca a intervir nos momentos cruciais da vida coletiva, abalada pela agressão exterior ou pela violência interna, é óbvio que se impõe criar, em correlação com tais circunstâncias, rigorosos elementos de subordinação à *lei*. Nesses elementos repousará a certeza de que o uso das armas não será desvirtuado, quer positivamente pela negação do destino constitucional das corporações militares, quer negativamente pela ineficiência em face da sua missão (M. Seabra Fagundes, *As Forças Armadas na Constituição*).

O sistema disciplinar torna-se assim, do mesmo passo, garantia

de obediência à lei e de eficiência. A infração da disciplina, longe de constituir, como no âmbito civil, episódio individual, tende pela repercussão sobre a coletividade, que os contatos de enquadramento militar favorecem, a influir nocivamente sobre o conjunto.

A estrita obediência das normas disciplinares é a contribuição, em termos de autolimitação, que os membros das Forças Armadas oferecem para a preservação e eficiência da própria instituição, desde que esta não pode subsistir, nem atuar com máximo rendimento, sem a disciplina.

Mas no Brasil, a disciplina a que se sujeitam as Forças Armadas, se de uma parte se dignifica pelo seu caráter essencialmente legal, adstrita às prescrições das leis e regulamentos e protegida do arbitrio pessoal; de outra, enobrece-se pelo seu aspecto eminentemente moral, decorrente da nossa convicção de que, depois de nos termos consagrado à Pátria inteiramente, — corpo, pensamento e alma —, nada nos resta para oferecer-lhe senão nossa liberdade.

São particularmente essas garantias, legal e moral, que distinguem, exaltando-as, as Forças Armadas das milícias e guardas pretorianas.

Todos nós, — soldados, marinheiros e aviadores —, observamos a disciplina consciente traduzida no cumprimento voluntário da regra legal ou regularmente, em ambiente subjetivo dentro do qual o cumprimento dos

deveres é facilitado e garantido pela harmonia, compreensão e legitimidade dos propósitos que a todos impulsionam. Na qualidade de militares, colocamo-nos a serviço da Pátria, ratificando sua soberania no quadro internacional e o império da Lei no interior. Como cidadãos, competemos, ombro a ombro com os demais brasileiros, pugnar pelo aprimoramento do direito, no sentido de que reduzidas sejam, ao indispensável, as limitações impostas pelos magnos interesses da Segurança e do Desenvolvimento Nacional, visando à plenitude da justiça social e da dignidade humana.

É de nossa honra lutar, não pela igualdade utópica, antes pelo princípio de igual oportunidade a todos oferecida, do livre acesso aos diferentes graus hierárquicos e formas do trabalho, admitida a Democracia como o trabalho racionalmente organizado.

Em síntese, a disciplina deve ser por nós compreendida como exigência da moral, no sentido de regra de colaboração, de propósito de coordenação hierarquizada dos direitos e encargos com vistas ao bem e dever comuns. Precisamos protegê-la com a contrição de nossa consciência, pelo respeito de nós mesmos e pela consideração da opinião pública. A proporção que a nossa conduta se for ajustando a esse estado de alma, cada vez mais nos teremos afastado da coação e das sanções disciplinares e nos identificado com o pensamento de SPINOZA: "O FIM DA DISCIPLINA É A LIBERDADE".

COLABORAÇÕES

- 1 — Datilografados — em espaço 2 ou 3 — em um só lado do papel — máximo de 20 fôlhas (em princípio).
- 2 — Gráficos, croquis, organogramas, desenhos em geral: em papel vegetal (ou semelhante), tinta nanquim (preta).
- 3 — Fotografias: cópias em preto e branco: para reproduções, fotos já publicadas deverão ser suficientemente nítidas. Legendas numeradas, curtas e explícitas.
- 4 — Traduções: nome do autor e do tradutor — indicação completa da fonte — autorização (quando fôr o caso).
- 5 — Salvo em casos excepcionais, originais de colaborações não serão devolvidos.
- 6 — **IMPORTANTE!** Os originais devem ser entregues à Redação em condições adequadas, isto é: revisão da datilografia — disposição correta de títulos, subtítulos, números, letras, etc. — referências oportunas a gráficos, fotos, etc. — clareza das correções feitas a mão — emprego apropriado de maiúsculas, grifos, carmin, etc.
- 7 — Abreviaturas — somente as de uso consagrado, que não deixem margem a dúvidas; e as constantes do C 21-30, nos trabalhos cuja natureza as recomende.
- 8 — **ÀS NOSSAS COLABORADORAS!**

As páginas da A DEFESA NACIONAL estão abertas, como sempre estiveram, a todos quantos queiram colaborar conosco, enviando-nos seus trabalhos para publicação. Nem sequer é condição, para a aceitação de colaborações, que os seus autores sejam assinantes da Revista. Mas, é claro que preferíamos que todos aqueles que ainda não tenham assinatura de A DEFESA procurassem tomá-la, pois assim estariam ampliando a sua valiosa colaboração e, ao mesmo tempo, cooperando para a melhoria crescente e para o maior prestígio desta Revista, que já é "a sua Revista".

O OFICIAL SUPERIOR

Gen Div OLDEMAR FERREIRA GARCIA

- 1 — Assunto exclusivamente militar
 - 2 — Simples, objetivo e oportuno
 - 3 — Foi aula apreciada e comentada favoravelmente
 - 4 — Própria ao nível de ensino
- Conclusão: Deve ser publicada

AULA INAUGURAL NA EsAO — 1971

Convidado pelo Sr. comandante desta Escola para pronunciar a primeira aula do ano letivo perante todos os cursos, perguntei-lhe qual o tema que me indicava.

Respondeu-me S. Ex.^a que gostaria de ouvir conceitos sobre as relações funcionais do comandante com seu estado-maior, do chefe, em geral, com os assessores.

Pus-me, então, a meditar sobre as atividades da EsAO. Que pretende o Exército com o trabalho que aqui se realiza?

Consultei o Regulamento e de seu artigo primeiro extraí as seguintes idéias essenciais: Esta Escola tem por finalidade aperfeiçoar oficiais, habilitando-os para, em campanha, exercer as funções de comandante ou membro do estado-maior de unidade de sua arma ou serviço.

Eis aí a minha motivação. Aqui se prepara o oficial superior para suas funções de comandante e de assessor. Escolhi, então, o tema — O oficial superior.

Continuando a examinar a legislação, rememorei que o curso de aperfeiçoamento é requisito para promoção aos postos de oficial superior.

E mais ainda, a promoção por merecimento é função de um conjunto de qualidades que o Exército selecionou por traduzirem eficiência no exercício da profissão.

São atributos válidos para todos os postos de oficial e, porque já se incorporaram ao nosso sistema de vida, usamo-los, como padrão de julgamento, até mesmo instintivamente em nossa convivência no trabalho de cada dia.

Manda a lei que aquelas qualidades sejam inerentes ao caráter, inteligência, espírito e conduta militar, cultura profissional e geral,

conduta civil, capacidade como comandante, diretor, chefe, instrutor, administrador, técnico e também à capacidade física.

Na avaliação do caráter manla o diploma legal que se apreciem as atitudes do oficial, que devem ser bem definidas, revelando senso de responsabilidade. Seu comportamento em face de situação imprevisita e difícil há de ser desassombrado, destemido. Na execução de suas decisões precisa revelar energia e perseverança.

A inteligência manifesta-se pela faculdade de apreender, sem retardo e com clareza, as situações novas e pelo poder de análise e de síntese.

O espírito militar patenteia-se na espontaneidade da subordinação e respeito aos superiores, correção na convivência com os subordinados, discrição de atitudes, iniciativa, dedicação aos encargos profissionais, pontualidade e assiduidade, espírito de camaradagem, correção dos uniformes.

A cultura profissional e geral é indicada pelos cursos que o oficial realiza e pelos seus trabalhos correntes ao longo de sua vida militar.

A conduta civil exprime-se pela observância das convenções sociais, respeito às leis e autoridades civis, cavalherismo e urbanidade, cumprimento dos compromissos assumidos.

A capacidade como comandante decorre da aplicação dos atributos de chefe e revela-se na sua ascendência sobre os subordinados e na confiança que a autoridade inspira por seus atos.

O valor do instrutor aprecia-se pela facilidade de expressão e desembaraço no transmitir conhecimentos profissionais aos instruídos.

O administrador destaca-se pelo zelo na gestão dos dinheiros públicos e no cuidadoso trato dos bens do Exército.

A habilidade técnica é apreciada pelo desembaraço em projetar e executar trabalhos de natureza técnica e dirigir atividades da mesma natureza.

A condição física é relativa ao posto e avalia-se por exame médico, pela disposição para o trabalho, presteza na execução de encargos e resistência à fadiga.

Os tópicos que acabamos de apresentar encontram-se na Lei de Promoções e no seu Regulamento. A legislação tem variado ao longo dos anos em busca de critérios que permitam avaliar numericamente os atributos dos oficiais. Não é fácil traduzir em números esses valores morais e espirituais.

Ao Exército convém que os melhores sejam os primeiros a atingir os postos superiores.

A procura da verdade na caracterização dos melhores tem sido o grande esforço de nossa instituição. Esse é o desafio que as gerações

de chefes militares vêm enfrentando e que terão sempre em sua pauta de meditações.

No Manual IP-100-5 — Operações — edição de 1970, encontramos o capítulo intitulado Comando, em que se exprimem conceitos e estabelecem normas de convivência entre comandantes e seus assessores.

Examinemos alguns tópicos do capítulo.

O comandante e os órgãos que o assessoram constituem o comando.

Comando significa também ato e efeito de comandar.

A autoridade do comandante decorre de leis e regulamentos e a ele cabe total responsabilidade pelo êxito ou fracasso de seu comando. Essa responsabilidade não pode ser delegada.

O comandante exerce sua autoridade dirigindo pessoalmente as ações e estabelecendo padrões que devem orientar os seus assessores e o executante no cumprimento da missão. O assessor é responsável perante o comandante pelo exercício de autoridade que lhe tenha sido delegada.

A eficiência do comando depende das qualidades de chefia que a personalidade do comandante tenha absorvido ao longo de sua formação militar. Chefia, diz o Manual, é a arte de influenciar o comportamento humano e a capacidade de conduzir homens.

O Exército precisa de chefes e os seleciona e forma através de todas as atividades inerentes à profissão militar.

Nos quartéis, nas escolas, na vida em sociedade, estamos nós, a cada instante, adotando atitudes que revelam a existência de uma sistemática a nos conduzir os passos.

A nossa instituição seleciona os seus futuros chefes, indo buscá-los na sociedade, mediante provas de capacidade moral, intelectual e física.

Nas escolas de formação comunica-lhes uma cultura adequada à personalidade de chefe e os estimula a prosseguir na busca de atributos aperfeiçoados.

No exercício das funções diárias nas organizações militares estamos constantemente aplicando princípios e normas de comando que se encontram nos regulamentos e manuais.

Eis aí uma tarefa que se impõe a quem é chefe em qualquer dos graus da hierarquia do oficial: estudar os regulamentos e manuais. Eles são o repositório de amplo ensinamento para que se aperfeiçoe o chefe militar.

Na EsAO estaremos aplicando os conhecimentos que adquirimos em nossa atividade profissional e absorveremos novas experiências tendentes sempre a aperfeiçoar as nossas qualidades de chefe.

Por aqui passei há trinta anos, como aluno do Curso de Artilharia, e posso afirmar que este estabelecimento me deu uma base sólida, de conhecimentos amplos, que me permitiram não encontrar matéria nova no Curso de Artilharia de Campanha, que fiz, em seguida, em Fort Sill, EUA, em três meses.

Daquil level para a Itália, na Fôrça Expedicionária Brasileira, os fundamentos que me facilitaram o exercício do comando de tropa na guerra.

Aqui voltei mais tarde para chefiar o Curso de Artilharia. Encontrei o mesmo ambiente de trabalho em busca de melhores padrões para a autoridade de chefe.

Na variedade de solicitações a que nos entregamos nesta Escola, aplicaremos instintivamente toda a gama de virtudes militares para levar a bom termo a solução dos problemas. E vai se aperfeiçoando, assim, a nossa personalidade de chefe.

Na condição de alunos, os senhores estarão renovando seus hábitos de ouvir os instrutores, os conferencistas, os colegas, o seu comandante e aproveitarão tanto mais o seu tempo quanto mais atentos estiverem às palavras de seus interlocutores. É a arte de comunicação, utilizada de variadas formas na aprendizagem.

O chefe tem que fazer as coisas por intermédio de outrem e precisa, então, saber transmitir suas idéias com clareza.

A técnica de comunicação é de imprescindível ajuda em sua tarefa. Chefes, assessôres e executantes subordinados têm que se entender com clareza e objetividade e a missão é o ponto de convergência de todos os esforços.

É dever do comandante aperfeiçoar suas características de chefe.

O Manual C-20-10 enumera e conceitua as seguintes qualidades de chefia:

- a — Atividade: Revela-se pela vigilância, vivacidade e presteza nas ações.
- b — Boa apresentação: Decorre da boa aparência física, limpeza e correção dos uniformes e esmerada atitude militar.
- c — Coragem: Domínio do medo, contrôlo dos nervos, em face da exigência de cumprir-se a missão.
- d — Espírito de decisão: Capacidade para decidir com oportunidade e levar avante, com autoridade, o seu pensamento.
- e — Sentimento do dever: É o estado de espírito sempre atento ao cumprimento do dever.
- f — Tenacidade: Resistência física e mental capaz de levar adiante a execução completa de uma missão.

- g — Entusiasmo: Ardor ou interesse acentuado no trabalho. Contagia o subordinado.
- h — Energia: Aptidão para impor sua vontade à de outrem.
- i — Modéstia: Ausência de arrogância e de orgulho.
- j — Bom humor: Capacidade de aceitar em bom estado de espírito, os múltiplos acontecimentos da vida diária.
- l — Iniciativa: Habilidade no agir, prontamente, em consonância com o pensamento do chefe, mesmo na ausência de ordens; diligência em propor medidas acertadas e oportunas.
- m — Integridade: Honestidade e inteireza moral.
- n — Inteligência: É capacidade intelectual que se exige de todos os escalões de comando.
- o — Senso de julgamento: Aptidão para analisar os problemas ou situações, pesar os fatores e chegar a uma decisão judiciosa.
- p — Sentimento de justiça: Aplicação imparcial e equânime dos prêmios e das punições.
- q — Lealdade: Atitude de seriedade e fidelidade para com superiores, pares e subordinados.
- r — Simpatia: Habilidade em conquistar a afecção daqueles que nos cercam.
- s — Tato: Aptidão no tratar com os chefes, pares e subordinados, sem ferir suscetibilidades.
- t — Desprendimento: Renúncia consciente do conforto ou dos privilégios que se possam usufruir em detrimento de outrem.

O saber é também atributo indispensável ao Chefe. Ter idéias é um imperativo da sua autoridade, já dizia o então Coronel Humberto de Alencar Castello Branco em suas reflexões sobre o trabalho de Comando.

S. Ex^a o Sr. Ministro Gen Orlando Geisel, quando Chefe do Estado-Maior do Exército, na solenidade de entrega de espadas aos srs. generais promovidos em novembro de 1966, pronunciou uma oração, de que retirei os tópicos que vou ler, por serem pertinentes ao tema que ora explano.

"Nunca será demasiado repetir, como está em todos os tratados de chefia e liderança, que o chefe só se afirma pelo exemplo, exemplo no pensamento e na ação.

Para se fazer exemplo na ação e no pensamento, o chefe encontra suas grandes inspirações no saber, no impulso, na objetividade, na simplicidade, na verdade, na justiça, na dedicação, no entusiasmo, na coragem.

Sem saber a vida é escuridão. Na medida em que se abrem os horizontes, se ampliam as responsabilidades do chefe no domínio do conhecimento, pois haverá mais inteligências esperando que a luz venha de cima para iluminar o seu caminho.

Nada se faz sem impulso, sem trabalho, sem dinamismo. Impulso é estímulo, é ímpeto, é esforço, indispensáveis às tarefas criadoras.

Mas ação sem objetivo é agitação. É mister buscar a objetividade, realizando coisas sensatas, práticas, tangíveis.

A simplicidade pode ser seguida também de humildade. É preciso buscar as coisas simples e espontâneas, na alma dos homens, ou nos espaços e amplidões.

O amor à verdade é a porta de todas as virtudes. É mister abri-la a todos os subordinados e à Nação inteira. Sómente a verdade constrói.

O senso de justiça do Chefe é a arte de alcançar a participação, a cooperação, a ajuda, a abnegação e o desprendimento de todos.

A dedicação é a capacidade de consagrar-se totalmente à missão. É a arte de oferecer-se, de dar-se integralmente ao esforço construtivo. Dar-se e fazer com que se dêem todos com todas as energias, à tarefa mais humilde, sem o desejo secreto de mostrar-se, que desvaloriza a empresa.

O entusiasmo é o fermento da vontade; é como se fôsse Deus no coração do homem.

A coragem é indispensável ao chefe. Sem a coragem não prevalecem quaisquer outras virtudes."

Temos falado em assessor ou estado-maior. Vamos estudar alguns de seus predicados colhendo elementos na COL 22-0-1, Chefia e Liderança, da ECEME, 1968.

Estado-maior de um comandante é o conjunto de oficiais destinado a auxiliá-lo no exercício de suas clássicas funções de planejar, organizar, dirigir, coordenar e controlar.

O oficial do estado-maior não exerce autoridade de comando. Quando emite ordens, o faz em nome do comandante, de acordo com normas estabelecidas pelo mesmo chefe.

As relações dos assessores com o comandante são de total franqueza no expor idéias e opiniões e se realizam dentro do espírito de obediência ao chefe e de execução de tudo o que não tenha sido ordenado mas que precisa ser feito.

O assessor expressará livremente suas próprias convicções e recomendações na devida oportunidade, mas levará ao chefe apenas

um resumo esclarecido de seu trabalho, acompanhado de elementos que possam indicar os motivos de suas convicções. O chefe não disporá de tempo para ouvir do assessor a narrativa minuciosa de como analisou o problema.

O assessor realiza seus encargos buscando êle próprio os elementos de estudo com que vai procurar soluções para os problemas. Aplicará todos os seus recursos no elucidar as questões. Não lhe cabe transferir para o chefe a tarefa que lhe foi proposta.

A análise dos pormenores de um problema e a sua síntese — clara, concisa e objetiva — são da responsabilidade do assessor incumbido de o estudar.

Seu trabalho tem que ser completo. Seu estudo, metuculoso, deve conduzi-lo a apresentar uma solução completa do problema, restando, apenas, ao comandante aprová-la ou não, aproveitá-la em parte ou rejeitá-la. Lembra a coletânea a conveniência de não estar o oficial de estado-maior, ou assessor, a importunar o comandante com pedidos de esclarecimentos, pois o comandante precisa de respostas e não de perguntas.

Essa afirmação serve apenas de advertência. O exagêro é condenável num sentido ou noutro. O oficial do Estado-Maior deve ter o discernimento necessário a que saiba da oportunidade de pedir esclarecimentos.

O oficial que faz parte de um Estado-Maior precisa ter capacidade de adaptação a situações novas, estabilidade emocional, polidez, curiosidade intelectual, senso de cooperação, maturidade, paciência, tolerância.

Para bem se comunicar deve ter facilidade de expressão oral e escrita e nível intelectual elevado.

Meus senhores, acredito no diálogo, no intercâmbio de idéias. Acredito nos princípios que regem a nossa profissão militar, na disciplina, na hierarquia, nas virtudes militares. Acredito nos benefícios que a minha crença proporciona às Forças Armadas. Acredito que servindo ao Exército estou trabalhando pela tranqüilidade da minha família, da sociedade, da minha pátria.

E porque assim se comporta o meu espírito, concatenei as idéias que se encontram nos compêndios e as transmiti hoje aqui no meu estilo.

Quando aluno da Escola Militar do Realengo, no 3.º ano da Artilharia, já me ensinavam os instrutores as primeiras noções de assessoria e de conduta de chefe militar.

Aconselhava-nos o Tenente instrutor a que, na subunidade em que fôssemos servir como subalternos, integrássemos com amor a equipe do Capitão. Que procurássemos estudar o pensamento dêsse chefe para com êle trabalhar em consonância.

Assim o fiz e muito aprendi com os conselhos e ensinamentos daquele meu jovem mestre do Realengo.

Do ponto de vista do chefe, éramos orientados pelo nosso Capitão-instrutor e comandante da Bateria da Escola.

Ele fôra instrutor de artilharia na EsAO, onde se revelou exímio artilheiro na conduta do tiro, como auxiliar do velho mestre de artilharia da Missão Francesa, o comandante Weller.

Dizia-nos aquele Capitão em suas preleções curtas e incisivas:

"O oficial é responsável pelo bom andamento das atividades no quartel, em campanha, na guerra. Onde um fato inconveniente estiver para se desenrolar, aí deve estar presente o oficial para impedi-lo de acontecer. Para isso, tem que possuir o dom divino da onipresença e da onisciência."

Que é êsse dom de prever as coisas, que se deseja atribuir aos chefes, senão um dote que se adquire pelo esforço, pelo trabalho, pela experiência?

Do chefe espera-se nobreza, discernimento, equilíbrio, justiça, bondade, entusiasmo profissional e seus atos devem refletir experiência fundada no saber.

Numa conferência que fez na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército para os alunos da turma a que eu pertencia, disse o então Coronel Humberto de Alencar Castello Branco que "os grandes chefes, além do saber, além do poder de observação e de compreensão, possuem a intuição. Por meio dela, apreendem o que está escondido nos homens e nas coisas, percebem mesmo as relações entre os fatos. Mas nem sempre a intuição é fiel. Os que se deixam só por ela levar podem enganar-se. Apreender a realidade sem usar do raciocínio é inexplicável. O chefe tem que empregar a reflexão".

Para melhor decidir, deve ouvir atentamente os seus auxiliares. Na Col 22-0-1, 1968, ECEME — Chefia e Liderança, página 53, encontra-se a seguinte sentença: "Escutar é a habilidade mais importante, mais difícil — e mais abandonada — da comunicação."

Após a decisão, ainda que contrária ao seu parecer, vai o assessor defendê-la e apoiá-la até o cumprimento da missão. Não pretenda usar a prerrogativa de decidir. Essa é da responsabilidade do chefe.

Servir é o nobre papel do assessor e sua função é cooperar.

Senhores oficiais-alunos, esta Escola nasceu há cinquenta e um anos e por seus bancos passaram Capitães e Tenentes que galgaram os postos mais elevados da hierarquia nas armas e serviços. Aqui firmaram as bases para se lançar adiante no caminho da responsabilidade crescente. Daqui saíram certamente estimulados para pros-

seguir nos estudos profissionais e transmitir aos seus subordinados a experiência que o seu trabalho foi sedimentando. Seus conhecimentos foram difundidos através da instrução dos quadros e da tropa.

A impulsão que receberam no hábito de estudar os conduziu a ingressar na ECEME ou em outro instituto de ensino superior do Exército ou das Forças Armadas.

Foram eles substituindo seus antigos chefes, por serem componentes de gerações sucessivas de novos chefes, e esse movimento nunca cessou e vai continuar pelo tempo afora.

Em cada ano esta Escola recebe numerosa turma de oficiais para, o esforço concentrado no estudo da tática e da técnica.

Hoje se inicia novo ciclo. Os senhores são um elo da corrente que o Exército estabelece em seu movimento para a frente.

O Exército não pára porque há sempre sangue novo a circular em suas veias e artérias.

Continuemos a participar no soergulmento do valor moral, espiritual e material da nossa instituição verde-oliva. Penetremos profundamente na alma das coisas do Exército pelo estudo continuado e persistente, para que, melhor o conhecendo, mais o amemos, mais nos dediquemos ao seu engrandecimento.

Sejam felizes e aproveitem com entusiasmo os ensinamentos que esta Escola se propõe difundir na formação da produtiva mentalidade do oficial superior.

A Diretoria de Formação e Aperfeiçoamento e o mais alto escalão de ensino, o DEP, dão-lhes as boas-vindas a esta casa e desejam-lhes muito sucesso no curso e plena saúde, inclusive aos seus familiares.

Mais importante do que a organização e as armas são os homens que compõem um moderno Exército. A modernização exige que o soldado seja bem preparado, alerta e inteligente. Ele deve saber pensar e agir rapidamente e ter versatilidade. E deve saber combater em condições superiores contra um inimigo acirrado.

Deve possuir, pelo menos em igual medida, a coragem moral e a devoção ao dever demonstradas pelos seus antepassados.

«Sem um código de conduta e um sentimento dominante, um país se desintegra; falta-lhe um ponto central. Uma nação que é um ajuntamento de aventureiros não é absolutamente uma nação. Preservar a coesão nacional é, em parte, missão da família, da igreja e da escola. Mas o serviço militar é também parte vital da escola, da cidadania e dos valores nacionais. Talvez seja a mais rija e a mais valiosa das experiências educacionais em uma democracia, porque exige que a inteligência seja combinada com coragem e lealdade aos ideais — muitas vezes com o risco da própria vida.

Em um sentido real, portanto, as Forças Armadas são a pedra angular do sistema educacional, onde os cidadãos recebem as qualidades essenciais a uma sociedade livre. Se isso fôr percebido pelo povo, então também será compreendido o papel construtivo das Forças Armadas».

QUALIDADES DE UM CHEFE

Tradução de trechos do Livro "Le Fil de l'Épée" do Gen De Gaulle, pelo Cel Carlos Fernando.

INTRODUÇÃO

Achamos deveras interessante a leitura do Livro "Le Fil de l'Épée". A utilidade e oportunidade de conceitos, nêle formulados, nos pareceram dignos da meditação dos companheiros. Essa a razão pela qual nos aventuramos ao presente trabalho de tradução comentada.

AÇÃO

Sobre a "Ação", isto é: a capacidade de decidir e agir face aos acontecimentos, assim se expressa o ilustre general:

"Perguntaram ao Marechal Pétain o que lhe parecia exigir maior esforço de um Chefe quando em ação. Respondeu êle: É ordenar. De fato, a intervenção da vontade humana, no encadeamento dos acontecimentos, possui algo de irrevogável. Útil ou não, oportuna ou infeliz, a decisão acarreta conseqüências indefinidas. O simples sentimento de ter essa audácia constitui um poderoso elemento de intimidação".

"A responsabilidade assume um tal peso que poucos homens são capazes de suportá-la. Eis por que *a posse, pura e simples, de alta qualidade de espírito não é suficiente*. É verdade que a inteligência ajuda, o instinto impulsiona porém, em última instância, a decisão é toda ela de ordem moral.

Assim é que o Chefe incapaz de decidir encontra, facilmente, em uma concepção abusiva da obediência, sofisma com aparência de argumentos que lhe parecem justificar sua omissão.

Sob o pretexto de não contrariar as intenções superiores mas, no fundo, para cobrir-se em relação aos outros e aos seus próprios olhos, êle se esmera em nada prescrever do que não lhe haja sido prescrito, seja pela autoridade superior seja, ao menos, pelo regulamento. E como, normalmente, não é possível fixar todos os detalhes nem prever todos os casos, isso resulta em um marasmo, em uma incapacidade de sentir o momento e de se adaptar às circunstâncias, que paralisam o todo".

"Nos escalões mais altos do Comando, onde as ordens recebidas permitem larga iniciativa, onde os textos regulamentares só fornecem algumas indicações gerais, uma tal fraqueza em decidir se assemelha a uma enfermidade e toma a forma da inércia."

"Às vèzes o Chefe incapaz de decidir assume, pela agitação, a aparência e a ilusão de atividade e, prèso a alguns detalhes, consome em intervenções supérfluas e desordenadas seu desejo de influenciar os acontecimentos."

CARÁTER

Analisando o *caráter* de um Chefe, no que diz respeito à sua maneira de proceder face a uma situação que exija decisão, assim prossegue o velho Cabo-de-Guerra:

"Face ao acontecimento é a si próprio que recorre o homem de caráter. Sua reação é a de impor à ação a sua marca, é a de tomá-la a seu cargo, de fazê-la seu próprio officio. Longe de se proteger sob a hierarquia, de se esconder nos textos, de se cobrir com os relatórios, ei-lo que se ergue e enfrenta o problema. Não que êle queira ignorar as ordens ou negligenciar os conselhos, mas porque tem a paixão de *querer*, o ciúme ou zêlo de decidir.

Não que êle seja inconsciente do risco ou desdenhe as conseqüências, mas porque os mede de boa fé e os aceita sem subterfúgios. Mais ainda, êle abraça a ação com o orgulho do amante, ela lhe pertence. Êle goza o successo desde que lhe seja devido, mesmo quando dêle não tira nenhum proveito, mas agüenta também todo o pêso do revés, sentindo nisso uma amarga satisfação."

"A característica de dar vida à empresa implica em possuir a energia para assumir as conseqüências."

"Se os acontecimentos se tornam graves, se o perigo é iminente e se a salvação comum exigir pronta iniciativa, o gôsto pelo perigo e a firmeza, transformam a situação e o que é justo vem a lume. Uma espécie de mola invisível lança o homem de caráter para o primeiro plano. Louva-se seu talento, os outros se aconselham com êle e submetem-se ao seu valor."

Assim tem ocorrido. Temos exemplos vivos de poucos anos atrás e, mais recentemente, isso tudo foi pôsto à prova.

PRESTÍGIO

Tema sempre atual é o do *Prestígio* do Chefe. As considerações pelo autor e que passaremos a transcrever, pareceram-nos de grande valia para uma orientação geral. Vejamos:

"Os tempos são difíceis para a autoridade. Em casa como na officina, no Estado como na rua, é a impaciência e a crítica que ela suscita, ao invés da confiança e da subordinação."

"Questão afetiva, sugestão, impressão produzida, espécie de simpatia inspirada aos outros, o prestígio depende primacialmente de um dom elementar, uma aptidão natural que escapa à análise. O fato é que certos homens espalham, por assim dizer, de nascença, um fluido de autoridade que não se pode discernir precisamente em que consiste e com o qual nos surpreendemos ao sofrer seus efeitos."

"Nem sempre há correspondência entre o valor intrínseco e o ascendente dos indivíduos. Vê-se pessoas notáveis pela inteligência e virtude que não possuem o brilho de outras menos dotadas de espírito e de sentimentos."

Ainda no que tange ao prestígio o autor faz observações interessantes sobre a mania do discurso. Diz ele:

"A sobriedade do discurso acentua o relêvo da atitude. Nada realça mais a autoridade do que o silêncio, esplendor dos fortes e refúgio dos fracos, pudor dos orgulhosos e orgulho dos humildes, prudência dos sábios e espírito dos tolos. Para o homem que deseja ou teme, o movimento natural é buscar na palavra um derivativo para suas angústias."

"Falar, aliás, é dar largas a seu pensamento, desenvolver seu ardor, é, em última análise, se dispersar quando a ação exige que a pessoa se concentre. Assim, o *instinto dos homens repele o patrão pródigo em frases*. Os regulamentos sempre prescreveram a concisão. Vemos, muito bem, hoje em dia como a autoridade se desprestigia ela própria, afogada no papelório e na maré dos discursos e palavrório."

"A lei do silêncio na atuação militar não está em conformidade com o que julga o povo. O romance, o teatro, o cinema nunca deixam de apresentar os Chefes militares como heróis discorrendo e gesticulando para conduzir seus homens."

A realidade, porém, desmente essa absurda convenção. Talvez a agitação verbal haja, por acaso, algum dia, provocado entre os subordinados um breve entusiasmo, mas... a que preço? De fato, nenhum daqueles que cumpriram grandes ações as dirigiram através de discursseiras."

Numa época em que o vírus do discurso, algo bombástico e sempre ameaçador, parece ainda, em certos casos, não querer ter fim, é interessante que tenhamos em mente o trecho final do parágrafo anterior do livro do General.

CONCLUSÃO

Ao finalizar transcreveremos conselho de outro estudioso de problemas de liderança. Disse ele: "Estudemos, aprimoremos nossos conhecimentos, sigamos os bons exemplos de Chefes que decidem de fato para que possamos conduzir e comandar e não ser meros joguetes nas garras dos acontecimentos".

SOLICITAÇÃO

VOCÊ, que tem idéias sôbre muitos problemas do Exército e do Brasil, ponha-as no papel e remeta-as para esta Redação. Use a sua tribuna para difundi-las.

VOCÊ, que estuda para a ECEME e organizou seu ponto, mande-nos para que seja publicado, servindo assim a todos.

VOCÊ, S-3 de unidade, que montou e executou um exercício no terreno, envie-no-lo para ser publicado.

VOCÊ, oficial instrutor das inúmeras Escolas e Cursos do Exército, que redigiu um nôvo ponto de instrução, que leu um artigo interessante em revista estrangeira, que montou uma demonstração, que fez algo nôvo, interessante, digno de ser divulgado e apresentado a todo o Exército, tome a iniciativa de nos mandar uma cópia, para inserirmos na Revista.

VOCÊS, sargentos, da tropa, das escolas, monitores, alunos, enviem-nos suas colaborações.

Serão bem-vindos!

A REDAÇÃO

EXCERTOS DA HISTÓRIA DE UM BATALHÃO, SUSTENTÁCULO DA REPÚBLICA

Gen Bda Int
EPAMINONDAS FERRAZ DA CUNHA

Em pesquisas de arquivo encontramos em alentados volumes as ordens do dia do 7.º BI, talvez, de um Corpo de Tropa do Império, sejam as únicas existentes que abrangem um período da monarquia — um ano e pouco. Daí, a pesquisa ter-se desenvolvido de 1888 a 1908, quando a Unidade foi extinta.

Oferecemos aos leitores um excerto da história do Batalhão correspondente ao período compreendido entre a Proclamação da República e 15 de novembro de 1890.

1. "Lá nesse país, que os nossos diplomatas qualificam com boa vontade de selvagem, nem um ódio explodiu, nem uma vingança apareceu. A embriaguez da vitória há tanto tempo esperada não armou o braço nem transtornou o cérebro. É verdadeiramente admirável!"

Assim comenta Henrique Rochefort sobre o nosso 15 de novembro, no jornal francês "L'Intransigeant", logo após a proclamação da República.

E arremata com um original conselho aos nossos republicanos, quanto ao modelo de governo que os brasileiros devem adotar:

"Por sua honra, por sua segurança e pelo seu futuro, estimaremos que não seja pelo nosso (tipo de governo)".

2. Cessada a euforia das primeiras horas, regressam aos quartéis as tropas que haviam desfilado, com Deodoro à testa, pelas ruas da cidade até o Arsenal de Marinha.

"... inclusive batalhões passavam por Ouvidor, congestionando o tráfego..."

dirá Machado de Assis.

O 7º Batalhão de Infantaria passa, então, a colaborar no restabelecimento da ordem, exercendo o policiamento, com determinações para que a maior calma e correção presidam a esse serviço.

Relatando e comentando os acontecimentos, o "Jornal do Povo", a 16 de novembro, publica:

"As 7 horas da noite (de 15) um oficial de Cavalaria percorreu as ruas da cidade dirigindo a seguinte proclamação:

— O General Deodoro manda dizer que o povo pode ficar tranqüillo. A cidade está entregue à guarda do 7º Batalhão de Infantaria e morrerá o ousado que tentar arrombar uma porta."

É curioso como os inimigos da República — os "restauradores" — vêem a situação. Eis o que publica, a 17, o jornal "Tribuna Liberal", órgão do Visconde de Ouro Preto, e que, referindo-se ao Proclamador da República, chama-o de "Sr. Ditador Deodoro":

"Continuou ontem (dia 16) a cidade imersa em profunda tristeza. No semblante de todos estava visível a surpresa, a consternação, o luto... As correrias da tropa de instante a instante perturbavam o fúnebre silêncio, ainda mais lutuoso com o fechamento de todas as casas comerciais. A espaços, bandas de música tocavam a Marselhesa e vivas sediciosos da população cortavam o espaço."

Dado o caráter, na época, das repúblicas da América Latina, onde florescia o absolutismo sob capas variadas, mas não sendo nenhuma delas um simile de democracia —, bem razoável é a opinião de um político, que nos é transmitida por Rodrigo Otávio, referindo-se à queda de Pedro II:

"Velo a República. Lembro-te que por essa ocasião disse o Presidente da Venezuela que havia desaparecido a única república existente na América..."

3. Enquanto esboroa a derradeira monarquia das Américas, o Brasil agita-se com a notícia — a porção do Brasil que está ligada pelos fios do telégrafo, pois a outra maior porção só saberá do fato dias e meses depois. A ordem do dia do nosso Batalhão, entretanto, silencia sobre o assunto.

Há um único registro nesse dia: a exclusão, embora permanecendo adido, de um 1º cadete — Augusto da Costa Teixeira — que obtivera licença para matricular-se, no ano seguinte, na Escola Militar do Ceará.

Dias depois, a 21 de novembro, em Ordem do Dia nº 1, diz o Comandante do 7º — o Coronel Tude Soares Neiva:

"Camaradas! O vosso heróico procedimento no memorável dia 15 do corrente, fêz quebrar para sempre os grilhões que nos prendiam à velha instituição da Monarquia, resti-

tuindo à nossa estremeçada Pátria a liberdade que nos deu o Criador e que nos havia sido roubada pelos despóticos governos em cujas mãos achavam-se os destinos dêste país.

O Exército, cansado de sofrer, vendo conculcados os seus direitos, deprimidos os seus brios e sentindo o desprezo com que era tratado, ergueu a cabeça, depôs os déspotas e em fraternal amplexo com o povo que também gemia na opressão, gritou logo: "Viva a Liberdade", e a República ficou sendo desde aquêlê momento a forma de governo de nossa Pátria, isto é, o Governo da Nação pela Nação.

Ao inclito Generalissimo Manoel Deodoro da Fonseca, sentinela avançada e vigilante de nossos direitos e prerrogativas, cidadão cujo coração só palpita pela Pátria, devemos as glórias que alcançamos nesta heróica jornada. A êle, pois, e à Pátria a nossa dedicação até o sacrifício da vida, se fôr preciso."

Em seguida, Soares Neiva transcreve a Ordem do Dia n.º 1, do General Floriano Peixoto, o Ajudante-General:

"Exultando do mais vivo contentamento, cumpro hoje o dever de levar ao conhecimento do bravo Exército que desde o dia 15 do corrente acha-se o torrão da Pátria sagrada sob a forma Republicana Federativa. Meu contentamento é tanto mais quanto, com brilho que jamais se apagará das páginas da história de todo o mundo, ficou patente que ao Exército e à Armada brasileiros, cujo patriotismo tantas vêzes provou nos campos de batalha, em meio das lutas mais renhidas em defesa da honra da Nação, e ao povo, se deve não só o êxito da empresa como também a maneira altamente digna e honrosa por que ela foi alcançada.

É mais uma data gloriosa para aquêles que pagam o pesadissimo tributo de sangue. Ao 7 de setembro de 1822 juntou-se o 13 de maio de 88 que quebrou os grilhões que por três séculos arrocharam o pulso de uma raça; ao 13 de maio que foi uma aurora, seguiu-se o 15 de novembro de 1889, data sacratissima porque aos pósteros lembrará o advento da inteira liberdade de um povo que a natureza opulentava com tudo quanto de grande havia em seus escrínios.

Cheio, pois, de vivissimo entusiasmo saúdo o Exército e louvo a maneira digna por que se houve nesses dias em que muito necessária é a correção de sua conduta, a prova inconcussa da sua disciplina que se deve manter a mesma e sempre a serviço da causa santa da Pátria que deve ser o

objeto de nosso ardente culto. Viva a República Federativa dos Estados Unidos do Brasil!

Viva a Armada!

Viva o Exército!

(a) *Floriano Peixoto* — Ajudante-General."

4. Inaugura-se no país uma era plena de igualdade e liberdade, de inequívoco estado de democracia. Derrubam-se os tabus criados pela nobreza. Todos iguais, a lei igual para todos.

Fora os privilégios de nascimento! Acabem-se as regalias! E como a expressão "senhor" carrega o ranço de séculos de feudalismo, importe-se e traduza-se o "citoyen".

Assim, o primeiro "cidadão" é incluído no efetivo do 7º, no mesmo dia em que é transcrita a ordem do dia de Florianó:

"... que seja incluído no estado efetivo do Batalhão e 3ª Companhia o cidadão Mário Pacheco da Silva, que pelo artigo 8º dos apontamentos da 1ª Brigada de hoje, foi mandado verificar praça neste Batalhão por ter sido julgado apto para o serviço do Exército..."

...mas, não tiremos ao primeiro "cidadão" do Batalhão o direito de usufruir o privilégio dos tempos da Monarquia, de usar a graduação de 2º cadete, uma vez que atende a exigências estabelecidas quanto à sua origem familiar:

"... e com permissão para usar o distintivo de 2º cadete..."

5. Vai-se encerrando o histórico ano de 1889, mas, antes que surja o Ano Novo, é aumentado o número de Batalhões de Infantaria, que passa a ser de trinta e três.

O efetivo de praças do 7.º é de:

— um sargento-ajudante; um dito quartel-mestre; um armeiro; um mestre de música; vinte músicos; um corneta-mor; quatro primeiros-sargentos; dezesseis segundos-sargentos; quatro furriéis; 48 cabos-de-esquadra; 312 anseçadas e soldados e dezesseis cornetas. Total 425 praças de pré.

Também o Natal será mais alegre com as perspectivas de um próximo ano com menores problemas econômicos para os militares: em 7 de dezembro, pelo Decreto n.º 43, são aumentados os vencimentos das praças.

Ao iniciar-se o ano de 1890, Tude Soares Nelva é promovido a Brigadeiro e despede-se do Batalhão na ordem do dia de 7 de janeiro; esta ordem, pela primeira vez, faz referência, no cabeçalho,

ao topônimo "Capital Federal", embora desde 18 de outubro de 1889 omitisse a referência à Corte", citando, somente, o aquartelamento: primeiro — após o desembarque, vindo de Mato-Grosso — na ilha de Bom Jesus, e depois no morro de Santo Antonio à retaguarda do convento do mesmo nome.

Diz ele que, honrado com a promoção com que fôra distinguido pelo patriótico Governo Provisório, é forçado a deixar o comando, passando-o ao substituto legal — o cidadão Major Manoel da Silva Rosa Júnior:

"Esta ordem do dia é, pois, a última de minha administração e nela, portanto, cabe-me fazer as despedidas de meus camaradas, aos quais louvo e agradeço a leal coadjuvação que me prestaram, exalto o espírito de disciplina de que deram prova, concorrendo cada um, na órbita de seus deveres, para o brilhante feito que a 15 de novembro do ano passado coube ao Exército e à Armada realizar, e à Nação, o sancionar e aplaudir.

Afastando-me dêste legendário Batalhão que adquiriu na guerra do Paraguai, sob o comando do saudoso Coronel Herculano Sancho da Silva Pedra, os justos foros de valente e denodado, sinto indizível saudade nesta separação somente mitigada pela idéia de que a ela devo os bordados que simbolizam o meu pôsto atual.

Ao despedir-me, peço-vos, como camarada, que continueis a dar os nobres exemplos de valor, disciplina, coragem e subordinação, únicos predicados que elevam o militar no conceito de seus concidadãos e o tornam credor de seu inestimável respeito e consideração, captando ao mesmo tempo a amizade e a confiança de seus chefes. E, como prova do quanto me mereceis, determino que os presos à minha ordem sejam postos em liberdade, não se fazendo nota em seus assentamentos; assim, também mando dar alta de pôsto às praças rebaixadas temporariamente.

Camaradas! As recordações que levo de todos vós jamais serão esquecidas; podéis contar com vosso ex-comandante nas emergências as mais difíceis como espero contar convosco na defesa dos direitos da nossa classe.

Recebei o abraço de despedida de vosso camarada e amigo.

(a) *Tude Soares Neiva* — Coronel Comandante."

No mesmo dia, o Fiscal — Major Manoel da Silva Rosa Júnior — também é promovido, e, como Tenente-Coronel, passa a comandar o Batalhão.

6. Aliás, as promoções são numerosas. É o reconhecimento da República a todos aqueles dedicados militares que tudo arriscaram para a concretização de seus ideais republicanos.

Pelo número de promoções quer-nos parecer que toda — ou quase toda — a oficialidade do 7.º é promovida.

Além do Coronel e do Major, são promovidos 3 Capitães, 5 Tenentes e 7 Alferes, todos por relevantes serviços. Nove sargentos são elevados ao oficialato.

O Brigadeiro Tude Soares Neiva vai comandar a 1ª Brigada, substituindo o General José de Almeida Barreto, que é promovido a Marechal-de-Campo. Mais tarde, Soares Neiva virá a ser nomeado Ministro do Supremo Tribunal Militar.

7. O sergipano Rosa Júnior vai completar 50 anos de idade, sendo assim, pelo gabarito da época, um Tenente-Coronel jovem.

Tendo assentado praça em 1858, logo torna-se 2.º Cadete. Alferes de Infantaria em 1863, parte em 1865 para a campanha no Paraguai.

Por algum tempo é um infante que combate embarcado. Faz parte da tripulação de vários navios que se empenham em rudes combates.

Na canhoneira "Avai", toma parte na batalha de Riachuelo. Transita depois pelos barcos "Amazonas", "Ipiranga" e "Parnaíba".

Promovido a Tenente, por estudos, vai para S. Domingos, na Argentina, a fim de integrar o 7.º Batalhão, que faz parte da vanguarda, a mando de D. Venâncio Flôres; em breve, estará combatendo em Itapiru.

A saúde periclita, e Rosa Júnior baixa a um "hospital ambulante" que o evacua para o hospital da Marinha, em Buenos Aires.

Removido para o Rio de Janeiro, tem a desventura de ver o barco naufragar em Laguna. Cedo retoma a viagem e baixa a um hospital na Côte.

Em 1867, retorna à luta, sendo comissionado no posto de Capitão e, em seguida, confirmado neste posto por estudos.

Porta-se bravamente no combate de Taboquari, sendo louvado pelo "seu distinto comportamento na linha de fogo". Seguem-se Angostura, Itororó, Avai e Lomas Valentinas.

Ferido nesta última batalha, é de novo mandado para o Brasil. Recebe, então, a Medalha de Mérito Militar pela sua atuação naquela batalha, onde foi o primeiro — à frente de sua Companhia — a transpor o fôssô do reduto, sendo ferido gravemente.

É recomendado ao Comandante-em-Chefe do Exército por haver sido observado naquela ocasião o seu comportamento, e pela bravura

e inteligência com que dirigiu os seus soldados até o momento em que foi ferido ao escalar a trincheira inimiga.

Volta ao Brasil em 1870, e é aprovado, com plenamente, nos exames práticos de Infantaria.

Dai adiante Rosa Júnior tem a oportunidade de servir às ordens de personalidades políticas, tais como o Presidente de Sergipe, o Presidente de S. Paulo e, de nôvo, o de Sergipe. Atua nessas ocasiões como ajudante-de-ordens. Nesta qualidade, também serve junto ao Comandante das Armas de Pernambuco. Recebe a Ordem de Aviz e, em 1887, é graduado no posto de Major.

Já vimos que a República o encontrou no 7.º, onde é promovido, por serviços relevantes, ao posto de Tenente-Coronel.

8. Nos primeiros tempos de seu comando, Rosa Júnior tem de vencer alguns óbices para manter a disciplina.

Começa por um capitão que levanta suspeição sobre a honrabilidade de parte da administração da Unidade. A sindicância nada apura de errado, e Rosa Júnior, dizendo bem conhecer a "índole pirrônica" do capitão, não aceita suas justificativas.

O General Soares Neiva, Comandante da Brigada, manda recolher o oficial prêso — por três dias — ao 10.º BI, punição que não é registrada nas alterações do capitão porque o General considera relevantes os serviços prestados à Pátria pelo oficial. Manda, porém, que o capitão seja considerado "doente em seu quartel".

Mal se encerram êsses desagradáveis fatos, o Tenente-Coronel Rosa Júnior vê atingida a boa fama do Batalhão por uma ocorrência havida entre as praças do 7.º e as da Brigada Policial:

"O conflito que deu-se ontem entre praças do Batalhão e do Regimento Policial desta Capital é tanto mais lamentável quando vejo terem sido olvidados os princípios da disciplina e da moralidade que devem manter as corporações militares. Sejam quais forem as suas concepções o seu dever é o de concorrer diretamente para o sustentáculo da ordem pública e garantia do respeito às leis servindo assim de guarda à honra e integridade da Nação.

Soldado que afasta-se destes preceitos tem revelado pouco amor à sua Pátria e por tão grave ato está sujeito a severa punição.

Este Batalhão que tem muito justamente conquistado reputação de disciplinado, deve zelar os seus bríos impondo-se à verdadeira estima e consideração de todas as corporações militares e dos seus concidadãos em geral.

Espero, pois, que as praças convencidas de que sem moralidade não há prestígio, saberão evitar conflitos, ainda mesmo que indivíduos mal intencionados e inimigos das novas instituições queiram com provocação arredá-los do elemento da ordem que constitui a tranqüilidade pública.

Mantendo a honra, o 7.º Batalhão de Infantaria tem demonstrado bem compreender a expressão da instituição do Exército na República dos Estados Unidos do Brasil.

Viva a República Brasileira."

Vive-se dias perigosos na nascente República; por isso, um conflito entre praças de corporações diferentes, fato que, em outras circunstâncias, mereceria somente o registro das punições e uma advertência para evitar-se a reincidência, reveste-se de aspectos alarmantes, chegando-se a destacar a possibilidade de estarem os "restauradores da monarquia" juntos àqueles que fomentam a discórdia entre as praças.

Uma semana antes, entretanto, Rosa Júnior estava feliz e dizia:

"... me é grato manifestar o meu regozijo pela lisonjeira apreciação do General a cujas imediatas ordens serve o Batalhão. O desenvolvimento e boa vontade de cada soldado em aceder às exigências de seus oficiais têm constituído neste corpo uma garantia ao grau de disciplina a que atingiu."

"Sic transit gloria"... do disciplinado 7.º BI.

9. Dias depois, o Comandante do 1.º Batalhão do Regimento Policial do Distrito Federal oficia a Rosa Júnior:

"Tenho a satisfação de enviar-vos a inclusa cópia da ordem do dia que fiz ontem publicar, aludindo ao conflito que, infelizmente, deu-se na noite de 2 do corrente (março de 1890) e peço-vos manifesteis ao vosso Batalhão, a que me desvanço de já ter pertencido, o pesar que me causou semelhante fato e a esperança que nutro de que ele jamais se reproduzirá, porque a isto, sem dúvida hão de se opor os nossos esforços e melhor ainda, a espontânea confraternização das nossas praças. Saúde e fraternidade. *Manoel Presciliano de Oliveira Valadão* — Tenente-Coronel."

Rosa Júnior, face às alterações que ferem a disciplina, não descuida e instaura logo o regime dos "jejuns", começando em três anseçadas que, durante o expediente, estão em pândega em um "quiosque" da Carioca. São 25 dias, em fases alternadas de jejum...

Porém, o que restabelece o moral da tropa é um registro encimado pelo título "Sinal de satisfação".

"Tendo a ordem do dia da guarnição n.º 110, publicado as sentenças de pena de morte, comutadas em carrinho perpétuo, e de 20 e 10 anos de prisão com trabalhos, impostas a diversas praças dos 23.º e 24.º Batalhões de Infantaria, pelos crimes de insubordinação e tumulto no rancho, este comando folga por ver que o Batalhão tem praças de comportamento tal que desde 1880, data em que conhece o pessoal do mesmo, ainda não se deu um fato semelhante, e por isso congratula-se hoje, esperando que os velhos soldados conduzam os recrutas pelo sacrossanto caminho da disciplina a fim de que continue este Batalhão a ser considerado por seus superiores como ordeiro e disciplinado."

Por este registro, concluímos que nos novéis Batalhões 23 e 24 de Infantaria — criados em 1888, há dois anos somente — deve ter havido gravíssimos acontecimentos, para que até a pena de morte tenha sido aplicada pela Justiça. Ficamos sabendo também que, no ano da Graça de 1890, ainda há condenados a carrinho perpétuo.

Vejam no dicionário o significado de "carrinho":

"(ant) argola de ferro que se adaptava, por castigo, às pernas dos soldados."

10. Sobre estas ocorrências havidas logo após a proclamação da República sabíamos que, em 18 de dezembro de 1889, tinha havido perturbações em um dos quartéis do Rio.

O Visconde de Ouro Preto a elas se refere em seu livro escrito do exílio, onde transcreve telegrama que Rui Barbosa teria mandado a Latino Coelho, em Lisboa, dizendo que "... é falsa a notícia de revolta dos corpos de Artilharia. Apenas houve um motim de alguns soldados..."

Mas o Visconde também acresce, baseado em Cristiano Otôni, que houve algo de grave e sério, pois teriam sido condenados mais de 50 inferiores e soldados, entre os quais 10 à pena de morte, comutada, depois, em galé perpétua:

"... o comandante do Regimento foi pôsto em liberdade, houve a lamentar-se alguns ferimentos e três ou quatro mortes..."

Sobre a ocorrência havida no 2.º Regimento de Artilharia, assim se expressa Leôncio Correia em "A verdade histórica sobre o 15 de novembro":

"Quando, depois de haver sido sufocada a revolta de uma parte do 2.º Regimento de Artilharia, em dezembro de 1889, em reunião ministerial, convocada para tratar desse

assunto, disse êle (Deodoro) que, de acôrdo com as leis militares, os rebeldes deveriam ser passados pelas armas, mas, tratando-se de assunto de tão grande importância, desejava ouvir a opinião dos companheiros de Governo. Os ministros unânimemente se manifestaram a favor do perdão. Deodoro, com aquêlê olhar de águia, fitou-os e respirando fortemente lhes disse com fisionomia radiante de júbilo: "Os senhores me aliviaram a alma de um grande peso, pois me seria muito doloroso ter de mandar executar êsses pobres soldados, explorados em sua ignorância."

Portanto, os motins de dezembro de 1889 ocorreram não só no 2.º Regimento de Artilharia, mas também, nos 23.º e 24.º BI. Pelos tristes exemplos destas Unidades, concluímos que o nosso 7.º é, apesar de suas arruaças com os policiais, um Batalhão ordeiro.

Esta deve ser a opinião de Rosa Júnior — certamente um bom católico, ainda não acostumado com a separação entre a Igreja e o Estado. Eis por que, na quinta-feira da primeira Semana Santa transcorrida na República, êle faz publicar o seguinte:

"Sendo amanhã um dia que tôda a orbe cristã comemora, por ter sido Jesus Cristo condenado à morte em uma cruz pelas autoridades romanas e figurando êste fato histórico nas páginas dos livros que constituem a religião católica apostólica romana e sendo essa religião seguida pela maioria da população da República Brasileira, e êste Batalhão, como filho predileto do povo tem até hoje respeitado êsse dia, em atenção, pois, a tão memorável data, determino que sejam postos em liberdade todos os presos à minha ordem."

11. O quadro de Officiais-Generais do Exército é reorganizado, havendo uma redução no Corpo de Estado-Maior General, o qual passa a ser composto de 4 Marechais, 8 Generais-de-Divisão, 16 Generais-de-Brigada. Os Marechais ficam equiparados aos Almirantes; os Generais-de-Divisão, a Vice-Almirantes e os de Brigada, a Contra-Almirantes. Os atuais Tenentes-Generais são considerados Marechais, os Marechais-de-Campo passam a ser Generais-de-Divisão e os atuais Brigadeiros, Generais-de-Brigada.

Cêrca de cinqüenta anos depois, ressurgirá o pôsto de Brigadeiro nas Fôrças Armadas Brasileiras; a designação, porém, não será de uma patente do Exército e, sim, da Aeronáutica.

Pouco depois, Floriano deixa o cargo de Ajudante-General para assumir os destinos da pasta da Guerra. Despede-se dos subordinados na ordem do dia, de 6 de maio de 1890:

"... A Justiça impõe-me, agora, o grato dever de manifestar minha cordial satisfação pelo comportamento correto do

Exército, máxime depois do glorioso 15 de novembro em que a ordem e a tranqüilidade têm sido mais do que dantes mantidas, conquistando êle, assim, o respeito e consideração dêste grande povo brasileiro. Minha gratidão é especialmente aos Generais, comandantes, oficiais e praças dos Corpos desta brilhante e patriótica guarnição pela confiança e amizade com que sempre fui distinguido... O Exército, que bem conhece sua responsabilidade na organização desta nossa Pátria, saberá prosseguir, estou certo, no perfeito cumprimento dos seus áduos deveres. (a) Marechal *Floriano Peixoto*."

Enquanto Floriano despede-se, na qualidade de Ajudante-General, o Fundador da República — o General-de-Brigada Dr. Benjamim Constant Botelho de Magalhães — Ministro interino da pasta da Guerra, despede-se do 7.º BI, por deixar esta função.

Êle visita o quartel no morro de Santo Antônio, à retaguarda do claustro do convento. Percorre tôdas as instalações e passa revista à tropa formada. Ao retirar-se, declara estar bem impressionado pela boa ordem e asseio que notou, determinando que sejam elogiados os oficiais e praças pelos bons serviços que prestaram com dedicação e lealdade durante o tempo em que êle exerceu o cargo de Ministro da Guerra. Faz ainda ciente de que tem o maior interesse pelo 7.º BI, que sempre lhe mereceu tôda a atenção e confiança.

O Tenente-Coronel Rosa Júnior exulta com a visita e as palavras de Benjamim. Diz aos comandados que, ao dar publicidade da determinação do Ministro, se congratula com os oficiais e praças pelo elevado conceito e alta estima que acabara de merecer de tão distinto chefe, em quem a Pátria brasileira reconhece o grande e dedicado cooperador de seu futuro engrandecimento.

12. Um novo fato vem ressaltar o valor da instrução ministrada às praças do 7.º, que se ufana de ser um unidade de elite da guarnição.

A Argentina, em virtude de convênio firmado com o Brasil em 13 de maio de 1888, confere medalhas a militares brasileiros que participaram da guerra contra López.

Para realçar a cerimônia da entrega das condecorações, realiza-se uma grande parada no Campo de S. Cristóvão. Do resultado desta formatura, conta-nos Rosa Júnior:

"Na grande parada que teve ontem lugar no Campo de S. Cristóvão tive a grande satisfação de ver o grau de disciplina e instrução a que tem atingido o 7.º BI, cujo comando me foi confiado pelo patriótico benemérito Governo da florescente República dos Estados Unidos do Brasil.

O completo estado de asseio nos uniformes, a correção no desenvolvimento das diversas manobras, a firmeza e o garbo militar que se notava em geral, demonstram o zelo e o interesse dos comandantes e subalternos das respectivas companhias e, muito principalmente, do brioso Major-Fiscal.

Impellido, pois, pelas atribuições conferidas ao chefe de um corpo, louvo ao Major Carlos Olímpio Ferraz pela sua dedicação, atividade, zelo e interesse pela causa do Batalhão a fim de que continue este a ser considerado o mesmo, cujas tradições revelam a história e atesta o emblema do Cruzeiro que figura na bandeira: aos... (faz citações individuais de oficiais e concita as praças que continuam na mesma norma de proceder).

O vosso Comandante, que fez hoje pública a presente ordem do dia, somente aspira à glória de manter o legendário 7.º BI no grau de disciplina em que se acha e que seja ele eternamente dedicado ao Imortal Generalíssimo Manoel Deodoro da Fonseca, Chefe do Governo Provisório desta República, à qual muito concorrerá para o seu engrandecimento."

O sucesso da apresentação do 7.º nessa solenidade continua a repercutir. Agora, é o General Tude Soares Neiva, Comandante da Brigada, que assim se refere sobre a parada realizada a 25 de maio (e não a 24, aniversário da batalha de Tulu):

"... e não podendo especificar os nomes de todos os oficiais que se esforçaram por tão satisfatório resultado elogio os senhores comandantes dos 1.º, 7.º, 10.º e 24.º Batalhões de Infantaria..."

O elogio do General é diplomático; não há destaques... Mas, assim não pensa o Generalíssimo.

Ao ver toda aquela tropa, seis meses depois da proclamação, Deodoro recorda-se dos verdadeiros amigos daquele dia.

Estão ali vários batalhões de infantaria, porém Deodoro deve melhor apreciar as evoluções dos corpos de infantaria que mais cerradamente participaram do evento. São eles, o 1.º e 7.º BI, os mesmos que o acompanharam a Mato Grosso e os elementos de infantaria que mais se comprometeram na gloriosa manhã.

Damos destaque a estes fatos, porque desta parada resultará a apreciação que está inserida na ordem do dia do Ajudante-Generai, transcrita na do Batalhão, do dia 5 de junho:

"Tenho a satisfação de fazer público à guarnição que o Generalíssimo Chefe do Governo Provisório declarou terem

os corpos que hoje formaram por ocasião da solenidade da distribuição das medalhas argentinas comemorativas da campanha do Paraguai, executado bem as diversas manobras ordenadas, salientando-se o 7.º Batalhão de Infantaria e a 3.ª Companhia do 1.º Batalhão da mesma arma, comandada pelo Capitão Antônio Basílio Pirro (a) *José Simeão de Oliveira* General-de-Divisão Ajudante-General."

A alegria de Rosa Júnior deve ter sido imensa, pois determina que a ordem do dia referida seja lida, por três dias, na ocasião da revista de recolher.

O Comandante sente que o Batalhão se está entrosando com as suas diretrizes e não perde ocasião para salientar o bom comportamento do seu pessoal. Que não venha um outro conflito estragar tudo!

Ao dar publicidade a um ofício do mesmo Comandante do 1.º Batalhão do Regimento de Polícia, que enaltece a ação de um cabo do 7.º que ajudara a prender uma praça do 1.º Batalhão de Artilharia de Posição que, embriagada, espaldeirava com o sabre os passageiros de um bonde na Rua do Passeio, o Tenente-Coronel Rosa Júnior conclui com estas palavras:

"Este Comando, ao dar publicidade a tal ocorrência, espera que as praças do 7.º BI, mirando-se no procedimento correto do cabo Monteiro, procedam sempre da mesma maneira, pois é esse o verdadeiro caminho do militar brioso tanto mais quanto concorrem dêsse modo para a boa ordem e disciplina do Batalhão e consideração de seus chefes."

13. Leiamos, agora, um anúncio, ainda do tempo do Império, em 1883:

"Protetora das Famílias — Associação Brasileira de Seguro Mútuo sobre a Vida — na Rua da Quitanda n.º 103 — cujos contratos de seguro convêm especialmente:
..... a quem quer formar um pecúlio para livrar do recrutamento alguém que a essa lei venha a estar sujeito."

Se com dinheiro se livra alguém, nesses tempos, do recrutamento, também por dinheiro — e não só por causa do sôlido, do uniforme, do alojamento e do alimento — assenta-se praça como voluntário.

Na Monarquia e na República, o 7.º recebe voluntários que assentam praça com direito a prêmio estipulado em 300\$000 e que

lhes será pago em prestações; e o alistamento não é por curto prazo:

"Por portaria do Ministério da Guerra de 6 do corrente mês (agosto de 1890), publicada na citada ordem do dia da Guarnição, foi mandado aceltar voluntários mediante o prêmio de 300\$000 que deve ser pago dora em diante em seis prestações, sendo a primeira no ato do alistamento, a segunda dois anos depois e as demais no fim de cada ano que se seguir até aquêle em que se completar o prazo da lei, para o total vencimento do referido prêmio De modo análogo se deverá proceder quanto ao prêmio de engajamento."

Como vemos, o contrato vigera por 6 anos, um razoável prazo. Entretanto, se a praça desejar interromper o compromisso, há uma forma legal para fazê-lo: trazer outro cidadão para substitui-la.

Calculamos que o desistente tenha de pagar ao "voluntário" para que este ingresse nas fileiras, em sua substituição.

Aprecieemos um caso registrado nas ordens do dia do 7º:

"Tendo o anspeçada... apresentado como seu substituto o paisano (este não teve o tratamento de "cidadão")...; filho de Fulano, determino que fique o primeiro excluído do estado efetivo do Batalhão e o segundo incluído na 1.ª Companhia, no ensino de recrutas, ficando ambos sujeitos às disposições da lei em vigor."

O anspeçada despe a farda e sai, todo lampeiro, pelo portão do quartel.

Um mês depois, a ordem do Batalhão publica, sob o título "Substituído novamente incluído", o seguinte tópico:

"Havendo sido excluído como réu da 1.ª deserção simples no dia 17 de agosto findo, o soldado..., apresentado como substituto no dia 2 do mês, pelo anspeçada... da referida Companhia, que por tal motivo havia sido excluído com baixa no citado dia 2 —, determino que fique este novamente incluído no estado efetivo da Companhia a contar de ontem como soldado e com o número que anteriormente tinha, dia em que foi mandado apresentar pelo comando da 1.ª Brigada e considerado praça voluntária de 25 de maio último, descontando 33 dias que esteve fora das fileiras do Exército como substituído."

Mai negócio fez o anspeçada. Perdeu as divisas, o dinheiro que certamente dera ao "paisano" tráfuga e, ainda, 33 dias de serviço para completar seu tempo nas fileiras.

14. Tal sistema de recrutamento carrega para o Exército homens sem habilitação, sendo comum, na qualificação desses homens, encontrar-se o registro de "sem ofício", muito embora o voluntário não seja adolescente. Aqui está um que se engaja, aos 27 anos de idade, sem ofício, por um período de dois anos — "mediante um prêmio de 100\$000 que deverá receber em prestações de 16\$666, sendo a 1.^a neste mês, a segunda, um ano depois e as demais, no fim de cada três meses que se seguir, conforme o determinado pelo Ministério da Guerra em portaria de 6 de agosto último (1890)..."

Quando o voluntário tem habilitação que seja de interesse da unidade, então a idade não tem mesmo nenhuma importância, e até não é empecilho o fato de ter encargo de família. Este é o caso de um candidato que assenta praça, tendo como profissão a de cozinheiro; com 36 anos de idade, casado, nascido em Buenos Aires, mas de nome bem português, e com uma altura que talvez fosse motivo de rejeição aos padrões atuais: 1,58m.

Conversamos com um velho amigo ainda rijo e lúcido, em seus 93 anos de idade. Contou-nos que, sendo ele uma praça do Corpo de Bombeiros do Rio, pelo ano de 1897, ao tempo da campanha de Canudos, tinha um amigo operário que descia diariamente do morro do Pinto para o trabalho. Por algum tempo, por dever de amizade deu cobertura à vinda do amigo, acompanhando-o. É que, nas ruas, os recrutadores de "voluntários" punham em risco a condição de "paisano" do amigo, no afã de apanhar elementos para assentar praça nos batalhões que seguiriam para a Bahia.

15. O Batalhão, nesse primeiro ano de República, não tem tempo para a prática de exercícios de grande montagem. Aliás, a sua própria localização no morro de Santo Antônio não favorece à boa instrução da tropa, à ordem unida e às evoluções compatíveis com a tática que se emprega na época. Daí deslocar-se a Unidade para logradouros que ofereçam grandes áreas livres. E um deles é o Campo de São Cristóvão.

Rebuscando a memória que já está um tanto esquiva, lembramo-nos de haver lido em alguma obra uma descrição destes exercícios em zona urbana. Onde lemos? — não recordamos. Mas, memorizando tanto quanto seja possível, e adicionando outro tanto de imaginação, tentaremos vivificar a cena.

No bairro que tivera a honra de abrigar a família imperial, o 7.^o "republicano" evolui no grande Campo, atraindo das ruas vizinhas o povo curioso, as meninas-moças para olhar os alferes, as crianças para cercar a banda e a patulêia — entre curiosa e

atrevida — para se estender no capim, onde, atenta, acompanha as manobras, que aprova ou critica, refinados táticos amadores que julgam ser.

Quando sobrevém o descanso, e as armas são ensarilhadas, e o "à vontade" é concedido à tropa suarenta e faminta, as moças desfilam ante a oficialidade mais jovem. Pelas fimbrias das sombrinhas de cores claras que as abrigam do sol quente, mandam aos mavórticos alferes que cofiam as guias dos bigodes, olhares estudados, copiados dos folhetins romanescos e das obras-primas da escola realista que se vem desenvolvendo.

Na malta, porém, não há requintes. Acercando-se dos soldados cansados que derreiam, em uma pedra aqui e num tronco ali, ela os trata, desde logo, com intimidade. Uns vendem-lhes guloseimas, farnel de mósca; outros, vadios, cutucam-nos para provocar a esperada resposta que não tarda, vinda no traçado relâmpago de uma pernada da praça, mestre em capoeira.

O toque do corneteiro convoca o Batalhão — já refrescado — à formatura.

Antes de afastar-se com os companheiros, ainda há tempo para que um crioulo desempanado rodeie a cintura de um belo tipo de negra-mina — que parece ter vindo diretamente do Níger — para tentar fazer-lhe uma carícia prenhe de calentura. Ela, ágil, desembaraça-se da armadilha viva, e, sacudindo o braço de lindo torneado — as pulseiras de falso ouro tintinabulando pelo impulso do gesto — derruba o boné de pala empinada, libertando a gaforinha brilhosa de óleo do conquistador descarado. Já longe, um camarada seu adverte-o do atraso; ele ainda hesita, ao abaixar-se para apanhar a cobertura. Não sabe se atende ao dever ou se persegue a tentação que se afasta bamboleante.

Mas, lembrando-se dos oito dias que tirou de guarda, em ordem de marcha, a meio dia de folga, cuspinha por entre os dentes podres um calão chulo e corre para a fileira que o espera.

E o 7.º, após um árduo dia, chega, à tarde, ao largo da Carioca, com a banda à frente, atenta aos sinais de regência do mestre Malaquias Pinto Bispo.

16. No ano de 1890, o primeiro ano em que os brasileiros vivem sob o novo regime, as comemorações das efemérides em que as Forças Armadas tiveram marcante atuação realizam-se, agora, com maior entusiasmo por essas Forças. Assim é, em 24 de maio, em 11 de junho e em 7 de setembro; e, assim será, em 15 de novembro.

Em compensação, a tropa não tem mais por que ir às missas dos dias santos, nem os oficiais da alta hierarquia militar, de comparecerem à Imperial Capela para assistirem às missas gratulatórias

ou de intenção às almas, missas essas referentes às datas ligadas às pessoas da família imperial.

Alguns anos antes da República, o calendário atestava que, durante o ano, havia 16 dias feriados ou santos; e a tabela de dias de grande e pequena gala, e os de luto, para os atos em que a família imperial comparecia à sua Capela, consignava 43 atos litúrgicos estipulando o dia, a hora e o traje para cada cerimônia.

Apesar de haver 16 dias feriados ou santos na "folhinha", aquele que mais tarde será elevado a "Patrono da Nacionalidade Brasileira" — o bravo e estóico Alferes Tiradentes — não merece, no Império, a inclusão do "21 de abril" nesse rol de datas de reverências.

A realza estava sentida com aquele homem que, ao pensar na independência da Pátria, tivera a petulância de não lembrar a monarquia para regime do novo Estado. Além disso, o seu gesto libertário ferira a autoridade de D. Maria I, a augusta bisavó do bom Pedro II, a Senhora que reinava, de Lisboa, sobre o Brasil, e a cuja Justiça Tiradentes pagaria com a vida pelo "horroroso crime de rebelião e alta traição de que se constitui chefe, e cabeça na Capitania de Minas Gerais, com a mais escandalosa temeridade contra a Real Soberania, e Suprema Autoridade da mesma Senhora que Deus guarde".

Se Tiradentes não é lembrado nem reverenciado pela Monarquia, o Imperador — este sim — tem sua data natalícia — 2 de dezembro — inscrita no calendário de datas festivas, data que ainda hoje é lembrada em placa de rua carioca.

17. Ah! os "2 de dezembro"! Para relembrar a efeméride e suas conotações com os militares, vamos buscar — mais uma vez — o mestre Machado de Assis, não o velho romancista, mas o jovem escritor no período da sua formação literária, no remoto ano de 1862:

"O aniversário do Imperador foi este ano muito brumal. Todo o dia choveu e esteve a atmosfera sombria. Os festejos consistiram, além das salvas de estilo e do Te-Deum, no cortejo, que dizem ter sido muito concorrido pela "mil-tança" (não admira, atendendo à lista das promoções do Exército e da Armada), em bandeiras, música e iluminação na frente do quartel do Campo da Aclamação, na inauguração do retrato do monarca na sala das sessões da Companhia da Estrada de Ferro de D. Pedro II, e na da imperial sociedade de beneficência...

Da parada, que devia efetuar-se à tarde, S. M. dispensou a guarda nacional...

Falamos nas promoções do Exército e da Armada. Felizmente houve só isso, e já há algum tempo não vemos aquelas

"carradas de graça", com que o governo as fez ir perdendo da valla, e com que tão mal habituou o povo, ainda ao presente andam muito de antemão a indagar se há "graças", e os famintos delas (que os há e em não pequena quantidade) esperam pelos aniversários da Família Imperial, como os judeus esperavam pelo maná do céu.

Se porém já se tem ganho alguma cousa neste sentimento, ainda assim nos parecem pouco convenientes essas listas de promoções, para as quais não achamos explicação, e a não ser recordação da velha usança, um desejo de não acabar com o ruim vézo. Compreendemos que o monarca, em um ou outro dos aniversários de sua família, queira dar a algum de seus súditos uma prova de aprêço, de reconhecimento de serviços e para isto se sirva de alguns títulos ou de alguns cargos de sua casa. É natural, e isto depende da vontade imperial. Mas as promoções que são prescritas em lei, para que demorá-las? Quando um militar, de terra ou de mar, tem adquirido o direito de ser promovido e quando há vaga que preencher, para que obrigá-lo a esperar para um dia em que devam também ser contemplados outros, que só mais tarde adquiririam direitos e que vem assim a ficar iguallados em antiguidade? Não seria mais justo fazer as nomeações à proporção que os individuos se achassem no caso de ser promovidos?"

Com irreverência, o então jovem cronista Machado de Assis critica as promoções com data única — o aniversário do Imperador. Ao fazê-lo, confunde tais promoções com as benesses que D. Pedro II — um tanto escassamente — confere aos seus súditos, em forma de galardões.

Dizemos "escassamente", e transcrevemos, para confirmar, o que nos diz Luiz Marques Pollano quando trata da ordem de Aviz:

"Ao todo, 45 grão-cruzes (concedidos por Deodoro). Nos 53 anos do seu longo reinado, D. Pedro II criou apenas MENOS UM grão-cruz de Aviz do que o Fundador da República! D. Pedro I, em um decênio, fez 33 grão-cruzes nas 5 ordens vigentes e D. João VI, de 1808 a 1821, nas Ordens de Cristo, Aviz e São Tiago da Espada, elevou somente 21 pessoas àquella dignidade...

O Marechal Deodoro, como se vê, necessitando de dedicações novas e cumprindo-lhe, por outro lado, pagar serviços prestados ao novo regime, foi de uma grande liberalidade com as condecorações. Em apenas oito meses distribuiu 710 títulos somente na Ordem de Aviz".

18. No ano de 1889, por razões óbvias, a data aniversária de D. Pedro II não mais arrastará ao Paço, dando brilho àqueles salões normalmente sombrios e tristes, o numeroso cortejo de casacas e fardões ornados de flamantes condecorações; nem as damas da mais elevada dignidade da Corte estarão — em gracioso gesto — reverenciando a D. Teresa Cristina, sobre cuja figura a páatina dos anos mais acentua a sua nobre modéstia.

"O tēpōra! O mores!"

Os tempos mudam, de fato. Agora, a data natalícia a festejar é a de Deodoro.

Em 5 de agosto de 1890, o Tenente-Coronel Rosa Júnior se expressa em sua ordem do dia:

"Companheiros e camaradas! O dia de hoje é para nós uma data gloriosa e que nos traz imenso prazer e entusiasmo. Levados, pois pelos sentimentos da gratidão e do dever, devemos-nos conglatular pelo feliz aniversário natalício do inclito Generalíssimo Manoel Deodoro da Fonseca. Chefe do Govēno Provisório a quem devemos patentear a nossa sincera dedicação e lealdade, visto que foi um dos primeiros cooperadores da salvação da nossa Pátria no memorável dia 15 de novembro.

Em vista, pois, do contentamento de que me acho possuído congratulo-me com os oficiais e praças do 7.º Batalhão de Infantaria, do qual sou comandante, e espero que estas e aquēles, continuem, como sempre, a proceder como têm procedido, trilhando o caminho da honra e do dever, predicaados do militar brioso".

Neste ponto, Rosa Júnior aproveita para expressar a sua satisfação com a melhoria havida no comportamento das praças:

"Não existindo praças prēsas correccionalmente, o que vem demonstrando a grande disciplina em que se acha o Batalhão, determino que tenha alta de pósto o 1º sargento X."

É legítima a satisfação de Rosa Júnior. De fato, deve ser motivo de orgulho para um comandante ter sob o seu comando uma Unidade que, além de merecer de Deodoro encômios revelados em público pelo apuro da sua instrução, pode apresentar — na data natalícia do Generalíssimo — xadrezes vazios.

19. Neste primeiro ano de República, a guarnição do Rio de Janeiro tem comandantes de corpos escolhidos a dedo por Deodoro e Floriano, homens avaliados pelos índices revelados em competência profissional e amor à República.

Ai estão alguns deles:

- Coronel João Vicente Leite de Castro, do 2.º Regimento de Artilharia;
- Coronel João Batista da Silva Teles, do 1.º Regimento de Cavalaria;
- Coronel Manoel da Silva Rosa Júnior, do 7.º Batalhão de Infantaria;
- Coronel Antonio Carlos da Silva Piragibe, do 10.º Batalhão de Infantaria;
- Coronel Carlos Magno da Silva, do 22.º Batalhão de Infantaria;
- Coronel Estevam José Ferraz, do 23.º Batalhão de Infantaria;
- Coronel Sebastião Raimundo Ewerton, do 24.º Batalhão de Infantaria;
- Tenente-Coronel Antônio Moreira César, do 1º Batalhão de Infantaria.

Comandam as duas Brigadas os Generais-de-Brigada Tude Soares Neiva e Carlos Frederico da Rocha.

O Comandante do 7.º já é Coronel, e da relação de comandantes de corpos do Rio somente um Tenente-Coronel ainda resta. E seu nome, que já é bastante conhecido, estará em manchetes nos anos próximos.

No momento, o que preocupa o General Tude Neiva é manter a sua Brigada em plena forma, disposta a atender a qualquer emergência.

Para testar os corpos da Brigada, determina que se faça um exercício de alarma do qual não participará o 7.º (por estar aquartelado longe do Quartel-General), no casarão do Campo da Aclamação, onde se encontram os outros três Batalhões sob o seu comando.

As 12 horas e 15 minutos do dia 17 de maio, Tude Neiva manda tocar, de inopino, reunir. Ao estrídulo da corneta, enche-se o pátio interno do velho Quartel-General do Campo. Correm as praças às Companhias, enquanto as arrecadações se abrem para dar saída ao cartuchame que, às pressas, é enfiado nas patronas.

Em pouco, as áreas fronteiras a cada alojamento semeiam-se de soldados a ajeltar o equipamento, enquanto outros, menos preparados, enchem os cantis em alguma bica próxima.

O General Tude Neiva vê prazeroso, sustendo na mão o grosso relógio, reunirem-se os elementos dos 1.º, 10.º e 24.º Batalhões, formados em completa ordem de marcha e municiados com cem cartu-

chos por praça. E tudo isto é feito em menos de 20 minutos, com o acréscimo de que, as Unidades, à exceção de uma, estão — além de municadas — asseadas.

Mas o Comandante da Brigada mostra-se desagradado pelo fato de o Comandante do 24.º não haver comparecido para ver que o seu Batalhão não estava no estado de limpeza desejado. Ignoramos se o Comandante da Unidade era o titular ou um eventual substituto. Em contrapartida, o General exalta a um outro Comandante: o do 1.º BI, cuja Unidade, em 12 minutos, está formada e perfeitamente asseada. Seu nome? Antônio Moreira César, nome que não nos é estranho. Ah! Sim... O grande escritor patricio Euclides da Cunha, em "Os Sertões", refere-se e muito — a êsse oficial. O destino do 7.º cruzará um dia com o dêste militar.

Ao encerramento do exercicio, Tude Neiva elogia os Comandantes dos 1.º e 10.º pela correção e prontidão com que as suas Unidades haviam participado da formatura inesperada.

20. A par do comando do 7.º, Rosa Júnior dedica-se, com sucesso, à política. Dizemos com sucesso, porque seu nome logo desponta entre os membros da Assembléia Constituinte, na qualidade de Senador, pelo Estado de Sergipe.

A convocação dos representantes do povo para elaborarem a nova Constituição está em vias de concretizar-se. É marcada a data do 1.º aniversário da República, para a instalação do Congresso.

O Batalhão, de algum tempo não conta com o seu mul dinâmico e querido Fiscal — o Major Carlos Olímpio Ferraz, que, promovido a Tenente-Coronel, permanece adido à Unidade, apesar de já nomeado comandante do 15.º BI.

Embora sem função — pois o nóvo Fiscal é o Major Rafael Tobias — o estimado oficial parece ter sido mantido junto ao 7.º porque as autoridades sabiam que seus serviços ainda viriam a ser necessários na Unidade de sua afeição.

Há pouco, despedira-se do Batalhão o General-de-Brigada Carlos Machado Bitencourt, que fôra, por uns dois meses, Inspetor da Unidade, sendo substituído na função pelo seu colega Carlos Frederico Rocha. Bitencourt terá novos encontros com o Batalhão nos campos de luta de Canudos. E, um dia, festejando a paz que voltara à Nação, êle irá ao encontro do 7.º, e verá no rosto de seus soldados a alegria de quem escapou do inferno. Mas, êle próprio não verá nascer o sol do dia seguinte. Isto, porém, é outra história. Virá a seu tempo...

No momento, despedindo-se do 7.º, Bitencourt elogia o Tenente José Bonifácio de Andrade Vandelli, oficial do Batalhão e seu Ajudante-de-Ordens durante a inspeção.

Rosa Júnior tem sobejas razões para estar feliz. Dias antes, recebera a Medalha da República Argentina, comemorativa da guerra contra o ditador do Paraguai; agora, prepara-se para participar do grande conclave republicano, que trará ao país uma Carta Magna moldada nos princípios democráticos.

Por isso, a 15 de novembro de 1890, êle saúda a data, dizendo aos seus soldados de quem se despede neste dia:

"Sétimo Batalhão! É hoje o 1.º aniversário do glorioso dia 15 de novembro de 1889, dia da fundação da República dos Estados Unidos do Brasil. Faz, pois, um ano que, com as armas nas mãos, constituímos uma das colunas em que se apoiou o invicto Generalíssimo Chefe do Governo para realzar a grandiosa obra de regeneração da Pátria, substituindo a antiquada e gasta instituição monárquica, pela nova, pujante e esperançosa instituição democrática, anelo da Nação.

Com a nossa dedicação e patriotismo ajudamos a escrever, na história da humanidade, uma página nova, nunca vista, contendo o fato deslumbrante de uma mudança tal, sem correr o sangue precioso dos nossos irmãos, sem a menor perturbação pública.

No ano decorrido muito fizemos, ajudando na manutenção da ordem e na organização da República; mas, ainda não está finda a obra, muito resta-nos a fazer.

É preciso não nos entregarmos às delícias resultantes da vitória; é necessário que cada um de nós seja um verdadeiro Argus-closo (sic) do bem que fêz e esteja pronto para mantê-lo na integridade absoluta da Pátria em toda a sua plenitude.

A Nação e as instituições nascentes muito esperam do patriotismo nunca desmentido do valente Sétimo Batalhão de Infantaria que cabe-me a honra de comandar, e que, tenho certeza, os seus quadrados continuarão a ser inexpugnáveis baluartes petrificados, como outrora nos gloriosos feitos, em que deixamos sempre um nome honroso e abençoado pelo Deus das Vitórias.

Em atenção a tão glorioso dia, determino que sejam postos em liberdade os presos de correção e cessem os castigos disciplinares à minha ordem."

Viva a República dos Estados Unidos do Brasil!

Viva o Exército e a Armada!

Viva o Invicto Generalíssimo Chefe do Governo!

Viva o Sétimo Batalhão de Infantaria!"

BIBLIOGRAFIA

- Ordens do Dia do 7.º Batalhão de Infantaria — 1889/1890 — Arquivo do Exército
- A República Brasileira — J. Candido Teixeira — Imprensa Nacional — 1890
- Galeria Histórica da Revolução Brasileira de 15 de novembro de 1889 — Urias A. da Silveira — 1890
- O Mundo de Machado de Assis — Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais S/A. — 1961
- Minhas Memórias dos Outros (última série) — Rodrigo Otávio — José Olímpio Editora — 1936
- Fé de ofício de Manoel da Silva Rosa Junior — Arquivo do Exército
- Guia das Cidades do Rio de Janeiro e Niterói para 1883 — José Antonio dos Santos Cardozo
- História da Casa do Trem — Antonio Pimentel Winz — Departamento de Imprensa Nacional — 1962
- Dispersos de Machado de Assis — Jean Michel Massa — Ministério da Educação e Cultura — INL — 1965
- Ordens Honoríficas do Brasil — Luiz Marques Poliano — Imprensa Nacional 1943.



"É necessário que nos mais recônditos rincões da Nação, homens e mulheres tenham a consciência de que a segurança também lhes pertence; que eles podem ser chamados a dela participar e devem, por isso, ser instruídos com tal finalidade."

A ARTILHARIA ANTIAÉREA E A DÉCADA DOS 70

**Ten Cel QEMA
SAMUEL DE TARSO TEIXEIRA PRIMO**

1. O ONTEM

As 17h22min de 3 de agosto de 1914 — uma hora e meia antes do embaixador alemão em Paris remeter ao Presidente do Conselho de Ministros a declaração oficial de guerra da Alemanha à França — um avião alemão sobrevoa a cidade de Lunéville e lança sobre ela seis bombas, sem contudo causar vítimas.

Inaugurava-se naquele instante uma nova era na história dos meios de ataque à disposição dos exércitos em confronto. O avião deixava de ser meramente um meio de reconhecimento e observação para vir a transformar-se em um dos mais poderosos agentes de destruição jamais criados pelo homem, evolução que, segundo consta, teria amargurado irremediavelmente o nobre coração de nosso patricio Santos Dumont.

Menos de um mês mais tarde, era a vez de Paris. As 12h46min de 30 de agosto sofria a Cidade-Luz o primeiro ataque aéreo em toda a sua longa história. Um monoplane Taube lança cinco bombas sobre a área do canal Saint-Martin, causando 1 morto e 4 feridos.

E qual era, ao iniciarem os alemães o emprêgo do avião como meio de ataque, a capacidade de reação dos franceses neste campo?

Tal capacidade era praticamente nula, muito embora já tivessem sido iniciados há bastante tempo estudos e experiências relativamente à defesa contra a novel arma aérea. Em 1907 haviam tido lugar as primeiras tentativas de empregar, contra as aeronaves, o material de 75mm então existente, seja o de campanha comum, seja montado em plataforma, utilizando métodos de tiro baseados na regulação. Dessas experiências surge um tipo de material automóvel, cujo desenvolvimento foi considerado concluído em 1913, sendo encomendadas vinte peças.

Em julho de 1914 existia, entretanto, apenas um exemplar desse material. O segundo deveria ficar pronto em agosto. Suas características eram as seguintes:

a. Canhão

- Calibre: 75mm
- Ângulo de tiro máximo: 70,º
- Massa oscilante munida de recuperador a mola.
- Freio regulado automaticamente segundo a inclinação do tubo.
- Aparelho de pontaria com 2 lunetas panorâmicas horizontais e paralelas entre si.
- Prato graduado para a alça montado sobre a face direita do freio.
- Telêmetro com base de 1 metro, à coincidência.

b. Viatura

- Peso: 5 toneladas.
- Motor: 35 HP.
- Velocidade: 30 km/h.

A guarnição compreendia um chefe de peça, um graduado telemetrista, um auxiliar de telemetrista, um apontador, um apontador-regulador, um registrador de alça, um atirador, um carregador, um municionador e três remuniciadores motoristas. A peça incluía ainda uma viatura-munição.

Pouco a pouco foi sendo produzido mais material. Em abril de 1915 já havia 11 seções, das quais 6 destinadas à defesa antiaérea de Paris. A expansão se manteve constante toda a guerra, existindo no momento do armistício quase 50.000 homens nas unidades de AAAe, que compreendiam mais de 600 canhões de 75 mm e alguns de 47mm, aproximadamente 500 metralhadoras e cerca de 400 projetores e 600 balões cativos de proteção.

A expansão em termos quantitativos foi acompanhada de um desenvolvimento paralelo nos métodos de tiro, a par de acentuado aumento na eficiência das guarnições à medida que estas iam ganhando experiência de combate.

Para isto, por certo, cooperou decisivamente a criação, em junho de 1915, de um centro de instrução especializada para o tiro antiaéreo, onde militares e civis, trabalhando lado a lado, estudaram a complexidade do tiro contra alvos que se deslocavam com relativa velocidade num sistema a três dimensões. Dêstes estudos resultou, em dezembro do mesmo ano, um novo regulamento para o tiro contra aviões.

Impõe-se aqui uma referência especial ao Coronel Eugene Pagézy, que em maio de 1915, pela primeira vez, define de maneira ci-

entifica e categórica os princípios fundamentais do tiro antiaéreo. Rejeita como ineficaz a regulação sobre um alvo que se desloca rapidamente em três dimensões e preconiza a preparação prévia do tiro. Esta sua concepção, contrária ao que vinha sendo feito até então, se constitui pouco tempo depois na idéia diretriz que presidirá os métodos idealizados e aperfeiçoados constantemente por uma comissão de estudos práticos, métodos esses que viriam melhorar a precisão da Artilharia Antiaérea e fazer dela uma arma verdadeiramente eficaz.

Enquanto buscavam, mediante estudos intensivos a solução matemática do problema do tiro antiaéreo, lançaram-se os franceses também ao projeto e desenvolvimento de novos equipamentos, especialmente aqueles destinados à direção do tiro. Entre estes últimos avulta a criação, em meados de 1916, de dois tipos de corretores, um mecânico e outro elétrico, capazes de determinar automaticamente as variáveis do problema do tiro antiaéreo. O mecânico resultante de aperfeiçoamento do corretor BROCC já existente, tomou a dianteira, pois naquela época a produção e o funcionamento de componentes de circuitos elétricos ainda estava longe de satisfazer os requisitos necessários. Veio ele a se constituir em uma das mais importantes contribuições dos franceses à incipiente tecnologia do tiro antiaéreo, bastando dizer que o mesmo foi adotado pelos Estados Unidos e permaneceu em uso até 1930.

A evolução da técnica e do material, a par da melhoria de desempenho das guarnições, à medida que a guerra se desenrola, reflete-se com propriedade nos dados que se seguem:

- Período 1914-1915: 2 aviões abatidos.
- 1916: 85 aviões abatidos, na proporção de um para cada 11.000 tiros disparados.
- 1917: 128 aviões abatidos, registrando-se a mesma proporção aproximadamente.
- 1918: 218 aviões abatidos, constatando-se agora sensível melhoria naquela proporção; que passa a ser de um avião para cada 7.000 tiros disparados.

Os dados apresentados, o número de metralhadoras e canhões antiaéreos utilizados no conflito e o número de aviões disponíveis às forças aéreas dos países beligerantes ou abatidos em ação, comparados aos mesmos dados referentes à 2.^a Guerra Mundial pareceriam insignificantes e até mesmo irrisórios. Convém lembrar, entretanto, que partindo da estaca zero, foram necessários quatro anos de esforços e estudos, em meio às vicissitudes de uma guerra, para criar uma defesa antiaérea válida.

A par do desenvolvimento tecnológico no campo da artilharia antiaérea, a guerra de 1914-1918 transformou em realidade, de manel-

ra insofismável, a possibilidade do ataque aéreo, impondo desta forma à consideração dos responsáveis pela evolução da arte da guerra um novo poder, o poder aéreo, e uma nova dimensão no campo de batalha, o espaço aéreo.

Passam-se os anos e mais uma vez se vê o mundo ante os horrores de uma nova guerra mundial.

Durante os dias de paz, haviam sido consideráveis os progressos alcançados no campo dos meios aéreos de ataque ou defesa.

Fôra grande também a evolução nos métodos e nos meios de combate aéreo e crescera a cada dia a velocidade e o teto de emprêgo dos aviões. Em contrapartida, haviam-se registrado igualmente progressos consideráveis na técnica e nos meios à disposição da defesa antiaérea.

Como exemplo, pode ser citado que ao ser deflagrada a guerra o Comando de Bombardeiros da Real Força Aérea Inglesa já dispunha de cerca de 55 esquadrões de bombardeiros, enquanto que a França, em junho de 1940, totalizava quase 800 baterias antiaéreas, das quais mais de 100 integravam a defesa de Paris.

No decorrer do conflito, constantes e decisivas inovações foram sendo introduzidas na tecnologia e no equipamento pelos contendores, enquanto cresciam em número e eficiência os meios aéreos em ambos os lados.

As metralhadoras múltiplas, os canhões antiaéreos de 40, 88, 90 e 105mm e o radar foram alguns dos marcos a assinalar insofismavelmente o progresso registrado no campo da defesa antiaérea, enquanto que o desenvolvimento dos meios de ataque atingia seu clímax com o surgimento dos primeiros aviões a jato, das bombas V1 e V2 e da arma atômica.

Quem não se recorda da Batalha da Inglaterra em que "tantos ficaram devendo tanto a tão pouco"? Ou dos ataques de saturação ao território alemão? Ou, finalmente, de Hiroxima e Nagasaki?

Ao encerrar-se o conflito, os dados estatísticos permitiram comprovar o aumento da eficiência da defesa antiaérea, a despeito do grande progresso verificado nos meios aéreos. Assim é que em termos médios, foram necessários da ordem de 300 a 400 tiros para abater um avião durante a 2.ª Guerra Mundial, melhora assaz significativa quando se considera os 11.000 ou mesmo 7.000 tiros da 1.ª Guerra Mundial.

De 1945 para cá, assistiu o mundo um sem-número de novas conquistas do gênio criador do Homem, conquistas essas alcançadas em todos os setores de atividade, tanto civil como militares, e

que culminaram com a epopéia memorável da Apolo-11 no ano mesmo em que terminava a década dos 60.

No tocante à defesa antiaérea, durante este período, cumpre registrar o progresso alcançado no campo dos mísseis, tornado possível pelo avanço sem paralelo verificado nos setores tecnológicos correlatos, de que são exemplos dos mais representativos o transistor e os computadores, estes últimos já em sua 3.^a geração.

2. O HOJE

Nos dias atuais, o arsenal da defesa antiaérea tem no míssil seu armamento básico, apto a assegurar proteção seja contra aviões voando a baixa, média ou grande altura seja contra o próprio míssil.

Em termos de possibilidade de acerto, registrou-se considerável aumento e hoje um avião terá da ordem de 90% de probabilidade de ser abatido, se contra ele forem disparados dois mísseis.

Entretanto, o aumento da eficiência se fez paralelamente ao do grau de complexidade do equipamento e conseqüentemente da técnica exigida, quer para a elaboração do projeto e a respectiva produção, quer para operá-lo. Criou-se assim uma verdadeira tecnocracia bélica, cujas fileiras engrossam a cada dia que passa e de cuja capacidade vai depender, em última análise, não só o desempenho das forças armadas de um país em campanha mas, principalmente, a evolução tecnológica, capaz de assegurar a essas forças armadas condição operacional mínima, sem o que se tornarão ultrapassadas.

3. O AMANHÃ

Na década dos 70 continuará — e para isso não é necessário dispor de bola de cristal... — a evolução tecnológica que vem caracterizando os nossos dias.

O Homem, na sua pequenez, não se intimidou ante a grandeza do Cosmo e vem audaciosamente se lançando à conquista de fronteiras antes consideradas inatingíveis. Agora é a Lua, amanhã Vênus ou Marte. Quem sabe?

Uma coisa entretanto é certa. A evolução tecnológica prosseguirá em ritmo cada vez mais acelerado. Com ela virão novas armas e novas técnicas que exigirão que o combatente do futuro seja um especialista altamente proficiente.

4. CONCLUSÃO

Segundo Toynbee, as civilizações evoluem ao responderem com sucesso aos desafios, sob a liderança de minorias criativas, e perecem

quando a liderança falha em reagir criativamente para superar o desafio.

Enfrentamos hoje, em nossas Artilharia de Costa e Antiaérea, o maior dos desafios, aquele que é pôsto em termos de evoluir ou perecer. Somos a liderança que neste momento histórico tem responsabilidade de, à base de nossa criatividade, imaginar e propor soluções bem como assegurar a continuidade do legado que outras gerações de artilheiros depositaram em nossas mãos.

Venceremos o desafio se trabalharmos unidos com esforços coordenados.



As informações estratégicas são as necessárias aos planejadores de nível nacional e alto comando militar para determinação das possibilidades, vulnerabilidades e linhas de ação prováveis de nações ou exército, tendo em vista a formulação da política nacional ou dos planos militares.

UMA EXPERIÊNCIA DE COMANDO EM TEMPO DE PAZ

Cel Art QEMA
EVERALDO DE OLIVEIRA REIS

Aparentemente, tudo era simples. Tratava-se de juntar os regulamentos e cumprir as prescrições. Na realidade, porém, eu sabia que as coisas não se passariam assim.

A conjuntura trazia e ainda traz ao exercício do comando, uma série de problemas, que não adianta desconhecer sob a alegação de que não são problemas inerentes à profissão. No nosso caso particular, não tínhamos a menor vocação para avestruz...

Comecei a rememorar tudo aquilo que durante mais de vinte anos, assistira, ora com prazer, outras vezes, com a promessa solene, que aquilo eu jamais faria, quando no exercício do comando de uma Unidade.

Não se tratava, valdosa, de organizar uma plataforma de comando. Mas sim, de montar um esquema dentro do qual, eu me arrumasse, para que a tarefa de comandar homens, evidentemente em tempo de paz, mas em difíceis e angustiados tempos de paz, fôsse não uma constante conduta de contra-ataque, mas sim algo fruto de um acirrado exame, que se renovaria todos os dias, é evidente.

Dentro destas idéias, ainda no Rio, alinhamos uma série de medidas, que iríamos colocar em prática desde o primeiro dia de trabalho. Muitas delas, não foram exequíveis, por diversas circunstâncias.

A maioria, procurei relacionar e ao publicá-las agora, quem sabe, poderei ser útil aos companheiros que venham a receber a honrosa tarefa de comandar.

— **Formatura diária:** adotei desde o primeiro dia, a solenidade da formatura matinal diária, simultaneamente com a "parada". Todos os dias, o Grupo via o seu Comandante, no uniforme da tropa e desfilava em sua continência.

É evidente, que havia a preocupação de não transformar a simples solenidade, em uma xaropada fastidiosa, com prejuízo inclusive para o início das atividades. Todavia, sempre que se impunha o Comandante falava a sua tropa. Tudo uma questão de bom senso...

— E a partir de quando a tropa passou a ter condições de uma boa apresentação coletiva, uma vez por mês passei a fazer uma forma-

tura ora em uniforme de passeio, ora em uniforme de parada, para todo o Grupo, inclusive para o Comandante.

— Instituí desde logo, uma Canção para o Grupo e determinei que os Comandantes de Bateria fizessem o mesmo para com suas Subunidades.

— Ao assumir o Comando, encontrei uma determinação do Cmt da RM/DI para que o Grupo apresentasse, em prazo fixado, a sua NGA. Aproveitei-me da ordem e das magníficas qualidades do meu Subcmt — Evando José de Macedo — e aboli todos os livros de ordens, particulares ou gerais. O Grupo possuía um único Livro de Ordens — a NGA de folhas soltas, uma por assunto e os assuntos em ordem alfabética. Com o Boletim da Incorporação, em Aditamento, distribuía-se a NGA. E diariamente, na Formatura matinal, lia-se um título, para que toda a tropa sempre a estivesse ouvindo.

— Todas as 5.^{as} feiras de manhã, após a formatura matinal, eu reunia o que eu chamava o Cmdo do Grupo. O Subcmt, o Ajudante, o Oficial de Informações, o Operações, o Fiscal e os quatro Cmts de Bateria.

Nesta ocasião transmitia-lhes tudo que sabia e podia e devia transmitir. Recebia deles também, tudo aquilo que eles achavam que podiam expor ao seu comandante.

— O Grupo, como todos os Grupos, deveria estar em condições de realizar ações de Artilharia, em particular na chamada Guerra Convencional. Deveria ter condições de atuar como tropa capaz de reprimir as ações de guerrilhas, quer rural, quer urbana e finalmente realizar operações de socorro à população em caso de calamidade pública. Consegui autorização do escalão superior, para ter não uma, mas todas Baterias de antiguerrilha. Assim, pacientemente, organizei um único Quadro de Organização e um Plano de Carregamento, que com mínimas modificações respondiam às três hipóteses de emprego previsto para o Grupo.

— Iniciado o Período de Instrução Básica Militar, adotei no Grupo o sistema da Bateria de Guarnição. Havia um certo prejuízo em termos de número de horas de instrução. Mas em compensação o Comandante de Bateria sabia em que dias podia contar realmente, com toda, toda mesma, subunidade. A Bateria de Guarnição era obrigada a ministrar apenas duas instruções: motorista e tiro de armas portáteis.

— Todo pessoal de serviço no Grupo, era obrigado a usar uma bragaadeira indicadora do serviço.

— Consegui que o Grupo fôsse o responsável pelo PR da área. Não com a intenção de na distribuição ficar com os melhores. Isto graças a Deus, está desaparecendo. Apenas, como eu era "Classificador de Pessoal" pareceu-me que para o bem de todos, eu possivelmente tinha melhores condições de orientar a seleção.

— Ao pai de cada soldado incorporado, dirigi uma pequena carta, cumprimentando-o e pedindo-lhe a cooperação. Esta carta, distribuída pela subunidade do homem, serviu também, como o 1.º exercício de "contato".

— Ao assumir o Comando, determinei que na 2.ª semana, o Subcmt e os diversos "S", se sucedessem na instrução diária, apresentando-me os problemas que lhes eram afetos. Tal prática, foi-me grandemente útil:

- (a) em pouco tempo, quinze dias, conheci os principais problemas do quartel;
- (b) conheci melhor, em termos funcionais, os Auxiliares diretos;
- (c) facilitou-me grandemente a elaboração da parte de assunção de comando.

Preocuparam-me, desde logo, as atividades da 2ª seção, que sabia terem sido grandemente ampliadas, após a vitória da Revolução Democrática de 1964. Assim imaginei desde logo:

— Manter uma equipe, mesmo fora do Quadro de Efetivo empenhada nos trabalhos de Informação de Segurança Interna. Infelizmente, uma progressiva diminuição de efetivos, em particular de Capitães, durante o meu comando, impediu-me de concretizar tal idéia.

— Pessoalmente, verifiquei e atualizei os arquivos da 2.ª Seção da Unidade, procurando inclusive racionalizar-lhe o manuseio.

— Neste trabalho, incluí o levantamento de todos os homens dignos da terra, cuja amizade foi sempre muito proveitosa para o Grupo.

— Dediquei especial carinho aos exercícios de Defesa do Aquartelamento, realizando-os sempre, de acordo aliás com o RISC.

— Graças ao engenho do Maj Subcmt — racionalizamos o Plano de Defesa do Quartel, que se desenrolava partindo de uma 1.ª Situação particular, na qual se contava apenas com a Guarda do Quartel até uma 3.ª Situação, onde o Grupo (—) ficava pronto para atuar ao comando do seu Comandante enquanto a Defesa do Aquartelamento era confiada ao Subcmt que dispunha para tal, de Bateria de Serviço Reforçado.

No setor da Instrução com autorização do Cmt da Região realizamos o seguinte:

— Tendo em vista os problemas de segurança interna: vivíamos o ano malfadado, da passeata dos 100 mil, adaptei o Programa Padrão, enfatizando na execução certos assuntos em detrimento de outros.

— Para permitir a existência em qualquer tipo de ação: Guerra Convencional ou guerrilha, de uma fração elementar básica e cons-

tante, adaptei ao efetivo da peça de Artilharia, o efetivo básico previsto no Manual de Contrôlo de Distúrbio.

— Com vistas a permitir desde o mais cedo ao recruta, o domínio completo do seu armamento individual, na Educação Física fiz predominar tôdas as atividades que se relacionassem com o manuseio do citado armamento.

— Iniciei já na 3.^a Semana do Período de Adaptação, o Curso do Pessoal de Rancho.

— A Instrução na Bia de Serviços constituía-se em preocupação, de vez que era indispensável para o emprego do Grupo, o funcionamento dela desde logo. Assim ao iniciar-se a fase da Instrução Básica de Qualificação, limitei à Instrução da Bateria, à Educação Física e aos trabalhos da subunidade, dentro dos quais os homens seriam qualificados. Em nenhuma hipótese, admiti a existência de um documento de instrução, que não fôsse exatamente para cumprir.

— Encontrei, em curso de disputa no Grupo, a Taça Alcio Souto. Achando magnífica a idéia, fiz disputar em seguida, a Taça Mascarenhas de Moraes, em honra a outro artilheiro. Desta forma, exceto o período de adaptação, todos os períodos de instrução eram encerrados com uma competição desportiva entre as Baterias, no quadro da Taça Mascarenhas de Moraes.

— Foi sempre, o ponto de honra para o Grupo, a apresentação de suas representações externas.

— Centralizei ao meu comando tôdas as marchas a pé do Grupo. O Comandante sempre marchou com o seu Grupo.

— No fim da fase da Instrução Básica de Qualificação, o Grupo como coroamento acampava uma semana, o que trazia magníficos resultados para aprendizagem.

— No período de Subunidade, todo Comandante de Bateria marchava e estacionava com sua Bateria. Realizava uma regulação percutente de precisão e a conseqüente preparação experimental. Daí partia em seguida, para um tiro sobre zona.

— Todos os Oficiais, Sargentos e Cabos engajados atiraram com todo o armamento do Grupo.

— A formação normal do Motorista Militar, embora tendo o planejamento e o controle, inclusive da aprendizagem, no Grupo, tinha a execução descentralizada pelas subunidades. Assim a Bateria sentia a imperiosa necessidade de formar os homens que necessitava.

— Fiz realizar o Concurso de Apontadores, com a entrega da Medalha Mallet, que me foi fornecida pela Secretaria-Geral.

— Instituí, a figura do atirador de escol, dando este título em Boletim ao melhor atirador recruta da subunidade e prevendo-lhe uma tarefa destacada nas formações de Contrôlo de Distúrbios.

— Para aliviar o problema de falta de monitores e instrutores iniciei o Curso de Formação de Cabos, no 2.º mês da Instrução Básica Militar — parte da tarde. Assim, quando começou a Instrução Básica de Qualificação, havia apenas um Grupamento de instrução para cada QM, servindo os futuros Cabos de monitores. Instrução embora fôsse comum aos soldados e aos futuros Cabos, as verificações porém, não o eram.

— O curso de Cabo recebia especial destaque em tôdas as formaturas internas do Grupo.

— A Instrução de Sargentos tinha uma dosagem básica semanal de quatro horas, não computada a Educação Física e o Tiro de Armas Portáteis. Infelizmente, dados os baixos resultados obtidos pelo Sargento do Grupo na seleção do CAS, terminou esta instrução em se converter em preparação para o CAS. Os Instrutores eram os Tenentes do Grupo.

— Dediquei especial atenção e carinho à instrução de Oficiais, à qua atribui também uma dosagem de quatro horas semanais, exclusive a Educação Física e o Tiro de Armamento Portátil. Os instrutores eram os oficiais aperfeiçoados e algumas vêzes conferencistas civis. Dividi a instrução em três assuntos: Cultura Geral, calcada na programação do Concurso para a ECEME. Técnica de Tiro, mas não se iniciando com a inesquecível Regulação Percutente de Precisão e sim do funcionamento da Central de Tiro do Grupo e Topografia do Artilheiro, exclusivamente com a realização de seções de "calculado".

— Durante os dois anos de instrução vividos marquei como objetivos de instrução a atingir com o Grupo, os seguintes:

- receber um Quadro de Movimento e cumprir
- levantar topograficamente um alvo assinalado
- realizar uma intensificação de fogos a horário, pelo menos durante quinze minutos; e indicado um alvo inopinado ajustar com uma Bateria e entrar na eficácia com todo o Grupo.
- como grande era o número de Tenentes R/2, "ano houve em que não dispunha a Unidade de nenhum Tenente de formação regular", dediquei sempre um carinho especial ao curso de monitores e instrutores que fazia funcionar durante a desincorporação.
- Finalmente, organizei um levantamento de "alvos" e "estacas" típicas do Campo de Instrução Newton Cavalcanti, de forma a possibilitar a execução do tiro de artilharia dentro de uma razoável segurança.

Na esfera da 4.^a Seção, adotei basicamente as seguintes medidas:

— acabei com as indefectíveis "Caixas-baixas" das subunidades. Entretanto, para que o Capitão pudesse realmente administrar, mesmo antes, da adoção do novo R/3, estabeleci a prática do "adiantamento".

— Criei na Unidade o Centro Social. Todavia não estabeleci nenhuma das célebres "cantinas" que ou são exploradas normalmente de maneira "isotérica" ou absorvem, um grande número de praças que é em última análise afastado de sua atividade básica. O caso consistia basicamente, no aproveitamento comercial do tempo ocioso de certos setores do Grupo: posto de lavagem e lubrificação, sapateiro, transporte escolar e outros, bem como na renda da granja, que administrada, pelo aprovisionador cumulativamente, só ocupava mão-de-obra civil. Procurei incutir no Grupo, que o CeSo, era algo para proporcionar apenas maior conforto aos que trabalhavam na Unidade e não a razão de ser desta. Jocosamente dizia sempre aos auxiliares mais entusiasmados: — "Não esqueça, que nós somos um Grupo de Artilharia que tem CeSo e não um CeSo que de vez em quando tenta funcionar como Grupo de Artilharia."

— Ao Soldado incorporado o Grupo fornecia um pequeno enxoval, que infelizmente, era depois descontado parceladamente. Este pequeno enxoval consistia naquelas pequeninas coisas que o homem da área nem sempre conhecia e que assim, faziam parte do próprio processo educativo do indivíduo: sabonete, pasta de dentes...

— Organizei um Plano semanal de inspeções administrativas. Tais inspeções permitiam ao Comandante:

- a) manter-se razoavelmente a par do material carga da Unidade;
- b) antecipar-se ao Plano de Inspeção do escalão superior, de forma a não ser surpreendido.

— Ao assumir o Comando do Grupo, encontrei uma excelente determinação do então Comandante da 7.^a RM e que mantive em execução durante todo o meu comando. Assim as viaturas eram classificadas em:

- de representação: o carros turismo e o Jeep do Comando;
- operacionais — praticamente 90% das viaturas da Unidade, cuja utilização só era feita por ordem do comando, as quais consegui já nos últimos meses do comando, manter no regime de tanque cheio. Eram, por exemplo, viaturas operacionais tôdas as viaturas tratoras de peça;
- finalmente, administrativas, aquelas indispensáveis à vida administrativa quer do Grupo, quer das Baterias e cuja utilização corria por conta do Fiscal e dos Comandantes de Bateria.

Para racionalizar a vida administrativa do Grupo, defini em Boletim, incluindo também na NGA, as atividades do Fiscal, do S/4 e dos Cmts de Bateria, no que tangia:

— suprimentos, de tôdas as classes, regulando inclusive a distribuição e a guarda diária, e evitando contrôles que nada representavam; manutenção, em particular auto e finalmente as obras indispensáveis da conservação do aquartelamento.

Desde que recebi a designação para o Comando do Grupo, entre tôdas as questões, as que mais me preocuparam foram as que se prendiam basicamente ao lado humano da tarefa a realizar. Isto se explicava. Embora sem me situar na equipe daqueles, que acham que Forças Armadas são um produto que precisa ser vendido à nação como pasta de dentes, eu evidentemente, não podia desconhecer que estamos vivendo em toda a parte, na América do Sul e no Brasil, processo da Guerra Revolucionária. Assim, era indispensável desde logo e cada vez mais fortalecer a mente daqueles sobre os quais eu poderia influir, para transformá-la em trincheiras contra a anarquia e em particular o desânimo e o descrédito. Por isso estava disposto a utilizar com critério a atividade de Relações Públicas. Acredito que não me enganei. Muito pelo contrário. Assim já sai do Rio de Janeiro, com dois esquemas estruturados.

O primeiro se destinava em particular ao Público Interno:

A preocupação básica era desenvolver o "espírito de corpo". Criar a mística de que "éramos do RO", Unidade que nascera sob o signo do sacrifício no cumprimento do dever; que debelara pela potência do seu fogo, a rebelião comunista de 1935, no Largo da Paz (Recife); que recebera Medalha do Mérito Pernambucano pela eficiente co-responsabilidade na Revolução Democrática de 1964 no Estado. Diga-se, a bem da verdade, que graças a mais uma das felizes iniciativas do Maj Sub Cmt e no comando interino, na solenidade de passagem do comando, propositadamente marcada para dez de junho — Dia de Mallet — fôra programada uma homenagem aos militares do Grupo, que haviam perecido no naufrágio do Baependy, durante a 2.^a Grande Guerra. Infelizmente dois dos meus objetivos, não consegui alcançar: a criação do estandarte e do distintivo do grupo. Apesar de todo apoio da GU, sempre me deparei no Rio de Janeiro um burocrata que não conseguia enquadrar as pretensões da Unidade, nas alíneas e nos parágrafos do Regulamento.

Há aqui um outro episódio, que me é muito honroso relatar. Tivemos a felicidade e a honra de receber pela primeira vez, desde a motorização do Grupo, realizada há mais de 25 anos, viaturas tratoras novas e mais do que isto nacionais. Estávamos no Rio, quando se processou o auspicioso fato. Ao chegarmos na Unidade, encontramos as viaturas tinindo e cada uma delas tendo pintado no "capô" o nome de um Estado nordestino.

Eu sabia que isto era uma prática proibida pela DMM e os Boletins da RM vinham reiterando a proibição. Confesso, porém, que não tivemos coragem de mandar apagar a "tenentada". Estava próximo do Sete de Setembro, e eu agüentei firme, esperando a inspeção do Cmt da 7.^a RM que seria quarenta e oito horas antes da parada. E assim foi. Ao General, com quem já tivera oportunidade de servir em outras ocasiões, confessei lealmente o fato e a minha falta de coragem. Disse-lhe que se ele desse a ordem ali, naquele momento, eu ia pessoalmente chefiar a equipe de pintores e apagar os nomes. O Chefe me ouviu e compreendeu. E assim o Grupo na Parada de Sete de Setembro de 1968, desfilou orgulhoso com suas tratoras novas — viaturas nacionais Chevrolet de 2.5 ton, ENGESA, cada uma levando o nome de um Estado nordestino. E mais do que isto, tendo pintado no capacete dos homens o brasão da Unidade...

Sem converter o Quartel, num clube, selecionei algumas datas para comemorações sociais, às quais emprestei a maior solenidade possível e para o que sempre me foi útil, o auxílio financeiro do Centro Social: o Dia da Incorporação; o Dia do Licenciamento; o Dia de Mallet, sempre tratado como uma festa de todos os artilheiros; o Dia das Mães quando todas as esposas de Oficiais e Sargentos do Grupo eram igualmente lembradas; o Dia de Natal, quando os filhos de todos os militares do Grupo eram carinhosamente lembrados em bases absolutamente iguais; o Dia da entrega das divisas aos Cabos, onde as famílias dos novos graduados eram recebidas no Grupo

— Procurei sempre, manter nas melhores condições possíveis, os "próprios nacionais" das vilas, quer de Oficiais, quer de Sargentos, utilizando os recursos para isto existentes.

— Procurei assegurar assistência médico-dentária à família de todos os militares do Grupo, no próprio quartel, já que a Vila Militar era no terreno da Unidade.

— Encontrei na Unidade um folheto muito interessante referente ao Histórico do Grupo. Ampliei-o, atualizei-o e fiz distribuir novamente.

— Dediquei especial carinho ao Histórico da OM, não apenas realizando o extrato regulamentar obrigatório, mas continuei escurturando o Livro que já encontrei iniciado, completando-o com um álbum de fotografias.

— Graças à cooperação do Comando da RM resolvemos o transporte escolar dos dependentes do pessoal do Grupo.

— Assegurei sessões de cinema semanais no Quartel, bem como a realização da Santa Missa.

— Como não podia deixar de ser, o Rancho era uma das preocupações mais agudas do comando. De tal forma que apesar de mo-

rar ao lado do Quartel, almoçava diariamente com os meus oficiais, o que me foi sempre uma prática salutar. Na hora da refeição, conversando informalmente com os meus oficiais mais graduados e mais velhos, possivelmente, ensinei-lhes mais alguma coisa, aprendi muito e seguramente "engoli" meus sapos.

— Tive sempre o máximo cuidado em não converter os atos de recompensa, em meia rotina. Durante dois anos, não usamos elogios ou conceitos estereotipados ou gratuitos. Inclusive graças à cooperação do Comandante da GU consegui que a Diretora da Escola Regimental fôsse agraciada com a Medalha do Pacificador. Tive assim a satisfação de entregar à eficiente professora uma condecoração que não possuio.

— Procurei sempre ser dos meus comandados, o primeiro advogado, quer junto aos escalões superiores, quer não mesmo quando o problema transcendia do Exército, eu procurava resolvê-lo, como se meu fôsse.

O Público Externo era também uma das atenções do Comando. Com a responsabilidade de um quartel, uma vasta área sem muros e cercada por 3.900 casas populares, procurei criar no Grupo a mentalidade, de que a nossa segurança residia tanto no nosso adestramento e nosso armamento, como na amizade dos nossos humildes vizinhos.

Sem promiscuidade, procurei ser, realmente, parte do município, atuando quando possível na órbita estadual na busca de solução para os problemas da comunidade.

— Procurei sempre ajudar as Escolas Municipais e Estaduais que eram nossas vizinhas.

— Recebia sempre com satisfação, inclusive repartindo o nosso Rancho do dia, os amigos da Unidade, que variavam desde o reservista ou Tenente R/2 que tivesse servindo no Grupo até o companheiro Chefe de seção do EME.

— Considerava "grave", tudo aquilo que refletisse mal junto ao público externo, em termos da conduta do RO. Confesso, porém, que algumas vezes abri exceção, particularmente em "determinadas brigas" quando o nosso pracinha levava a melhor... Era uma conduta duplamente errada: do pracinha e mais ainda do Comandante. Mas quem não comete seus erros?

Foram dois magníficos anos. Ao longo dos quais temos certeza, de que muita coisa que devia ser feita deixou de ser feita, mas tenho também a certeza, de que tudo que podia ser feito, foi feito por nós. E quando digo por nós é porque todos éramos possuídos do orgulho de pertencermos ao RO e tudo assim que era feito, era feito por todos, cada qual na esfera de suas atribuições.

FOI TRANSFERIDO ?

NÃO DEIXE DE INFORMAR A DEFESA NACIONAL A FIM DE EVITAR ATRASO



TÉCNICAS DE LIDERANÇA E TÁTICAS DE PEQUENAS UNIDADES

Ten Cel Inf Ex EUA BERNARDO LOEFFKE
Maj Art LUIZ PAULO MACEDO CARVALHO
Condensação e Tradução

Este trabalho é fruto da experiência colhida pelo Ten Cel Inf do Exército dos EUA Bernardo Loeffke nas diversas oportunidades em que participou de operações de guerra no Vietnam, particularmente, no exercício do Comando do 2.º/3.º RI, em 1969, transmitindo-nos estas informações e julgando-as úteis a todos aqueles que se interessam em aperfeiçoar conhecimentos sobre Técnicas de Liderança e emprego tático de pequenas unidades em operações de guerra irregular, com a devida autorização do credenciado observador norte-americano, coube-nos apenas coligir dados, traduzir alguns documentos e dar forma às idéias, o que resultou neste despretensioso artigo."

TEN CEL EX EUA BERNARDO LOEFFKE

É natural de Barranquilla, Colômbia, e está presentemente com 35 anos.

Possui os cursos da Academia Militar de West Point, da Escola de Infantaria, de Mestre de Salto, de Operações Especiais, de Comando e Estado-Maior das Forças Armadas e o título de "Master" no idioma Russo conferido pelo Middlebury College. É "Ranger" e "Skydiver" (especialista em operações de comandos e em salto livre), além de piloto civil.

Fala, lê e escreve fluentemente Espanhol, Francês, Português e Russo.

Serviu na 82.ª Divisão Aeroterrestre e exerceu as funções de professor-assistente de Russo em West Point. Estêve no Vietnam por três vezes, voluntariamente, onde, integrando um Destacamento de Forças Especiais, atuou como conselheiro técnico de um Batalhão de Infantaria Aeroterrestre da República do Vietnam do Sul e, em 1969, comandou o 2.º/3.º Regimento de Infantaria (Old Guard) (1) numa área ao norte de Saigon.

Por três anos, prestou serviços ao seu governo no Brasil, na qualidade de ajudante-de-ordens e intérprete do Gen. Div. George R. Mather, Chefe da Delegação Norte-Americana da Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos. Durante sua permanência no Rio de Janeiro organizou e desenvolveu entre os membros da colônia norte-americana ali residentes uma obra filantrópica de amparo a uma comunidade de leprosos, a que dedicava suas horas livres.

Já completou mais de uma centena de saltos em para-quedas, dos quais alguns em combate com tropas do Vietnam do Sul e em exercícios com militares brasileiros na floresta amazônica.

É um exímio jogador de futebol e nadador, tendo sido capitão das equipes de West Point quando cadete, batido já três recordes de natação e levantado alguns campeonatos no seu país e no exterior.

Dentre as medalhas e condecorações de que é detentor contam-se:

- a Legião do Mérito;
- a Cruz de Aviação por Serviços Distinguidos;
- a Medalha Coração Púrpura (por ferimentos recebidos em ação de combate);
- 4 Estrélas de Prata e 5 Estrélas de Bronze (por relevantes atos de bravura);
- a Medalha do Pacificador.

Na sua brilhante carreira militar, teve duas promoções por bravura — a de major e a de tenente-coronel.

Atualmente, ocupa importante cargo na Casa Branca.

(1) OLD GUARD (Velha Guarda)

Nome pelo qual é conhecido tradicionalmente o mais antigo regimento do Exército dos EUA — o 3.º Regimento de Infantaria. Tal designação deve-se ao fato de estar sob a responsabilidade dessa unidade a guarda do presidente daquele país (por analogia, poderia ser comparado ao nosso antigo Batalhão do Imperador hoje revivido na figura do Batalhão de Guarda Presidencial). Em todas as guerras de que os EUA participaram, esta unidade se fez representar, pelo menos com um batalhão. No Vietnam o 2.º/3.º RI cumpre a tradição.

**SE O COMANDANTE ESTÁ DESEJOSO DE AUSCULTAR SEUS
SUBORDINADOS, POR SUA VEZ, ESSES ESTÃO ANSIOSOS
POR FALAR-LHE**

O problema de conduzir homens em combate sempre foi tema de muitos acalorados debates através dos tempos. Os veteranos de outras campanhas afirmam que comandar uma unidade no Vietnam nada difere da maneira como lideraram suas tropas na II Guerra Mundial ou na Coreia. Entretanto, o jovem oficial que serviu no Vietnam encara o assunto sob outro prisma. Sente que deve identificar-se mais intimamente com os subordinados e ouvi-los mais de perto do que o faziam seus antecessores nos TO dos conflitos de 1939-45 e coreano.

Assim, o Ten Cel Loeffke criou e desenvolveu uma técnica de liderança que pelos resultados alcançados julgamos muito útil e interessante. O sonho de todo infante metido num abrigo individual é trocar de lugar com seu Comandante de Batalhão, dormir na sua barraca ou reboque, usar seu rádio e chuveiro, escrever cartas no seu PC, assistir a uma película cinematográfica ou programa de TV na área de retaguarda, refestelar-se em uma cadeira giratória e colocar os pés sobre a mesa... Apenas um sonho e nada mais, dirão? Bem, para as praças do 2.º/3.º RI, no Vietnam, a ficção tornou-se realidade. O então Comandante daquele batalhão da "Velha Guarda", Maj Loeffke, imaginou um processo de elevar o moral sem par. A idéia que ficou conhecida na unidade como "O Guarda da Noite", em síntese, compreende o seguinte.

O Comandante do batalhão ao início do crepúsculo vespertino embarca em seu helicóptero e dirige-se às posições avançadas de uma das companhias em primeiro escalão. Em lá chegando, após consultar o respectivo Comandante de subunidade, seleciona uma dentre quatro praças que mais se distinguiram por sua atuação em combate durante a semana, elegendo-a o "soldado da semana". O escolhido é transportado, no helicóptero do comando, então, com todos os seus pertences (armamento e equipamento), para o PC do batalhão à retaguarda. Quando o Soldado chega ao PC lhe é fornecida uma muda de roupa limpa e colocado à vontade nas instalações do Comandante, com acesso livre a tudo que normalmente dispõe este último. A única obrigação imposta à praça é responder, sem constrangimentos, a um questionário-formulário, versando sobre os mais variados assuntos. Enquanto isso, o Comandante passa a noite nas posições avançadas da companhia, ocupando o lugar do felizardo transportado à retaguarda, com todo o "conforto" que um abrigo individual oferece. Na manhã seguinte, o Comandante da unidade e o soldado retornam aos respectivos lugares de origem e reassumem suas atribuições normais. Esses rodízios foram efetuados à razão de cinco noites por semana, abrangendo todas as subunidades do batalhão.

Só assim o comando pôde sentir os anseios dos subordinados no momento oportuno e ouvir coisas tais como:

— "Ontem, Comandante, pensamos em atirar no senhor."

— "Lançar suprimentos de helicópteros sem um meio de suspensão é extremamente perigoso. Ser atingido por uma lata de ração C é pior do que por um tiro. Não se pode também abri-las quando ficam amassadas, assim, às vèzes, passamos fome."

— "O moral é função do correio. Sua política de não permitir helicópteros aterrarem privou-nos de utilizar êste serviço."

— "Os homens estão denunciando suas posições ao inimigo devido ao uso desses ponchos."

— "É um suicídio realizar patrulhas com efetivo inferior ao de um grupo de combate."

— "Aquêlc engenho noturno não funciona nesta selva."

— "As patrulhas não fazem prisioneiros porque os homens roncarn."

Mas como não podia deixar de acontecer, a idéia suscitou várias opiniões contrárias. As críticas ao sistema implantado evocavam que o lugar de um Comandante de batalhão é no seu PC ou em suas proximidades durante todo o tempo. Todavia, na guerra do Vietnam que se caracteriza principalmente por ações de patrulhas, a menos que acompanhe perfeitamente a atuação destas no terreno, a ação do comando não será eficaz.

A adoção desta prática capacitou o comandante da unidade a familiarizar-se intimamente com o terreno, com as peculiaridades do inimigo e da zona de ação. Ademais, despertou e desenvolveu a interação entre o comandante e as praças que não só contribuiu para elevar e manter em alto padrão o moral da tropa como proporcionou valiosos ensinamentos técnicos, táticos e administrativos. Estabeleceu um diálogo que se transformou em uma utilíssima ferramenta de relações humanas com ótimos resultados para a eficiência da unidade.

A aplicação desta técnica e a avaliação de seus resultados são melhor aquilatadas pela análise das observações colhidas pelo comandante do batalhão e dos documentos traduzidos que se seguem.

OBSERVAÇÕES DE UM COMANDANTE DE BATALHÃO

O Ten Cel Loeffke é de parecer que o Comandante de batalhão deve participar das patrulhas de emboscada, no mínimo uma e no máximo duas noites por semana. Tal participação nessas ações não põe em risco a eficiência da unidade como um todo. Antes de deslocar-se para as posições de emboscada, o Centro de Coordenação e



As lições de um soldado raso podem contribuir para um general cumprir sua missão. O Gen Div Warren K. Bennett anota observações colhidas e o Ten Cel Loeffke



O Ten Cel Loeffke como integrante de um Destacamento de Forças Especiais instruindo soldados vietnamitas

Apoio de Fogo (CCAF) da Unidade entrava em funcionamento e as comunicações entre o Comandante do batalhão e este órgão eram testadas.

"Uma unidade só executa bem aquilo que o comandante verifica." Acha o observador isto particularmente verdadeiro quando se trata de uma tropa em campanha. Com esse fim estabeleceu, então, NGA especificas para patrulhas de emboscada. Por exemplo: uma fração de tropa deve efetuar, pelo menos, três ensaios antes de sair em patrulhas desta natureza e um relatório sumário de informações após retornar. Entretanto, erros imperdoáveis constatavam-se repetidas vezes. Com a finalidade de descobrir as causas dessas falhas e eliminá-las, uma vez por todas, resolveu o Comandante do batalhão assistir pessoalmente aos treinamentos das patrulhas. Quando as companhias souberam que o comandante do batalhão estaria presente aos ensaios, estes foram conduzidos com maior entusiasmo e proficiência e as patrulhas mais inteligentemente executadas. Integrando uma patrulha composta de sete homens chefiados por um Soldado de primeira classe, o Ten Cel Loeffke anotou durante a progressão um total de treze grandes erros cometidos pelas praças. Comunicou o ocorrido ao comando da subunidade interessada e, posteriormente, voltou a inspecionar uma de suas patrulhas. Nesta segunda oportunidade em que acompanhou uma das patrulhas daquela companhia os homens mostraram-se muito mais eficientes. Em outras ocasiões, pessoalmente substituiu dois Comandantes de patrulhas, multou vários, repreendeu uns e louvou alguns. Com gente inexperiente (oficiais e praças) sentiu o Comandante do batalhão que esse contato, às vezes, se faz mister.

Enviara membros de seu estado-maior como representantes do comando dotados de listas de verificação adrede preparadas, a fim de relatarem a atuação das patrulhas, mas os resultados foram apenas satisfatórios. "Não há substituto para a presença pessoal do Comandante no local e momento adequados, apontando aos chefes subordinados as falhas constatadas", textualmente declara o experiente veterano em operações no Sudeste Asiático acrescentando, "... o Comandante não pode fazer isto permanecendo à retaguarda no PC ou no QG. Encorajo os comandos de subunidade a desenvolverem a iniciativa de seus Oficiais executivos e Sargentos auxiliares dos pelotões de modo a capacitá-los efetivamente para liderarem as respectivas frações de tropa, a fim de liberá-los ocasionalmente para acompanhar algumas de suas patrulhas de emboscada". Como regra aceitável considera que o Comandante deva participar de patrulhas no máximo uma vez por semana e no mínimo duas vezes por mês. Somente pela constante prática é que se chega ao ótimo. Como as batalhas na área de operações do Vietnam resultam basicamente dos combates de frações de tropa, não se admite senão um correto emprêgo tático e desempenho perfeito das pequenas unidades.

A presença do Comandante nas posições avançadas, correndo os mesmos perigos a que submete os subordinados, sob extremas con-



Troféus conquistados por uma patrulha norte-americana vietnamita bem treinada e executada. No canto inferior esquerdo vê-se o Ten Cel Loeffke

dições climáticas e meteorológicas (frio, chuva, vento ou calor, lama, etc.), comprovou o ex-Comandante do 2.º/3.º RI no Vietnã que, além de contribuir positiva e decisivamente para a elevação do moral da tropa, torna os homens mais francos e lhes permite externar coisas que em outras circunstâncias jamais ter-se-ia conhecimento.

Quando os esforços para melhorar as emboscadas da "Velha Guarda" iniciaram-se em meados de julho de 1969, o Comandante da unidade acompanhou patrulhas de várias companhias. Observou as ações do começo ao fim da missão e anotou as seguintes causas de insucesso nas emboscadas:

- 1 — as emboscadas não eram ensaiadas;
- 2 — fumava-se nas patrulhas não se observando a disciplina de luz à noite;
- 3 — inveterados roncadores guarneciam as posições de emboscada;
- 4 — as minas "claymore" (2) eram mal colocadas;
- 5 — as patrulhas saíam muito cedo e eram seguidas;
- 6 — as patrulhas, na maioria das vezes, deslocavam-se com muita rapidez, ocasionando o extravio de alguns de seus componentes (certa vez presenciou três homens perderem-se);
- 7 — os ponchos faziam um ruído excessivo e característico;
- 8 — por ocasião da troca de guarda verificavam-se discussões ou diálogos em tom alto;
- 9 — as minas "claymores" eram acionadas prematuramente;
- 10 — os atiradores não estaqueavam o terreno para balizar os campos de tiro;
- 11 — não se utilizava corretamente o processo de contagem dos homens para identificá-los.

Uma vez estas deficiências e faltas descobertas, medidas para eliminá-las foram adotadas com tangíveis resultados positivos.

PROBLEMAS E ENSINAMENTOS

Problema n.º 1

Na chuva, os ponchos provocam um ruído típico quando os pingos de água caem na sua superfície, fornecendo ao inimigo um meio de determinar onde está localizada uma posição de emboscada.

(2) "CLAYMORE" — Nome dado a u'a mina antipessoal cuja carga explosiva lembra o antigo "shrapnel". Seu efeito direcional e letal a tornou muito usada no Vietnã. Em patrulha cada homem conduz uma dessas minas.



Um combatente negro do Exército norte-americano nos pântanos do Vietnam

O inimigo vinha sistematicamente desbordando as posições de emboscada, devido aos homens dormindo nos ponchos fazerem muito barulho ao se envolverem nêles e a chuva ao cair sobre o grosso tecido plástico causar um som característico, o que revelava as posições norte-americanas.

Ensinoamento

O poncho ideal a ser usado por tropas em emboscadas deve ser de sêda muito fina para que os pingos de chuva ao cairem sobre o tecido não ecoem. O inimigo usa ponchos de sêda. NGA adotada pelo 2.º/3.º RI: permitido somente o uso do fôrro do poncho — preferível um homem molhado do que morto.

Problema n.º 2

Em toda coletividade há sempre um certo número de homens que roncam ao dormir. Nas posições de emboscada os comandantes de patrulha usualmente tinham de acordar os roncadores inúmeras vêzes durante a noite a fim de evitar que se denunciassem ao inimigo. Todavia, assim procedendo inevitáveis também eram os ruídos provenientes dos diversos processos adotados para despertar os dorminhocos, ocasionando repetidos tumultos durante a noite.

Ensinoamento

Nestas situações, aqueles que roncam devem colocar as máscaras contra gases ou u'a meia (lenço) na boca enquanto dormem.

Problema n.º 3

Em certa emboscada realizada em combinação com forças regionais, as posições da "Velha Guarda" não foram perfeitamente informadas aos aliados. A tropa do Vietnam do Sul com a missão de participar da emboscada deslocou-se para a posição já muito tarde não tendo condições de observar a localização exata de seus aliados. Resultado: lançaram minas na direção dos norte-americanos. Se o contato com o inimigo se tivesse estabelecido e as minas, detonado, a emboscada redundaria em um autêntico fracasso com pesadas baixas para as forças amigas.

Ensinoamento

Jamais permitir que frações de tropa em ações combinadas saiam para cumprir determinada missão sem pelo menos efetuarem três ensaios, incluindo a localização precisa de minas a serem lançadas, estabelecerem coordenação entre os participantes antes da partida e após atingirem o local prefixado de emboscada ou as posições de ataque.

Problema n.º 4

É difícil manter as comunicações durante a noite em uma posição de emboscada sem um mínimo de perturbação.

Uma patrulha de emboscada noturna, no valor de um grupo de combate, ao longo dos trilhos de uma ferrovia, dividiu-se de modo a cobrir ambas as margens do leito da estrada de ferro. Com apenas um rádio disponível no GC, surgiu o problema de manter as comunicações entre os membros da patrulha dividida em dois sem provocar excessivo movimento ou barulho.

Ensinarmento

Um pedaço de fio duplo telefônico foi estendido de um lado ao outro dos trilhos e controlado em cada extremidades por um indivíduo. Um código pré-convencionado, baseado em um certo número de puxões, serviu de meio de comunicação.

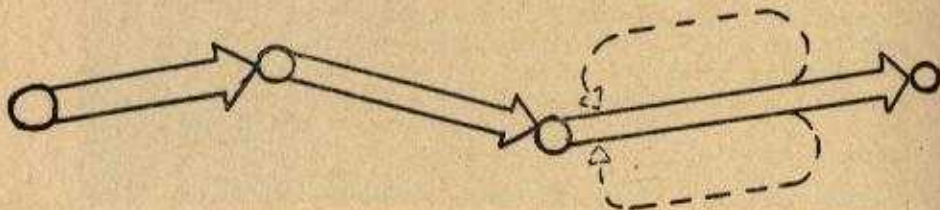
Problema n.º 5

Um problema comum na montagem de emboscadas é evitar que o inimigo seja capaz de determinar exatamente onde a tropa encarregada desta ação vai instalar-se para pernoitar.

Comumente, no Vietnã, o inimigo lança batedores ao longo das trilhas com o objetivo específico de localizar e rastrear as patrulhas em marcha para suas posições defensivas noturnas, a fim de desbordar a área ou de levar a efeito ações ofensivas.

Ensinarmento

O inimigo pode ser iludido fazendo-se vários altos no deslocamento para as posições defensivas noturnas ou empregando-se vigias à retaguarda para interceptar qualquer batedor estranho que siga a tropa. Para evitar detecção, estes vigias de retaguarda devem sempre ser lançados da testa da coluna e reincorporarem-se à mesma na cauda.

**Problema n.º 6**

As praças normalmente instalam suas "claymores" sem consulta prévia aos comandantes imediatos.

A menos que o Comandante de patrulha ou fração de tropa supervisione pessoalmente o lançamento das minas, não terá uma perspectiva completa do terreno minado e, por conseguinte, ignorará se a área está bem protegida.

Ensinarmento

Ao Comandante de patrulha cabe a responsabilidade pelo lançamento de minas devendo indicar as áreas a serem cobertas por determinados tipos.

Problema n.º 7

As emboscadas tornavam-se inócuas antes que as tropas encarregadas das mesmas atingissem as regiões de destino.

As patrulhas de emboscada eram observadas ao deixarem as bases de combate e os Vietcongs acompanhando-as até os locais de destino furtavam-se às ações.

Ensinarmento

Os pelotões saíam e permaneciam fora por cinco ou mais dias, daí ocupando as posições de emboscada. Tal medida reduzia os deslocamentos das bases de combate e, conseqüentemente, minimizava as oportunidades de o inimigo detectar os locais de emboscada. O ressuprimento era o único problema, mas foi solucionado com o emprego de helicópteros no abastecimento dos elementos terrestres. Vários processos foram usados. Valendo-se dos ganchos utilizados para subir em postes telegráficos os homens atingiam o topo das árvores com uma secção de antena erecta e um balão preso à sua extremidade. O helicóptero ao divisar o balão circundava uma área bem afastada daquela assinalada e lançava várias granadas fumígenas e pacotes de rações C vazios. Depois então rapidamente sobrevoava o balão e lançava os suprimentos.

Problema n.º 8

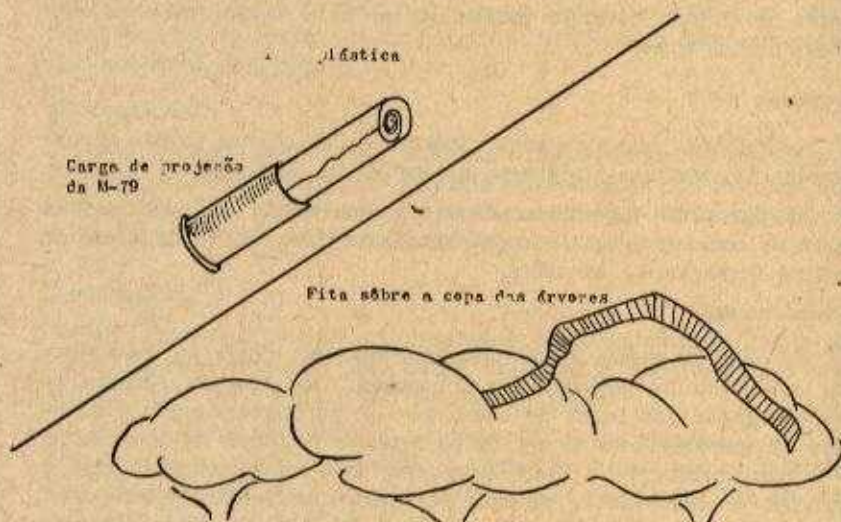
As patrulhas tinham dificuldade em assinalar suas posições para o ressuprimento aéreo sem se denunciarem a qualquer observador inimigo atento.

A conhecida granada fumígena, muito empregada nestas situações, mostrava-se ineficaz porque não só revelava completamente a posição da força terrestre ao inimigo mas também mostrara-se deficiente como artifício sinalizador devido a espessa cobertura da selva.

Ensinarmento

Improvizou-se um meio de assinalar as posições de terra lançando-se mão de um cartucho para disparar granada M-79. Retirada

a ogiva da munição a substituiu-se por um rôlo largo e bem compacto de fita isolante plástica do tipo das comumente usadas pelos eletricitistas. Uma vez deflagrado o tiro, a fita desenrolava-se como uma serpentina drapejando sobre a copa das árvores.

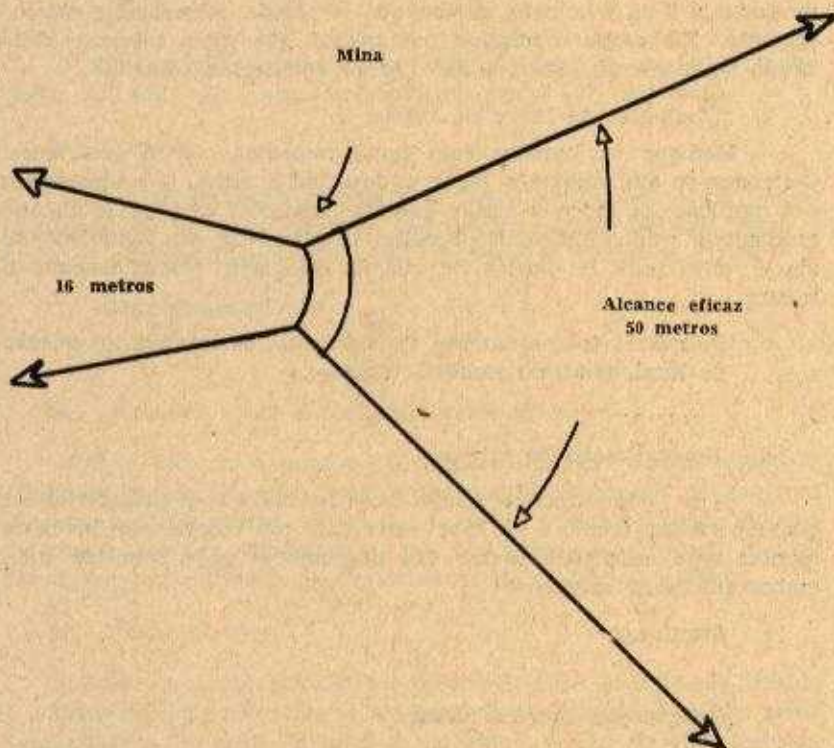


Problema n.º 9

Antes de ser identificado um grupo de Vietcongs atravessou uma área minada nas proximidades de uma posição de emboscada. Os elementos de tocaia não acionaram suas "claymores" porque julgaram ter o inimigo ultrapassado o alcance útil das minas. Em consequência, o inimigo ficou submetido apenas ao fogo de armas portáteis, resultando em uma emboscada pouco proveitosa.

Ensino

Foi realizada uma demonstração à tropa a fim de provar que as "claymores" têm efeito mortal também para a retaguarda em um raio de 16 metros. Assim, puderam empregar com eficácia as "claymores" mesmo após o inimigo haver ultrapassado uma área minada dentro de certos limites.



Raio de ação à frente e para retaguarda de u'a mina "claymore"

QUESTIONARIO RESPONDIDO POR UM "GUARDA DA NOITE"

O que se segue é a tradução de um questionário-formulário usado no sistema instituído no 2.º/3.º RI para melhor conhecimento dos problemas que afetavam a unidade como um todo e preenchido pelo Soldado Larry Morford que pereceu em combate, no Vietnam, dois meses após ter sido distinguido como "Guarda da Noite" (aquela praça que trocava de lugar com o Comandante do batalhão) e, salvo a vida do então Major Loeffke por duas vezes. Expressa as preocupações do G.I. norte-americano naquele teatro de operações, inquietações essas que ainda hoje persistem.

GUARDA DA NOITE

Questionário

- 1 — Por favor, responda as seguintes perguntas:
- 2 — Como se pode melhorar os seguintes aspectos das operações?
 - a. Emboscadas

— Só são compensadores em áreas de grande atividade. Vasculhe, colha dados e estude a área intensivamente com patrulhas

limitadas a 6 ou 7 homens, deslocando-se rápida, silenciosa e discretamente. Embosque o inimigo nas trilhas que mais estejam utilizando no momento. *Faça maior uso de emboscadas diurnas.*

b. Disciplina de luz e de ruídos

— Medique os homens com bons remédios contra resfriados. Certifique-se que saibam o lugar onde estão a arma, o equipamento e a munição, de modo a evitar que esse material caia ou se choque produzindo ruídos anormais. Escolha previamente um itinerário de ida e volta para os postos de guarda que seja desembaraçado e seguro.

c. Patrulhas (planejamento, treinamento, deslocamento, seleção de local, relatório sumário verbal)

d. Neutralização do inimigo

— Se se pode encontrar locais de emboscadas com características quase perfeitas (como o em que estive com um colega), ao invés de montar uma ação para matar, por que não se pode conceber uma emboscada para *capturar*?

e. Segurança

f. Informações sobre o inimigo

— Na última missão constatou-se mais atividade do que se presenciara durante meses. Em conversa perguntei ao comandante da minha companhia como as coisas iam. Respondeu-me que era uma peça insignificante e assim sendo, infelizmente, não conseguira obter qualquer espécie de informação. É muito ruim quando o comandante não mantém os subordinados informados.

g. Uso de artifícios pirotécnicos, radar, "claymores" e orientação pelas estrelas

h. Operações aeromóveis

— Seriam ótimas se efetuadas com precisão.

i. Ressuprimento (lançamento aéreo por pára-quedas ou livre)

— O lançamento livre, sem suspensão, é extremamente perigoso. Ser atingido por uma ração C é pior do que por um tiro de AK (3). Sem correio a tropa acaba irritada e o moral cai. Faz-se necessário, às vezes, embrenhar-se na selva para achar os suprimentos lançados.

(3) AK — É um fuzil de fabricação chinesa, modelo russo, semelhante ao M16 norte-americano, usado pelos Vietcongs.

j. Rancho

— Não se pode sobreviver só com rações C — acaba-se indisposto. Há algo um pouco diferente que possa ser lançado?

k. Correio

— Tem-se estado tão coberto de terra ultimamente que pouca oportunidade há para escrever. As poucas cartas escritas fazem a troca de correspondência irregular. O moral é função do correio.

l. Comunicações rádio

m. Apoio de saúde e cuidados odontológicos

— O médico do batalhão, dadas suas inúmeras outras responsabilidades, dispõe de pouco tempo para examinar os pés dos homens diariamente. De minha parte não tomo as devidas precauções com referência aos pés. Examinar os pés das praças diariamente deveria ser da responsabilidade do Comandante de grupo de combate.

n. Moral da tropa

— Deve-se informar aos subordinados, pelo menos, sua missão e a finalidade da operação, se fôr impossível dizer-lhe o que se passa fora da zona de ação na qual se encontra, e não vir com lisonjas, brilhantes generalidades e chavões, semelhantes a discursos próprios de comemorações oficiais, mas falar de homem para homem.

o. Destruição de pontos-fortes

p. Rodizio e descanso

— Se os homens permanecerem em linha por um período de 60 dias e somente concederem-lhes três miseráveis dias de licença, o médico da unidade ver-se-á em apuros.

q. Como aliviar a carga transportada pelo infante a pé?

— Planeje-se operações mais curtas e faça-se maior uso de patrulhas aligeiradas que dão melhores resultados.

r. Troca de uniformes e disponibilidades de meias

— Os homens deveriam sair de linha cada 7 ou 10 dias para receberem cartas, trocarem de roupa, terem um dia de repouso e uma oportunidade para assistirem aos serviços religiosos.

s. Solução de problemas pessoais

.....

t. Uso da cadeia de comando da unidade para registrar queixas e solucionar problemas

— A cadeia é bastante flexível e não tem causado transtornos. Um homem é um homem e se faz necessário um canal de comando para orientá-lo em campanha.

u. Teve ampla oportunidade de ver o capelão?

— Sim, quando ele aparece.

v. Tem assistência religiosa suficiente (protestante, católica, israelita)?

— Gostaria poder usufruir de tal.

3 — Sistema do "Guarda da Noite"

a. Acredita que a prática desse sistema é conveniente? A maioria das praças conhecem-no?

— Qualquer processo que estabeleça maior entendimento entre pessoas é lucrativo.

Mas apreciaria se os homens fossem mais honestos em suas comunicações para cima.

b. Que recomendações sugere para aprimorar o programa "O Guarda da Noite"?

— Transforme-o em "O Guarda do Dia" algumas vezes e fique no lugar de um soldado no campo durante um dia em local que as outras praças possam vê-lo.

4 — Que outras sugestões tem?

— Por que o Infante não entra mais em contato com a população? Por que não se participa mais do Programa de Pacificação? Onde está o programa de Pacificação? Por que não nos é dada uma visão maior e conhecimentos mais completos do que se passa nesta guerra? Maior conhecimento do povo, dos costumes, da língua e da religião. Por que não se utiliza mais o Infante no serviço de informações ou não se envia um elemento de segunda seção para operar junto dele no campo?

5 — Solicite um formulário DA 1526 para enviar notícias à imprensa de sua cidade natal. Consulte o adjunto do ORP do Batalhão para assistência, se necessário.

.....

6 — Por obséquio remeta os dois exemplares dêste formulário ao Subcomandante do Batalhão após preenchê-los.

7 — Deseja que o café da manhã lhe seja trazido? SIM
..... NÃO.

NOME COMPLETO: Larry Howard Morford

GRADUAÇÃO: Soldado de Primeira Classe,

COMPANHIA: C

DATA: 15 Out 1969

Da análise de declarações prestadas em questionários-formulários como êste pôde o comando do batalhão constatar erros e acertos da unidade e tomar as providências que se impunham.

Comprovadas foram, ante a interpretação dos questionários-formulários, as seguintes observações:

1 — A realização de emboscadas durante a luz do dia eram mais recomendáveis, pois os Vietcongs deslocavam-se em maior frequência nestas horas.

2 — Patrulhas de efetivos menores são mais práticas e valiosas.

3 — Homens gripados, o que é comum em operações naquela região, devem ser medicados antes de saírem em patrulhas.

4 — Realmente a captura de inimigo é mais importante do que a sua morte.

5 — Os helicópteros nunca andavam na hora o que prejudicava enormemente as operações aeromóveis.

6 — Da altura em que eram lançadas sem pára-quedas as caixas de ração C, se atingissem alguém poderiam matá-lo.

7 — Homens em linha por 18 dias ou mais necessitam de alguma coisa extra além do que rações de combate.

8 — Passava-se semanas na floresta sem se ter notícia do correio.

9 — Há necessidade dos Comandantes de fração de tropa verificarem os pés de seus subordinados diariamente.

10 — Só se conversando de homem para homem com as praças é que se aquilata como vai a situação.

11 — Impõe-se que a tropa em contato, pelo menos, de duas em duas semanas tome um banho de chuveiro.

12 — O Soldado de infantaria carregava peso excessivo e não podia efetuar grandes etapas de marcha na selva, de modo que as operações deviam ser razoavelmente faseadas.

13 — O rodízio do pessoal em linha deve ser feito cada sete ou dez dias, de forma a permitir que troquem de uniformes e se utilizem dos serviços da área de retaguarda.

14 — A assistência religiosa não andava a contento.

15 — O sistema adotado de trocar de lugar com as praças por uma noite tivera boas receptividades e ótimos resultados. A cadeia de comando funcionava bem.

16 — O Soldado norte-americano chegava ao teatro de operações sem um conhecimento adequado da região, da população local, dos costumes, da língua e da religião.

17 — Havia falta de informações e necessidade de manter os homens esclarecidos. Talvez os informes e as informações do infante em contato não estivessem sendo bem aproveitados.

18 — Nem sempre lutar era a melhor solução. Um maior entrosamento com a população civil impunha-se. O chamado "Programa de Pacificação" era desconhecido ou mal-entendido pelas praças.

RELATÓRIO SUMÁRIO VERBAL

Após uma emboscada noturna realizada por uma patrulha, era da NGA da unidade a apresentação de uma sessão em que o comandante do escalão considerado prestava um depoimento verbal das ações desenvolvidas sob sua chefia. Este relato sumário consistia em uma autocritica individual feita por cada integrante da patrulha, na qual era contado o que se fez ou se deixou de fazer com prejuízo para as operações.

Abaixo transcreve-se, como exemplo, o texto obtido da gravação de um destes relatórios sumários verbais prestado por um comandante de grupo de combate da Companhia D, do 2.º/3.º RI, e que pode dar uma idéia da mecânica seguida e da sua utilidade.

— Cmt GC: "Muito bem, rapazes, nossa patrulha de emboscada da noite passada não foi das melhores. Grande parte dos nossos problemas redundaram de partirmos um tanto tarde e então termos sido forçados a correr e nos instalarmos sem muita luz. Pessoalmente acuso-me de não ter efetuado a contagem dos participantes da operação algumas vezes. Quando nos deslocamos através da vegetação espessa, quase perdemos um homem, exatamente porque a contagem não foi passada adiante. Também não verifiquei a "claymore" de cada um de vocês e quando escureceu senti-me inseguro quanto a cobertura da área proporcionada pelas minas. Agora, que me dizem vocês?"

— 1.º Volteador: "Não testei os fios da minha "claymore" e do arame de tropêço com artifício iluminativo antes de partirmos.

Quando chegamos a nossa posição defensiva noturna, encontrei-os emaranhados e foi quase impossível desembaraçá-las na escuridão da noite."

— 2.º Volteador: "Eu marchava na testa. Evidentemente estava andando muito rápido através daquela vegetação espessa e quase levei um homem a extraviar-se. Também, algumas vezes, segui trilhas, o que não é recomendável."

— 3.º Volteador: "Fiz muito barulho quando me instalei no terreno."

— Municiador: "Tudo o que tenho a confessar é que não observei bastante a disciplina de ruídos, penso eu."

— Atirador: "Determinei os limites esquerdo e direito de meu campo de tiro enquanto ainda estava claro mas não os balizei no terreno. Então, quando caiu a noite, não pude divisá-los."

— Granadeiro: "Saí para falar por um minuto com o comandante do GC e quando voltei alguém colocara um arame de tropeço onde minha "claymore" seria instalada, de maneira que não pude utilizá-la."

— Cabo Cmt de Esquadra: "Achei difícil permanecer alerta quando de guarda."

— Operador-Rádio: "Esta manhã fui informado que tossia e roncava enquanto dormia. Também esqueci-me de reduzir o volume do rádio quando partimos."

Eis aí o que é, em síntese, o relatório sumário verbal — descobrir falhas de modo que possam ser retificadas nas patrulhas seguintes.



As informações táticas são as necessárias aos comandantes para planejamento e execução de todos os tipos de operações militares.

O APROVEITAMENTO DOS SISTEMAS NACIONAIS DE MICRO-ONDAS PARA A TELEDUCAÇÃO

Gen Bda Ref
TAUNAY DRUMMOND COELHO REIS

CONCLUSÕES DO IV SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO PARA DIRETORES DE TELEDUCAÇÃO — 12 A 25 DE SETEMBRO DE 1970 — MÉXICO

O melhor caminho para proporcionar teleducação a grandes populações em um país é através de rede composta de Sistema de Micro-Ondas, associado a estações transmissoras e repetidoras. Especificando mais, podemos dizer que além de apresentar, do ponto de vista nacional, uma independência invejável, é subproduto de obra já concluída, ou em vias de conclusão, em quase todos os países latino-americanos. É oportuno lembrar também, que todos os países do continente assumiram o compromisso de concretizar com Micro-Ondas a Rede Interamericana de Telecomunicações (RIT).

No caso do Brasil, a Empresa Brasileira de Telecomunicações, EMBRATEL, subordinada ao Ministério das Comunicações, manifestou seu ponto de vista, com relação à teleducação, em amplo estudo no qual as idéias básicas estão sintetizadas no subtítulo Conclusões, cujo texto é o seguinte:

"CONCLUSÕES

- a) A implantação de um Sistema de TVE utilizando a Rede Nacional de Troncos de Micro-Ondas de Alta Capacidade, poderá ser realizada a custo extremamente reduzido, pois aproveita uma intra-estrutura já em plena execução;
- b) Pelo mesmo motivo, os prazos de execução são muito curtos, possibilitando o desencadeamento do programa com a urgência ditada pelas necessidades do País;
- c) O sistema poderá atender, plenamente, às necessidades em canais de RF, face a ampla capacidade ociosa dos Troncos instalados;
- d) Atravessando regiões de mais alta densidade populacional do País, a utilização do Sistema da EMBRATEL permitirá, inicialmente, através dos 40 Centros de TV citados, atingir a cerca de 70% da população brasileira;

- e) A expansão do Sistema, com a instalação de Centros de TV em outras localidades, ao longo das rotas da EMBRATEL e dos sistemas estaduais, permitirá elevar a percentagem da população atingida pela Rede de TVE a cerca de 90%;
- f) Os custos de operação do Sistema serão reduzidos, já que usam uma infra-estrutura já estabelecida para atender aos demais serviços de telecomunicações do País;
- g) a implantação do Sistema Integrado de TVE poderá ser programada para execução de modo progressivo, de acordo com as necessidades e as possibilidades do restante da infra-estrutura a ser implantada pelo Ministério da Educação."

Para concretizar o que preconiza, a EMBRATEL já instalou 7 mil quilômetros de troncos de Micro-Ondas de Alta capacidade, atendendo a área mais povoada do país. Os restantes 4 mil quilômetros do plano nacional, estarão concluídos antes do fim de 1971.

No momento a EMBRATEL está instalando equipamento eletrônico capacitado a conduzir o sinal de dois canais de TV. Sua estrutura básica (tórres, prédios, baterias, geradores, etc.) entretanto, está montada para receber equipamento adicional e elevar suas possibilidades. O limite de capacidade da estrutura é 14 canais de TV, com pequeno gasto adicional relativo por novo canal.

Por sua vez, os Estados da Federação Brasileira, estão desenvolvendo planos estaduais que, integrando-se à rede federal, ampliarão ainda mais sua capacidade de atendimento demográfico. Entre outros, desejamos destacar os planos de Micro-Ondas dos Estados de Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Embora orgulhosos do trabalho feito no Brasil, no setor de Micro-Ondas, podemos informar que, dentro da relatividade de suas populações e superfícies, muitos países da América Latina estão mais adiantados que o Brasil. Entre outros, relacionamos: México, Venezuela, Colômbia e Argentina.

O conhecimento das possibilidades nacionais de atendimento da teleeducação por parte de suas redes nacionais contribuiu para que os Ministérios de Comunicações do continente, reunidos em Bogotá, em julho de 1970, na V Reunião da Comissão Interamericana de Telecomunicações, V CITEL, optassem pelas Micro-Ondas. Essa opção fica claramente evidenciada em vários documentos dos quais destacamos os seguintes trechos:

"CITEL — 96-70

Recomendaciones de la Subcomisión de Teleducación

Bogotá, Julio 1970 — La Quinta Reunión de la Comisión Interamericana de Telecomunicaciones (CITEL),

Considerando:

Que en casi todos los países se están haciendo estudios para la utilización de los medios de comunicación colectiva como eficientes ayudas y sistemas complementarios al tradicional sistema educativo y que muchos de ellos cuentan con elaborados programas de teleducación, ya en implementación.

Que es necesario analizar y planificar la mayor utilización de las posibilidades teleducativas que ofrecen todos los sistemas de telecomunicaciones.

Considerando también la actual capacidad no utilizada de las instalaciones de Telecomunicaciones,

Resuelve:

Solicitar al CIESS que recomiende a los países miembros como manera de asegurar la instrumentación de la teleducación:

A. En cuanto a su administración:

6. Que se acepte el ofrecimiento de la Administración Peruana de organizar en la ciudad de Lima, en 1971, el Primer Seminario Interdisciplinar de Investigación y Planeamiento de la Tecnología aplicable a Teleducación; en especial de las posibilidades que ofrecen las redes existentes y las nuevas técnicas de distribución y difusión.

B. En cuanto a la emisión:

2. Que se aprovechen al máximo las redes de comunicaciones existentes y proyectadas en servicio de la Teleducación.

CITEL — 98-70

Integración de las Delegaciones de Educación a la Reunión del CIECC en Santiago, Chile

La Quinta Reunión de la Comisión Interamericana de Telecomunicaciones (CITEL),

Considerando:

Que a través de un funcionario del Departamento de Educación de la OEA, la Subcomisión de Teleducación ha tenido conocimiento de un proyecto sobre un experimento de utilización regional de satélites con fines educativos;

Que, en el próximo mes de septiembre, se reunirá en Santiago de Chile el CIECC para estudiar la conveniencia y viabilidad de este proyecto;

Que este asunto tiene estrecha relación con los organismos de Telecomunicaciones y teleducación, y es de máxima importancia para los países de América Latina,

Resuelve:

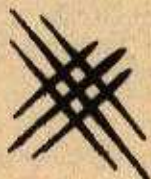
Solicitar al CIESS que recomiende a los Estados Miembros:

1. Que frente al proyecto en referencia adopten una actitud de cautela que evite precipitaciones en el uso de tecnologías aún en estudio para su aplicación en la Teleducación y cuya justificación sería dudosa ante los urgentes problemas de la Educación masiva que reclaman todos nuestros pueblos y ante las posibilidades técnicas ya existentes.

2. Que, en lo posible, las delegaciones que envíen a Santiago de Chile estén integradas por especialistas en Telecomunicaciones."

Pessoalmente creio que o fulcro da questão está em que *teleducção por micro-ondas é instrumento de soberania e teleducção por satélite é instrumento de hegemonia.*

Para concluir solicito aos educadores aqui presentes que não se deixem inibir na concretização de emissoras terrestres para teleducção.



Procure atingir o inimigo o mais rapidamente possível, tão forte e surpreendente como puder, onde êle fôr mais sensível.

OS MEIOS DE COMUNICAÇÕES, A OPINIÃO PÚBLICA E A SEGURANÇA NACIONAL

Ten Cel PAULO CORRÊA JUNIOR
Escola Preparatória de Cadetes do
Exército

1 — GENERALIDADES

As comunicações estão inseparavelmente ligadas ao homem. Elas constituem a própria essência da natureza humana, pois na História da Evolução da ordem dos primatas, os antropóides só podem ser considerados *hominidas*, nas suas formas atuais ou extintas, se capazes de mutuamente transmitir idéias através de símbolos. Assim, as comunicações deram e dão o caráter essencialmente "humano", desde o mais primitivo ao mais evoluído dos homens. Os meios simbólicos usados para transmitir e receber as idéias evoluíram da mimica para os sons vocais, dos sons para sinais gráficos, para a imagem fotográfica e televisada e hoje encontramos-nos utilizando os satélites artificiais para os mesmos fins. Estes meios de comunicações encurtam as distâncias de tal forma que é possível a interligação direta entre pessoas situadas em quaisquer pontos da terra, pois a tecnologia de vanguarda, que segue seu curso em progressão geométrica, inclui e está intimamente ligada às comunicações. Assim, aquele que se utiliza dos meios de comunicações desta tecnologia pode ser caracterizado como o ser mais avançado da espécie humana.

Muitos foram os pensadores que trataram abstrativamente da passagem do "homem natural" para a condição de "homem político" procurando esclarecer a origem e os fundamentos do Estado, mas a História nos dá eloquentes exemplos de que os meios de comunicações permitiram a sedimentação das aspirações das comunidades e foi condição imprescindível para a execução da organização política das nações, que é o *Estado*.

O Egito Antigo assinala a existência do primeiro grande Estado que a História registra e não é por acaso que os limites deste Império não se afastavam do Nilo, que era o seu meio de comunicação e de transporte. A formação e a manutenção do Império Inca, bem como a de sua máquina administrativa, que reunia sob seu cetro regiões e povos tão distantes e variados, não é concebível, se

desprovido, o Império, dos meios de comunicações — a Estrada do Sol e especialmente os correios chamados “chasqui”, allados a um peculiar sistema de transmissão de idéias, os quipos — efficientísimos de que dispunha.

Estas considerações nós as fizemos, não só para evidenciar a importância dos meios de comunicações, como para mostrar a interligação entre eles e o Estado. Não nos alongaremos sobre os seus efeitos na produção, nos negócios e no comércio, vale dizer na economia, porque isto foge aos precipuos objetivos dêste trabalho.

2 — A OPINIÃO PÚBLICA — SEU VALOR

Os Estados, conforme sejam democráticos ou totalitários, consideram de maneira diferente a Opinião Pública. Nestes últimos ela tem importância variável e não é raro que a pergunta de Maquiavel — “mais vale (o príncipe ou rei ou Governo) ser amado que temido (pelo povo) ou temido que amado?” seja ainda posta em pauta, e resulte em opção para a segunda hipótese. Nesses países, geralmente ou ela é conduzida ou mostra-se particularmente insegura, porque quase sempre é mal informada. Esta é a razão pela qual, neste estudo, não levaremos em consideração a Opinião Pública das nações sob regime totalitário, pois o caráter histórico do povo brasileiro repele o totalitarismo e inclina-se pelo liberalismo.

No pólo oposto, o democrático, pelo contrário, ela (opinião pública) encontra-se entre os mais altos valores nacionais e, pelo menos, teoricamente, deve ser o verdadeiro e único móvel das ações internas e externas do Estado. Convém lembrar que na origem, a palavra *democracia* significa *governo do povo*. Assim é que os helenos, os introdutores dêste tipo de prática de administração da comunidade a encaravam e executavam, pois as suas cidades-Estados eram de tamanho reduzido, permitindo que funcionassem como uma grande família. Aristóteles dizia que o Conselho dos Cidadãos não devia exceder à capacidade de um orador *sem megafone* fazer-se ouvir por toda a Assembléia. Já na época do florescimento do liberalismo, J. J. Rousseau mostrou-se surpreso ao ver os franceses agitarem-se pensando em pôr em prática as idéias que êle divulgara em suas numerosas obras, pois acreditava que elas pudessem ser aplicadas unicamente nos pequenos Estados. Outros filósofos liberais contemporâneos do autor de *O Contrato Social* pensavam da mesma forma. Concluimos, então, que tanto os helenos da Antiguidade como os autores liberais do século XVIII tinham em mente uma forma de governo onde a participação do povo era direta ou quase direta. Entretanto, tudo isto colocado na roda do tempo evoluiu, e a prática foi aplicando progressivamente aquelas idéias democráticas junto de povos em condições diferentes daqueles onde elas nasceram ou diferentes dos considerados em condições de aplicá-las.

Hoje vivemos num mundo onde aqueles conceitos são considerados ultrapassados, pois a extensão geográfica e a numerosa população dos Estados só permitem a prática da chamada *democracia representativa*. Neste caso a participação do povo se faz de maneira muito indireta, através de delegados que recebem poderes determinados para, por certo prazo, agir junto ao Governo em seu nome. É por este aspecto, comum à nossa época no que tange a forma de governo considerada, que cresce a importância dos meios de comunicações como um instrumento indispensável à Opinião Pública e que permite a esta reforçar ou enfraquecer a Segurança Nacional. Dentro desta ordem de idéias encontramos-nos no centro do assunto objeto deste estudo.

3 — SEGURANÇA NACIONAL — ALGUNS ASPECTOS

Conforme já foi visto em conferências anteriores e está meridianamente esclarecido nas apostilas da ADESG, agora ressaltamos que

"Segurança Nacional é o grau relativo de garantia, que, através de ações políticas, econômicas, psicossociais e militares, o Estado proporciona, em determinada época, à Nação que jurisdiciona, para a consecução ou manutenção dos Objetivos Nacionais, a despeito dos antagonismos ou opressões, existentes ou potenciais".

Ressaltamos também que a Segurança Nacional compreende a Segurança Interna e a Segurança Externa.

Ora, da observação apurada do que foi ressaltado resulta que os Objetivos Nacionais ocupam a parte essencial da Segurança Nacional. Mas, pergunta-se, podem esses Objetivos ser atingidos e mantidos, sem a compreensão ou com o alheamento da Opinião Pública? Dificilmente, respondemos, porém, se atingidos e mantidos dentro destas condições, o serão sempre em estado precário. E, conseqüentemente, precária, será a Segurança Nacional. É lícito asseverar, portanto, que esta Segurança depende sensivelmente de uma Opinião Pública esclarecida quanto àqueles Objetivos.

É muito difícil, em nações populosas, contar com uma Opinião Pública perfeitamente segura em todas as questões e disso decorre que nos pontos essenciais também é de se prever que o povo se divida sobre as melhores soluções. Por outro lado, as condições psicossociais do povo podem predispor-lo mais ou menos para se interessar pelos problemas de maior premência para a comunidade nacional. Em países de grande extensão territorial torna-se ainda mais difícil contar com o interesse e a compreensão do povo em geral para os Objetivos Nacionais, pois as diferenças regionais assumem maior importância e com elas as preocupações do homem com as questões que se lhe apresentam mais próximas e constantes.

Surge, neste caso, uma tendência para a dispersão da atenção dos cidadãos para a solução dessas questões regionais, tendência essa que vem atuar como uma força centrífuga em relação aos Objetivos Nacionais, os quais devem ter a prioridade das atenções de todos os cidadãos. Conseqüentemente, todos esses aspectos: divisão da Opinião Pública; maior ou menor tendência do povo pelo interesse pelos problemas da comunidade nacional; a extensão territorial e as diferenças regionais (da geografia e do povo), que são apenas alguns, contribuem, ponderavelmente, para aumentar ou diminuir o grau de garantia que o Estado pode proporcionar à Nação.

Ora, em todos esses aspectos, que pesam na Segurança Nacional, os lados negativos podem ser minimizados pelo Instrumento representado pelos meios de comunicações, no sentido em que ele serve ao esclarecimento da Opinião Pública, levando e recebendo os informes e informações com a rapidez e constância que a tecnologia atual permite. Eles tornam possível aos povos o conhecimento de si próprios, de suas capacidades e limitações, aumentando desta forma a força social dos mesmos; tornam possível, aos povos que não o fizeram, uma tomada de consciência da realidade em que se encontram; tornam possível, ainda, o conhecimento dos verdadeiros problemas que afligem as sociedades.

Terão portanto reforçada a sua Segurança, as nações que dispuserem de abundância de meios de comunicações permitindo a aproximação das distâncias e a fácil transmissão de idéias entre cidadãos das mais afastadas localizações em seus países, e, contrariamente estarão debilitadas as nações cujos meios de comunicações forem deficientes. No campo da política externa, permanece a validade desta afirmação, pois nesta época em que vivemos maior se torna a interdependência entre as nações e, a Opinião Pública dentro de cada uma, deve ter consciência deste fato e acompanhar especialmente o que, no mundo exterior, estiver interligado aos Objetivos Nacionais.

4 — CONSIDERAÇÕES

Para que se obtenha um elevado grau de Segurança Nacional, é ideal a existência de Uma Opinião Pública una, coesa, integralmente esclarecida e interessada pois "se faz imprescindível um perfeito entendimento e colaboração entre os que fazem, cumprem e impõem o regime, como expressão de vontade da nação" (apostila Doutrina de Segurança Nacional da ADESG). Estas condições permitem "garantir a consecução dos Objetivos Nacionais contra antagonismos externos e internos" (Decreto-lei nº 314, de 13-3-1967). Sabemos entretanto que é utópica a existência de uma Opinião Pública com aquelas características ideais. Entretanto, a quem pretenda o progresso, é uma imposição a perseguição de seus ideais. Nos dias atuais, percebemos que as nações evoluídas seguem uma política externa e interna cada vez mais de acordo com o que pensa a maioria da população no

momento considerado. Isto costuma ser feito pela observação das pesquisas de opinião e pela consulta direta à Opinião Pública. Os exemplos são numerosos. Na grande potência norte-americana, notamos uma predisposição dos homens públicos, observarem e seguirem a linha do pensamento nacional conhecida pelas pesquisas realizadas por vários Órgãos idôneos. A França tem-se valido com mais frequência dos chamados "referendum". O Brasil já se valeu deste último tipo de consulta à Opinião Pública para atingir o objetivo de indiscutível valor para a Segurança Nacional. São modos do Governo agir com segurança para garantir Segurança à nação, quando tem que adotar soluções cronologicamente afastado da época das eleições, que por si só são uma manifestação do modo de pensar da mesma, de seus desejos e de suas aspirações. Entretanto, esse modo de agir resultaria nulo ou deficiente se a massa populacional não compreendesse ou não fôsse esclarecida sobre as questões em pauta. É fácil esclarecê-la? Nos tempos de Atenas Antiga seria, pois como vimos, bastaria que os oradores favoráveis ou adversários das teses propostas falassem, sem megafone, ao conjunto dos cidadãos reunidos, em praça pública. A realidade atual, porém, é muito outra e para uma eficaz mobilização da Opinião Pública, os meios de comunicações são imprescindíveis e a eficácia deles deve ser tanto maior quanto maior for a extensão geográfica do país e maiores forem as diferenças étnicas e psicossocial do seu povo. São portanto estes meios que permitem a unidade, tanto quanto for possível da Opinião Pública, bem como a sua integração, e pelo menos, o seu esclarecimento e o seu interesse. De nada vale consultar uma Opinião Pública insegura, despreparada e mal informada.

Quanto à quantidade e qualidade das informações que podem ser levadas à massa populacional, temos que destacar não só a sua importância, como dizer que a maior quantidade e a variada qualidade só podem trazer benefícios, pois, como diz o provérbio "da discussão nasce a luz". Isto implica em que, salvo casos excepcionais da alçada da Segurança Nacional, os meios de comunicações devem ser livres e ficar ao alcance de todas as pessoas físicas e jurídicas. O controle pelo Estado ou por grupos monopolizadores destes meios é contrário aos fins daquela Segurança e atenta contra as bases do sistema democrático. Este é um ponto nevrálgico para o qual as atenções das elites devem estar permanentemente em estado de alerta.

Cumpre ainda observar que um movimento revolucionário vem ganhando corpo em certas regiões do Mundo. Trata-se de ações de minorias nacionais ativas e atuantes que procuram subverter a ordem social estabelecida, cuja manutenção interessa à comunidade. Estas ações destas minorias tornam-se mais fáceis quando junto de povos que, mesmo sendo diametralmente contrários aos fins daqueles revolucionários, desconhecem os Objetivos Nacionais, de maneira parcial ou total. E tanto mais fácil será a ação dessas minorias quanto, aliado

aos fatores já apontados, maior fôr a extensão territorial e variada a densidade populacional do país onde se encontram agindo. Assim, aumenta consideravelmente a importância dos meios de comunicações para mobilizar a Opinião Pública e para aproximar todos os cidadãos de cada país em torno da defesa de sua cultura e de tudo o que lhes é caro, evitando o domínio pela força e violência, de um grupo minoritário e de interesses inconfessáveis. Secundariamente aqueles meios ainda contribuem para o melhor êxito no combate direto contra essas minorias revolucionárias.

5 — CONCLUSÃO

A Opinião Pública, como o grande móvel das ações do Estado que é, está na dependência dos meios de comunicações para ser esclarecida quanto aos Objetivos Nacionais. Se verdadeiramente esclarecida, contribuirá para a consecução deles com a sua aprovação e colaboração, o que significa que os antagonismos serão menores ou suavizados.

Podemos afirmar que a Segurança Nacional, sem desprezar outros fatores, é diretamente proporcional à eficiência dos meios de comunicações de que dispõe a Nação. Podemos afirmar ainda que esta proporção aumenta na razão direta das diferenças étnicas, quando existentes, e psicossociais e da extensão territorial do País. E, finalizando, afirmamos que a ação dos meios de comunicações junto à Segurança Nacional é a que corresponde a um instrumento a serviço da Opinião Pública. Pode-se estabelecer uma equação correspondente ao que afirmamos e ela é a que se segue:

- SN — Segurança Nacional
- MC — Meios de Comunicações
- Y — Outros fatores conhecidos
- K — Fatores indeterminados.

$$SN = K(MC)Y$$

6 — BIBLIOGRAFIA

- CHEVALIER, JEAN-JACQUES — As Grandes Obras Políticas.
- PASTORE, JOHN O. — A História das Comunicações.
- ROUSSEAU, JEAN-JACQUES — Discursos.
- O Contrato Social.
- TOYNBEE, ARNOLD J. — Helenismo.
- PRESCOTT, W. — A conquista do Peru.
- LINTON, RALP — O homem, uma introdução à Antropologia.
- ADESG — Apostilas
- TAVARES, A. DE LIRA — Segurança Nacional.

A guerra, como quase tudo na vida, é uma ciência aprendida e aperfeiçoada por meio da perseverança e da diligência, com tempo e paciência.

ARMAMENTO NACIONAL ENTREGUE A TROPA

No dia 10 Dez 70, no Campo de Instrução de Gericinó, a Diretoria de Pesquisa e Ensino Técnico fez entrega de uma bateria de lançadores de foguetes 108-R ao Grupo Escola de Artilharia, perante uma comitiva de Estagiários da Escola Superior de Guerra.

Na ocasião o GEsa fez, com o novo material, uma demonstração de ocupação de posição, desencadeamento do tiro e saída de posição, deixando evidentes a grande mobilidade tática e a notável rapidez de tiro do novo material.

Os estudos e experimentos destinados à obtenção de dados sobre organização e emprego tático desse material vão permitir, seguramente, que nossas Unidades de Artilharia de Campanha disponham, em curto prazo, desse material moderno, eficiente e **INTEIRAMENTE PRODUZIDO NO BRASIL**.

Terminada a demonstração do GEsa, a DPET apresentou aos assistentes o protótipo de um Transporte Blindado de Pessoal. Essa viatura, anfíbia, sobre rodas, despertou grande interesse, não só pelo seu acabamento bas-



Fig. 1 — Lançador de Foguetes 108-R entregue ao GEsa

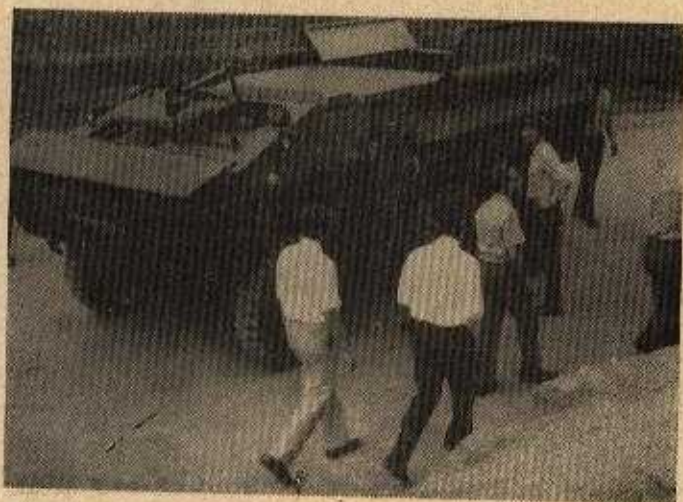
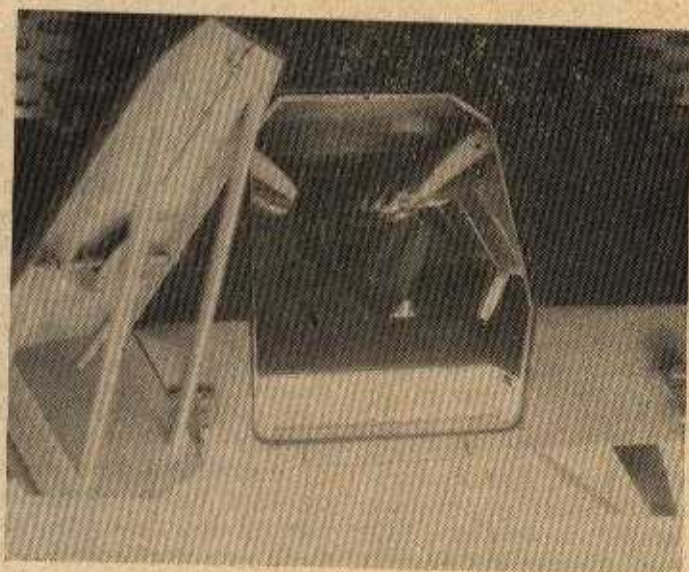


Fig. 2 — Transporte blindado de pessoal apresentado pela DPET

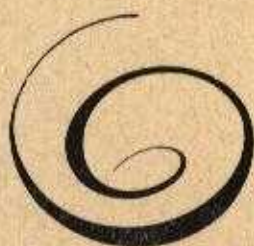
tante elaborado, mas também pelas características de desempenho relatadas.

É particularmente importante sua versatilidade. Além da sua finalidade básica o novo veículo pode ser equipado para trabalhar como ambulância, viatura-comando, viatura de comunicações e diversos outros transportes especializados.

Tanto o transporte apresentado como o carro de Reconheci-

mento sobre Rodas encontram-se, ao que nos informou a DPET, em fase de construção de uma pré-série industrial.

Preve-se, assim, que também no setor dos Blindados sobre Rodas nossas Unidades estarão, a curto prazo, equipadas com material moderno, eficiente e **INTEIRAMENTE PRODUZIDO NO BRASIL.**



O essencial na educação é o exercício do pensamento e o amor à verdade.

III

*É justo que te saudemos
Trazendo risos e palmas
Pois és a síntese e a alma
Da Pátria que merecemos.
E todo o BRASIL que temos
Revive nas tuas côres
Seu riso de encanto e flôres
Seus passos descomunais
Seus sonhos e seus ideais
Seus cantos e seus amôres.*

IV

*Mas tu — Sagrada Bandeira
Não tens sômente beleza!
Tens alegria e tristeza
Tens esperança fagueira.
Pois tens a vida pioneira
Dos teus heróis do passado
De quem herdamos traçado
Para o BRASIL do presente
Que nós queremos crescente
E cada vez mais amado.*

V

*Tu tens a graça suprema
Que evoca amor à família
Numa cantiga a Marília
Numa canção a Iracema.
E a tua história traz poema
Aos olhos e ao coração
Ao vermos que não foi vão
O sangue dos teus pioneiros
Do grito bem brasileiro
Dos índios de Camarão.*

VI

*Tu trazes num relampejo
Um sonho de Inconfidentes.
Tens sangue daquela gente
De tão altivos desejos.
São sonhos belos sobejos
Que tanto evocam nobreza
Por onde aflora beleza
Em tôda trilha traçada.
São sonhos de uma alvorada
Que não aceitam fraqueza.*

VII

*Tu lembras os Bandeirantes
Cruzando nosso país
Que DEUS plantou com raiz
Em solo grande e gigante
Por onde um povo confiante
Caminha lúcido e puro
No rumo certo e seguro
Na mão de gente de bem
Que traz à Pátria o que tem
Visando nobre futuro.*

VIII

*Tu mostras quando te alteias
No mastro verde-amarelo
Montese e Monte Castelo
E tantas outras peleias.
Por onde o sangue das veias
De tão altivo passado
Na Itália foi derramado
Numa epopéia lendária
Que a Fôrça Expedicionária
Legou a cada soldado*

IX

*Por tudo isso — Bandeira
Vibramos vendo o teu manto
Sagrado cheio de encanto
Imagem da Pátria inteira
Tu sempre serás primeira
No culto e na devoção
Trazendo à nossa visão
A ORDEM, PAZ, e PROGRESSO
Negando em teu pano acesso
As siglas da escravidão.*

X

*Nasceram múltiplos sonhos
No dia em que tu nasceste.
E tens um BRASIL — que é este
Agora bem mais risonho.
Se um dia rumo medonho
Atentar à tua legenda
Não faltará quem se empreenda
Para ficares inteira.
Teu lema será trincheira
Na mais sagrada contenda!*

XI

*O culto que ano a ano
Rendemos com reverência
É culto de uma consciência
Perante o teu nobre pano.
E quando os sonhos e os planos
Não mais cantarem com vida
A tua sombra querida
Irá ceder-nos carinho
Naquele etéreo caminho
Da nossa eterna guarida...*

Itajubá, DIA DA BANDEIRA de 1970

CONCURSO DE ADMISSÃO A ECEME

— 1970

PROVA DE HISTÓRIA

1.^a QUESTÃO

(Valor 4,0)

Analise a participação militar na evolução política do Brasil, de 1822 a 1930, e conclua identificando as causas político-militares do Movimento de 29 de outubro de 1945, que tiveram origem naquele período.

2.^a QUESTÃO

(Valor 4,0)

Aprecie as conseqüências dos acontecimentos político-militares ocorridos no Prata, no período de 1825 a 1873, assinalando sua contribuição na definição das fronteiras dos países platinos entre si e destes com o Brasil.

3.^a QUESTÃO

(Valor 2,0)

Aponte, comentando sucintamente, as conseqüências da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

TEMPO DISPONÍVEL:

4 (quatro) horas

PROVA DE GEOGRAFIA

1.^a QUESTÃO

(Valor 4,0)

Analise a Indústria Petroquímica brasileira e conclua quanto a:

a. Razões da implantação de dois pólos principais: São Paulo e Bahia;

- b. Possibilidades futuras;
- c. Principais pontos de estrangulamento; e
- d. Medidas que poderão favorecer o seu desenvolvimento.

2.ª QUESTÃO

(Valor 3,5)

Aprece as medidas já tomadas e as de possível adoção pela Argentina, pelo Brasil, pelo Chile e pelo Peru para acelerar o desenvolvimento da Bolívia e do Paraguai.

Conclua, justificando, para cada um dos dois países focalizados, as melhores soluções.

3.ª QUESTÃO

(Valor 2,5)

Equador, Peru, Chile, Argentina e Urugual estenderam o limite de suas águas territoriais para 200 milhas. Posteriormente, o Brasil adotou a mesma decisão.

Apresente os reflexos dessa medida:

- a. para o Brasil;
- b. para a América do Sul.

TEMPO DISPONÍVEL:

4 (quatro) horas

* * *

A guerra sem linhas de frente exige uma modificação da tática e da estratégia tradicionais.

* * *

Na guerra não há substituto para a vitória. Ou se a conquista ou se sofre com a derrota.

EXAME DE ESCOLARIDADE DO C PREP/CAS-71

PROVA DE PORTUGUÊS

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
DEP — DFA — Es SA

EXAME DE ESCOLARIDADE
CAS E EQUIVALENTE/71

GRAU

APROVO:

DATA DE REALIZAÇÃO

...../...../.....

Ex-RM OM DO CANDIDATO SEDE DA OM

PROVA DE
PORTUGUÊS

GUARNIÇÃO ONDE SE REALIZOU O EXAME

INSTRUÇÕES PARA O CANDIDATO A EXAME

- 1 — Use lápis-tinta, esferográfica ou caneta de tinta azul ou preta.
- 2 — Preencha o cabeçalho de cada folha e a ficha de identificação abaixo.
- 3 — Na 1.ª questão, assinale com um "X" a letra que corresponde à resposta certa em cada um dos itens da questão.
- 4 — Você dispõe de 3 (três) horas para resolver esta prova.
- 5 — Resolva a prova somente na Ficha-Resposta.
- 6 — Se tiver qualquer dificuldade em determinado item, não perca tempo e passe para o seguinte, deixando aquele para o fim. Deixe em branco quando não souber.
- 7 — A interpretação faz parte da questão.
- 8 — Esta prova compreende: 1 capa, 1 folha com instruções para o candidato a exame, fascículo com 11 páginas, numeradas de 01 a 11 e 2 folhas de Ficha-Resposta.
- 9 — Só assine a prova no talão abaixo.

VERIFIQUE TUDO COM ATENÇÃO. BOA SORTE

N.º DE FOLHAS

11

TEMPO DE DURAÇÃO

3 HORAS

N.º DE CONTROLE

RESERVADO A CAP

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
DEP — DFA — Es SA

EXAME DE ESCOLARIDADE
CAS E EQUIVALENTE/71

DATA DA REALIZAÇÃO

...../...../.....

PROVA DE
PORTUGUÊS

N.º DE CONTRÔLE

RESERVADO A CAF

CAS:.....

CURSO A QUE É CANDIDATO

Gu ONDE SE REALIZOU O EXAME

Grad Identidade Nome do Candidato (em letra de imprensa)
OM DO CANDIDATO E SEDE

.....
Assinatura do Candidato

N.º DE CONTRÔLE

Gu ONDE SE REALIZOU O EXAME

RESERVADO A CAF

EXAME DE ESCOLARIDADE — PORTUGUÊS

1.ª QUESTÃO: Múltipla escolha

Cada item é seguido de 5 (cinco) respostas. Há sempre uma, e apenas uma, que responde corretamente à questão. Deixe em branco quando não souber. O primeiro val respondido como exemplo:

EXEMPLO: Indique o objeto direto da oração: "Os alunos leram belas poesias".

- a) Os alunos.
- b) leram belas poesias.
- c) belas poesias.
- d) poesias.
- e) Nenhuma das alternativas acima.

.....

1. Diga qual é o tipo de sujeito da oração: "Falam muito desse tempo".

- a) Interminado.
 - b) Oração sem sujeito.
 - c) Oculto.
 - d) Determinado.
 - e) Nenhuma das alternativas acima.
-

2. Indique o nome do tempo da forma verbal da oração:
"Amarás o teu próximo como a ti mesmo".

- a) Infinitivo pessoal.
- b) Futuro do pretérito.
- c) Imperativo afirmativo.
- d) Futuro do presente.
- e) Nenhuma das alternativas acima.

3. Aponte o verbo impessoal:

- a) Ele há de executar aquela tarefa.
- b) Há tempos não o vejo.
- c) É preciso fazer o bem.
- d) Era um bom amigo!
- e) Nenhuma das alternativas acima.

4. Indique o tempo e modo da forma verbal da frase:
"Bons ventos o levem!"

- a) Infinitivo pessoal.
- b) Imperativo afirmativo.
- c) Presente do subjuntivo.
- d) Presente do indicativo.
- e) Nenhuma das alternativas acima.

5. Verifique a classificação, quanto à predicação, da forma verbal da oração: "O rio desce vagarosamente".

- a) Transitivo direto.
- b) Intransitivo.
- c) Transitivo indireto.
- d) Verbo de ligação.
- e) Nenhuma das alternativas acima.

6. Identifique a oração cujo verbo é irregular:

- a) Saberei de toda a verdade.
- b) Ela cantava alegremente.
- c) Carlos partiu ontem pela manhã.
- d) Dividi-os em duas porções.
- e) Nenhuma das alternativas acima.

7. Identifique o grupo onde todos os vocábulos estão acentuados corretamente:

- a) Hifen, ruim, juiz, Grajaú.
 - b) Vênus, torax, até, cordéis.
 - c) Rainha, album, café, argúi.
 - d) Irmã, agradável, júri, alguém.
 - e) Nenhuma das alternativas acima.
-

8. As palavras proparoxítonas são:

- a) Acentuadas quando terminadas em i e u.
 - b) Tôdas acentuadas.
 - c) Acentuadas quando terminadas em i, n, r, x.
 - d) Acentuadas quando terminadas em ditongo oral crescente.
 - e) Nenhuma das alternativas acima.
-

9. Assinale o grupo que possui todos os plurais corretos:

- a) Mães, cidadãos, tóraxes, côres.
 - b) Pãos, estênceis, cristãos, aldeões.
 - c) Freguêses, caráteres, gizes, pires.
 - d) Fuzis, capitães, fusíveis, papéis.
 - e) Nenhuma das alternativas acima.
-

10. Assinale o plural incorreto dos adjetivos compostos:

- a) Luso-brasileiros.
 - b) Franco-italianos.
 - c) Azuis-marinho.
 - d) Surdos-mudos.
 - e) Nenhuma das alternativas acima.
-

11. Aponte o superlativo incorreto dos adjetivos:

- a) Incrível — incredibilíssimo.
 - b) Geral — geralíssimo.
 - c) Pródigo — prodigalíssimo.
 - d) Sagrado — sacratíssimo.
 - e) Nenhuma das alternativas acima.
-

12. Indique a forma incorreta dos femininos dos adjetivos:

- a) Bom — boa.
- b) Cru — cru.
- c) Útil — útil.
- d) Europeu — européia.
- e) Nenhuma das alternativas acima.

13. Aponte o plural incorreto dos seguintes compostos:

- a) Guarda-civil — guardas-civils.
- b) Pública-forma — públicas-formas.
- c) Alto-falante — alto-falantes.
- d) Chapéu-de-sol — chapéus-de-sol.
- e) Nenhuma das alternativas acima.

14. Verifique qual é a forma pronominal certa:

- a) Promete-me um carro? Prometo-lho.
- b) Não posso repreender-lo.
- c) Ele não ama-a bastante.
- d) Fêz-na normalmente.
- e) Nenhuma das alternativas acima.

15. No período: "Todos admiravam aquêlc livro de poeslas, símbolo da inspiração e do amor", a expressão "de poeslas" é:

- a) Apôsto.
- b) Adjunto adverbial.
- c) Adjunto adnominal.
- d) Complemento nominal.
- e) Nenhuma das alternativas acima.

16. Assinale os adjuntos adnominais constantes da oração: "A grande inexperiência da mocidade ocasiona sua completa originalidade."

- a) A, grande, da mocidade, sua, completa.
- b) Grande, sua, completa.
- c) A, grande, sua, completa.
- d) Grande, da mocidade, sua completa.
- e) Nenhuma das alternativas acima.

17. No período: "O luxo, como o fogo, devora tudo e perece de faminto", a expressão "de faminto" é:

- a) Apôsto.
- b) Adjunto adnominal.
- c) Complemento nominal.
- d) Adjunto adverbial.
- e) Nenhuma das alternativas acima.

.....

18. Diga qual é o tipo de adjunto adverbial que aparece na frase: "Acordaram-me para a partida."

- a) De companhia.
- b) De dúvida.
- c) De instrumento.
- d) De modo.
- e) Nenhuma das alternativas acima.

.....

19. Identifique o complemento nominal existente na oração: "Aquêle jovem ajulzado demonstrava grande inclinação pela ciência."

- a) Aquêle.
- b) Ajulzado.
- c) Grande.
- d) Pela ciência.
- e) Nenhuma das alternativas acima.

.....

20. No período: "Todos estavam desejosos de vitória", a expressão "de vitória" é:

- a) Apôsto.
- b) Adjunto adnominal.
- c) Complemento nominal.
- d) Adjunto adverbial.
- e) Nenhuma das alternativas acima.

.....

21. No período: "O sol, o grande fogo, é o pastor de todas as coisas", a expressão "O grande fogo" é:

- a) Apôsto.
 - b) Adjunto adnominal.
 - c) Adjunto adverbial.
 - d) Complemento nominal.
 - e) Nenhuma das alternativas acima.
-

22. Indique a oração na qual se encontra um vocativo:

- a) Eram dois bons alunos, um em Geografia e o outro em História.
 - b) Ele falou em altas vozes, feliz de contente.
 - c) Toma tua arma, guerreiro branco!
 - d) Lágrimas, pedidos, nada o moveu.
 - e) Nenhuma das alternativas acima.
-

23. Verifique qual é o emprego correto dos sinais de pontuação:

- a) O espírito busca luz que é razão, o coração amor que é saudade.
 - b) O espírito busca luz, que é razão; o coração amor, que é saudade.
 - c) O espírito, busca luz, que é razão; o coração, amor, que é saudade.
 - d) O espírito busca luz, que é razão; o coração, amor, que é saudade.
 - e) Nenhuma das alternativas acima.
-

24. Assinale a frase incorreta, quanto à concordância verbal:

- a) Mais de um avião sobrevoou o local.
 - b) Quais de vós ireis ao teatro?
 - c) Tudo eram lembranças do colégio.
 - d) Tu e ele retornareis ao jogo.
 - e) Nenhuma das alternativas acima.
-

25. Assinale a frase correta, quanto à concordância verbal:

- a) Dez dias são muito.
 - b) Era sete horas.
 - c) Fui um dos que mais estudou a lição.
 - d) Vende-se automóveis.
 - e) Nenhuma das alternativas acima.
-

26. A forma verbal "credes" é:

- a) 2ª pessoa do plural do presente do indicativo.
 - b) 2ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo.
 - c) 2ª pessoa do plural do futuro do subjuntivo.
 - d) 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo.
 - e) Nenhuma das alternativas acima.
-

27. A expressão "nós vimos" é:

- a) 1.ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo do verbo ver e 1.ª pessoa do plural do presente do indicativo do verbo vir.
 - b) 1.ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo do verbo ver.
 - c) 1.ª pessoa do plural do presente do indicativo do verbo vir.
 - d) 1.ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo do verbo vir.
 - e) Nenhuma das alternativas acima.
-

28. Assinale a frase que se encontre na voz ativa:

- a) Ele vive cercado de admiradores.
 - b) Nós temos feito o possível.
 - c) Vendem-se terrenos.
 - d) Feriu-se bastante.
 - e) Nenhuma das alternativas acima.
-

29. Passe para a voz passiva a seguinte frase: "Consertam relógios".

- a) Relógios serão consertados.
 - b) Relógios foram consertados.
 - c) Conserta-se relógios.
 - d) Consertam-se relógios.
 - e) Nenhuma das alternativas acima.
-

30. Aponte a forma verbal incorreta nas seguintes orações:

- a) Os erros deverão serem verificados oportunamente.
 - b) Se me convier, farei o que ordenas.
 - c) Não dê razão para que falem de ti.
 - d) Isto não me convém.
 - e) Nenhuma das alternativas acima.
-

31. Aponte a forma verbal correta nas seguintes orações:

- a) Quando dirás-me a verdade?
 - b) Fazer-lhe-ei o prometido.
 - c) Amemo-lo sobre todas as coisas
 - d) Lhe ensinei o certo.
 - e) Nenhuma das alternativas acima.
-

32. Marque a forma verbal incorreta:

- a) Ele mantém — Eles mantêm (verbo manter)
 - b) Ele crê — Eles crêem (verbo crer)
 - c) Ele vem — Eles vêm (verbo vir)
 - d) Ele tem — Eles têm (verbo ter).
 - e) Nenhuma das alternativas acima.
-

33. Dê a classificação da oração grifada no período: "Se não chover, *chegarei cedo*".

- a) Absoluta.
 - b) Principal.
 - c) Coordenada sindética conclusiva.
 - d) Coordenada assindética.
 - e) Nenhuma das alternativas acima.
-

34. Classifique a oração sublinhada: "A casa onde moro será destruída".

- a) Subordinada substantiva apositiva.
 - b) Coordenada assindética.
 - c) Subordinada adverbial consecutiva.
 - d) Subordinada substantiva completivo-nominal.
 - e) Nenhuma das alternativas acima.
-

35. Marque a frase incorreta, quanto à regência verbal:

- a) Aspiro a livrar-me dessa fraqueza.
 - b) O padre assistiu ao doente em seu trespasse.
 - c) Lembrarei sempre nossos momentos.
 - d) Chegou, visou o alvo e atirou.
 - e) Nenhuma das alternativas acima.
-

36. Classifique as rimas constantes da seguinte estrofe:

"Sonho profundo, ó Sonho doloroso,
Doloroso e profundo Sentimento!
Vai, vai nas harpas trêmulas do vento
Chorar o teu mistério tenebroso."

- a) Emparelhadas
 - b) Alternadas
 - c) Enlaçadas
 - d) Misturadas
 - e) Nenhuma das alternativas acima.
-

37. Reconheça a figura de linguagem existente na oração:

"Lemos Machado de Assis com prazer".

- a) Metáfora.
 - b) Comparação.
 - c) Prosopopéia.
 - d) Metomínia.
 - e) Nenhuma das alternativas acima.
-

38. Reconheça a figura de sintaxe existente na oração:

"Imperador já não o sou".

- a) Elipse.
 - b) Silepse de pessoa.
 - c) Anacoluto.
 - d) Pleonasmos.
 - e) Nenhuma das alternativas acima.
-

2.^a QUESTÃO: Correspondência

Escreva, entre os parênteses à esquerda de cada conceito da coluna A, o(s) número(s) do(s) conceito(s) da coluna B que lhe(s) corresponde(m). Na Ficha-Resposta, você terá a COLUNA "A" na ordem alfabética. Responda na Ficha-Resposta. Deixe em branco quando não souber.

1. Os conceitos abaixo referem-se a "ENCONTROS VOCÁLICOS".

COLUNA "A"

- a) Ditongo oral decrescente.
- b) Ditongo nasal crescente.
- c) Tritongo nasal.
- d) Hiato.

COLUNA "B"

- 1. Quando
- 2. Saída
- 3. Saguão
- 4. Pai
- 5. Caatinga
- 6. Fiquei

2. Os conceitos abaixo referem-se a "ADVERBIOS".

COLUNA "A"

- a) Adv. de lugar.
- b) Adv. de modo.
- c) Adv. de afirmação.
- d) Adv. de dúvida.
- e) Adv. de intensidade.

COLUNA "B"

- 1. *Talvez* melhore o tempo.
- 2. Ele passou *perto* da cidade.
- 3. Falou *assim*.
- 4. Parecia andar depressa *demais*.
- 5. Não sei *como* agüentei.
- 6. *Certamente* virão.
- 7. Ela estudava *aqui*.

3. Os conceitos abaixo referem-se a "EMPREGOS DE TEMPOS E MODOS".

COLUNA "A"

- a) Presente do indicativo.
- b) Pretérito imperfeito do indicativo.
- c) Futuro do presente do indicativo.
- d) Imperativo.

COLUNA "B"

- 1. Ação que ainda se vai realizar.
- 2. Ação que se processava com continuidade, numa época passada.
- 3. Ação que exprime ordem, pedido.
- 4. Ação que ocorre habitualmente.
- 5. Ação que exprime dúvida, possibilidade.
- 6. Ação que se verifica na ocasião em que se fala.

4. Os conceitos abaixo referem-se a "CLASSIFICAÇÃO DE ORAÇÕES".

COLUNA "A"

- a) Oração coordenada assindética.
- b) Oração coordenada sindética explicativa.
- c) Oração subordinada adjetiva explicativa.
- d) Oração subordinada substantiva completivo-nominal.
- e) Oração subordinada adverbial condicional.

COLUNA "B"

- 1. Sou favorável a *que o deportem*.
- 2. *Sem que estudes*, não passarás.
- 3. Cheguei, vi, *venci*.
- 4. Estude, *pois todos o apreciarão*.
- 5. Iracema, *que é um romance*, foi escrito por José de Alencar.
- 6. Estava receoso *de que tudo acabasse mal*.
- 7. O homem, *que é mortal*, tem alma imortal.

5. Os conceitos abaixo referem-se a "VOZES VERBAIS"

COLUNA "A"

COLUNA "B"

- | | |
|---------------------------|---|
| a) Voz ativa. | 1. O guarda se defende com um revólver. |
| b) Voz passiva sintética. | 2. Os insetos estão extasiados pelo perfume da noite. |
| c) Voz passiva analítica. | 3. Recomeça a andar firme e cauteloso. |
| d) Voz reflexiva. | 4. A noite ouve-se o apito do guarda-noturno. |

6. Os conceitos abaixo referem-se a "CONECTIVOS".

COLUNA "A"

- a) Conjunção coordenativa conclusiva.
- b) Conjunção subordinativa causal.
- c) Conjunção subordinativa concessiva.
- d) Pronome relativo.
- e) Pronome adjetivo indefinido.

COLUNA "B"

1. Pode ir, JÁ QUE necessita.
2. Um vegetal é um animal QUE dorme.
3. Sei QUAIS tristezas o amarguravam.
4. O tempo está firme, PORTANTO vamos passear.
5. Penso, LOGO existo.
6. Prossiga na luta, EMBORA ela já esteja perdida.
7. Venha, PORQUE preciso de auxílio.

3.ª QUESTÃO: Redação

1. Tema: ESTRADAS — VEÍCULOS DO PROGRESSO.
2. Faça uma DISSERTAÇÃO sobre o tema referido, com um mínimo e um máximo de 15 e 30 linhas, respectivamente.
3. Serão verificados e levados em conta: A APRESENTAÇÃO, ABORDAGEM DO TEMA, ERROS GRAMATICAIS.
4. O rascunho deverá ser feito no verso desta folha.

PROVA DE MATEMATICA

INSTRUÇÕES PARA O CANDIDATO A EXAME

- 1 — Use lápis-tinta, esferográfica ou caneta de tinta azul ou preta.
- 2 — Preencha o cabeçalho de cada folha e a ficha de identificação abaixo.
- 3 — Só assine a prova no talão abaixo.
- 4 — Passe todas as suas respostas para a ficha-resposta.
- 5 — Você dispõe de 3 horas para resolver esta prova. Se tiver qualquer dificuldade em determinada questão, não perca tempo e passe para a seguinte, deixando aquela para o fim.
- 6 — A interpretação faz parte da questão.
- 7 — Esta 1.ª Parte contém 8 folhas numeradas de 1 a 8.
- 8 — Cada questão é seguida de 5 (cinco) respostas. Há sempre uma, e apenas uma, que responde à questão.
- 9 — Esta prova compreende: uma capa, uma folha com "INSTRUÇÕES PARA O CANDIDATO A EXAME", fascículo com 8 páginas, numeradas de 1 a 8, uma Ficha-Resposta e 2 (duas) folhas de papel jornal.

VERIFIQUE TUDO COM ATENÇÃO BOA SORTE!

N.º DE FÓLHAS
8

TEMPO DE DURAÇÃO
3 HORAS

N.º DE CONTROLE
RESERVADO A CAF

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
DEP — DFA — Es SA

EXAME DE ESCOLARIDADE
CAS E EQUIVALENTE / 71

DATA DE REALIZAÇÃO PROVA DE MATEMÁTICA
1.ª Parte

N.º DE CONTROLE

..... / / ARITMÉTICA E ÁLGEBRA RESERVADO A CAF

CAS:

CURSO A QUE É CANDIDATO

Gu ONDE REALIZOU O EXAME

Grad Identidade Nome do candidato (em letra de imprensa)
OM do Candidato e Sede

.....
Assinatura do Candidato

1ª PARTE — ARITMÉTICA E ÁLGEBRA

I — ARITMÉTICA

- 1.ª QUESTÃO: Determinar os antecedentes de uma proporção, sabendo-se que sua soma é 33 e que os consequentes são 7 e 4.

RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

- A) 22 e 11
- B) 13 e 20
- C) 10 e 23
- D) 25 e 8
- E) 21 e 12

- 2.ª QUESTÃO: Achar dois números, sabendo-se que o seu produto é 350 e a razão $2/7$.

RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

- A) 35 e 10
- B) 5 e 70
- C) 7 e 50
- D) 30 e 15
- E) Nenhuma das respostas acima

3.ª QUESTÃO:

Determine o valor "x" na proporção: $\frac{0,4}{\sqrt{0,25}} = \frac{1 \frac{1}{5}}{x}$

RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

- A) $x = 0,4$
- B) $x = 1$
- C) $x = 1,5$
- D) $x = 0$
- E) $x = 2$

4.ª QUESTÃO: Determinar a média harmônica entre os números 12 e 8.

RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

- A) 10
- B) 8
- C) 9
- D) 8,6
- E) 9,6

5.ª QUESTÃO: Dividir o número 318 em partes diretamente proporcionais a $\frac{1}{2}$; $\frac{2}{3}$ e $\frac{3}{5}$.

RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

- A) 40; 60 e 218
- B) 118; 120 e 80
- C) 120; 100 e 98
- D) 90; 110 e 118
- E) 90; 120 e 108

6.ª QUESTÃO: Dividir 320 em partes inversamente proporcionais a $\frac{1}{2}$; $\frac{1}{3}$ e $\frac{1}{5}$.

RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

- A) 100; 90 e 130
- B) 80; 130 e 110
- C) 90; 145 e 85
- D) 70; 130 e 120
- E) 64; 96 e 160

- 7ª QUESTAO: Certa máquina que funcionava 5 horas por dia, durante 6 dias, produziu 3.000 unidades. Quantas horas deverá funcionar por dia, para produzir 30.000 unidades em 40 dias?

RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

- A) 8 horas
 - B) 7 horas
 - C) 8,5 horas
 - D) 7,5 horas
 - E) 9 horas
-

- 8ª QUESTAO: Um batalhão percorre 15 km em 4 horas e 15 minutos. Com a mesma velocidade, em quantas horas percorrerá 28 km?

RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

- A) 7 horas
 - B) 8 horas
 - C) 7 horas 56 min
 - D) 7 horas 26 min
 - E) 8 horas 56 min
-

- 9ª QUESTAO: Na venda de um objeto houve lucro de Cr\$ 12,00 correspondente a 16% do preço de custo. Qual o preço de custo do objeto?

RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

- A) Cr\$ 100,00
 - B) Cr\$ 75,00
 - C) Cr\$ 60,00
 - D) Cr\$ 80,00
 - E) Cr\$ 90,00
-

- 10.^a QUESTÃO: O Banco do Estado de São Paulo me concedeu um empréstimo de Cr\$ 4.000,00 no dia 16/1/1966, a uma taxa de 1% ao mês. Se pagar esse empréstimo no dia 23/3/1966, quanto pagarei de juros?

RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

- A) Cr\$ 90,00
- B) Cr\$ 86,00
- C) Cr\$ 80,00
- D) Cr\$ 88,00
- E) Nenhuma das respostas acima

.....

II — ALGEBRA

.....

- 11.^a QUESTÃO: Calculando o valor de x na equação: $2(x+1/2) - 3(x-1/3) = 2$, você encontrará:

RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

- A) $x = 1$
- B) $x = 2$
- C) $x = -1$
- D) $x = 0$
- E) Nenhuma das respostas acima

-
- 12.^a QUESTÃO: Há cinco anos, a idade de um pai era o triplo da idade de seu filho. Daqui a 5 anos será o dobro. A idade atual do filho é:

RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

- A) 10 anos
 - B) 15 anos
 - C) 20 anos
 - D) 25 anos
 - E) Nenhuma das respostas acima
-

13.^a QUESTÃO: Resolvendo o sistema de duas equações:

$$\begin{cases} x - 2(y + 1) = 0 \\ 2(x + 3) - 3y = 9; \text{ o valor de } x \text{ será:} \end{cases}$$

RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

- A) 1
- B) -1
- C) 2
- D) 0
- E) Nenhuma das respostas acima

14.^a QUESTÃO: Racionalizando a expressão: $\frac{2\sqrt{5} - 3\sqrt{2}}{2\sqrt{5} + 3\sqrt{2}}$; o resultado encontrado será:

RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

- A) 1
- B) $19 - 6\sqrt{10}$
- C) $\frac{-6\sqrt{10}}{5\sqrt{10}}$
- D) $\frac{-\sqrt{10}}{5\sqrt{10}}$
- E) Nenhuma das respostas acima

15.^a QUESTÃO: Calculando a expressão: $\frac{x^2 - 1}{2} - \frac{x^2 + 1}{3} = 5$, encontra-se para valores de x:

RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

- A) 5 e 1
- B) 4 e -2
- C) 4 e -4
- D) 5 e -5
- E) 5 e 5

16.^a QUESTÃO: Dadas as raízes $x_1 = 2 + \sqrt{2}$ e $x_2 = 2 - \sqrt{2}$, compondo a equação, teremos:

RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

- A) $x^2 + 4x + 2 = 0$
- B) $x^2 - 4x + 2 = 0$
- C) $x^2 - 4x - 2 = 0$
- D) $4x^2 + 2\sqrt{2}x + 2 = 0$
- E) Nenhuma das respostas acima

17.^a QUESTÃO: Os números que somados aos seus quadrados são iguais ao dobro deles mesmos, são:

RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

- A) 0 e 0
- B) -1 e 1
- C) 0 e -1
- D) 1 e 0
- E) Nenhuma das respostas acima

18.^a QUESTÃO: Dada a equação: $\frac{m-x}{3} - \frac{1-mx}{6} = \frac{m+1}{6}$, o valor de x será:

RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

- A) $m + 1$
- B) -1
- C) $m - 1$
- D) 2
- E) $m - 2$

19.^a QUESTÃO: Calculando $\left[\frac{2x + y}{2x - y} \right]^2 - \frac{2x + y}{2x - y}$, o valor da expressão para $x = 1$ e $y = -4$, será:

RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

A) 520

B) 480

C) 120

1

D) 9 -

3

E) Nenhuma das respostas acima

20.^a QUESTÃO: Resolvendo a divisão: $(y^5 + 5x^5 + 50x^2y^3 - 108x^3y^2 + 31x^4y + 16xy^4) : (5x^2 - y^2 - 9xy)$, segundo as potências decrescentes de x , teremos:

RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

A) $x^3 - 8x^2y + 7xy^2 + y^3$

B) $x^3 + 8x^2y - 7xy^2 + y^3$

C) $x^3 - 8x^2y - 7xy^2 - y^3$

D) $x^3 + 8x^2y - 7xy^2 - y^3$

E) $x^3 + 8x^2y + 7xy^2 + y^3$

21.^a QUESTÃO: Fatorando a expressão: $(3a + b)^2 - (3b - a)^2$, encontraremos para resultado:

RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

A) $3a + b - 3b - a$

B) $9a^2 + 6ab + b^2$

C) $9b^2 - 6ab + a^2$

D) $4(a + 2b)(2a - b)$

E) $4(a - 2b)(2a + b)$

- 22.^a QUESTAO: Um criador foi à cidade vender pintos a Cr\$ 0,80. Na viagem morreram 10 pintos e, não querendo ter prejuízos, resolveu vender os restantes a Cr\$ 0,75. Com quantos pintos saiu de casa?

RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

- A) 40 pintos
- B) 30 pintos
- C) 50 pintos
- D) 60 pintos
- E) Nenhuma das respostas acima

- 23.^a QUESTAO: Resolvendo a inequação do 1.^o grau com uma incógnita: $\frac{15x}{12} - \frac{8x + 7}{15} + \frac{9x}{10} > \frac{17x - 5}{20} + \frac{19x - 27}{15}$, a solução será:

RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

- A) $x < 4$
- B) $x > 5$
- C) $x > 4$
- D) $x < 5$
- E) Nenhuma das respostas acima

- 24.^a QUESTAO: A resolução da equação literal: $abx^2 - (a^2 + b^2)x + ab = 0$, terá para raízes os valores:

RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

- A) $x_1 = a$; $x_2 = b$
- B) $x_1 = -a$; $x_2 = -b$
- C) $x_1 = b/a$ e $x_2 = -a/b$
- D) $x_1 = a/b$ e $x_2 = b/a$
- E) Nenhuma das respostas acima

ESCOLA DE SARGENTOS DAS ARMAS

FICHA-RESPOSTA — PROVA DE MATEMÁTICA

EXAME DE ESCOLARIDADE — CAS — 1971

INSTRUÇÕES PARA O CANDIDATO A EXAME

- 1 — Use lápis-tinta, esferográfica ou caneta de tinta azul ou preta.
- 2 — Preencha o cabeçalho de cada folha e a ficha de identificação abaixo.
- 3 — Só assine a prova no talão abaixo.
- 4 — Passe tôdas as suas respostas para a ficha-resposta.
- 5 — Você dispõe de 1 hora para resolver esta 2.^a Parte. Se tiver qualquer dificuldade em determinada questão, não perca tempo e passe à seguinte, deixando aquela para o fim.
- 6 — A interpretação faz parte da questão.
- 7 — Esta 2.^a Parte contém 4 folhas numeradas de 1 a 4.
- 8 — Cada questão é seguida de 5 (cinco) respostas. Há sempre uma, e apenas uma, que responde à questão.
- 9 — Esta 2.^a Parte compreende: "INSTRUÇÕES PARA O CANDIDATO A EXAME", fascículo com 4 páginas, numeradas de 1 a 4, uma Ficha-Resposta, e 1 (uma) folha de papel jornal.

VERIFIQUE TUDO COM ATENÇÃO. BOA SORTE!

N.º DE FOLHAS	TEMPO DE DURAÇÃO	N.º DE CONTROLE
4	1 HORA	RESERVADO A CAF

MINISTÉRIO DO EXERCITO	EXAME DE ESCOLARIDADE
DEP — DFA — Es S A	CAS E EQUIVALENTE/71

DATA DE REALIZAÇÃO	PROVA DE MATEMÁTICA	N.º DE CONTROLE
...../...../.....	2. ^a Parte	
	GEOMETRIA	

RESERVADO A CAF

CAS:

CURSO A QUE É CANDIDATO	Gu ONDE SE REALIZOU O EXAME
--------------------------------	------------------------------------

Grad **Identidade** **Nome do Candidato (em letra de imprensa)**

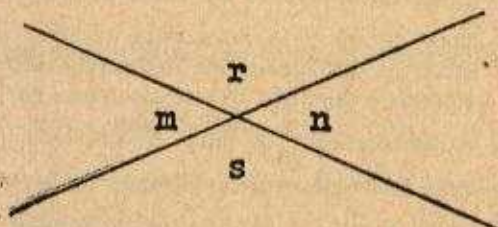
OM do Candidato e Sede

.....
Assinatura do Candidato

2ª Parte: GEOMETRIA

25.ª QUESTAO: Na figura abaixo, $m = \frac{r + n}{3}$. Determinar os quatro ângulos.

- A) 40; 40; 140; 140
- B) 80; 80; 100; 100
- C) 50; 50; 130; 130
- D) 70; 70; 110; 110



E) Nenhuma das respostas acima

RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

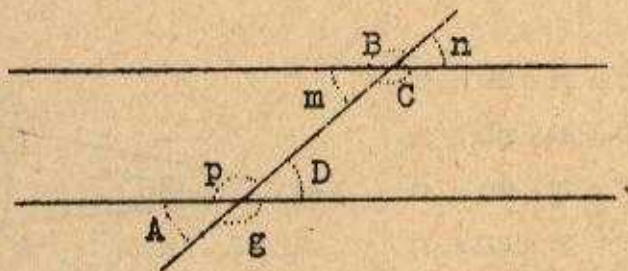
26ª QUESTAO: Qual o polígono em que podemos traçar 14 diagonais distintas:

RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

- A) $n = 4$
- B) $n = 5$
- C) $n = 9$
- D) $n = 10$
- E) $n = 7$

27.^a QUESTÃO: Uma transversal cortando duas paralelas forma dois ângulos colaterais externos que medem $2x + 18$ e $6x - 18$. Calcular os demais ângulos.

- A) 20 e 160
- B) 40 e 140
- C) 30 e 150
- D) 73 e 107.

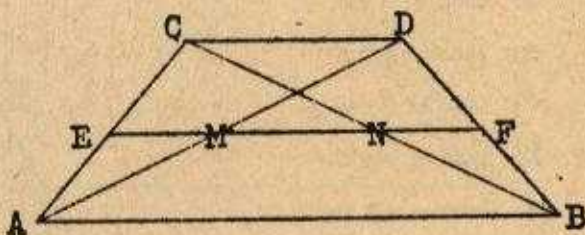


E) Nenhuma das respostas acima

RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

28.^a QUESTÃO: Na figura abaixo, determinar EF e MN, sabendo-se que $AB = 18$ cm e $CD = 8$ cm.

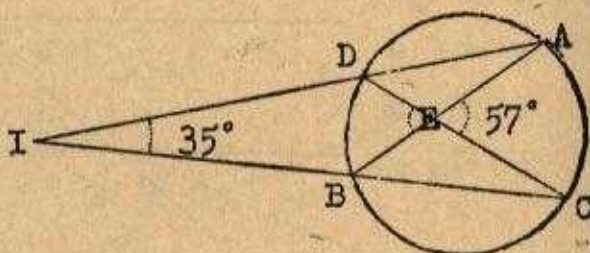
- A) $EF = 12$ e $MN = 5$
- B) $EF = 13$ e $MN = 4$
- C) $EF = 12$ e $MN = 6$
- D) $EF = 14$ e $MN = 5$
- E) $EF = 13$ e $MN = 5$



RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

29.^a QUESTÃO: Duas cordas AB e CD cortam-se em E, formando um ângulo de 57 graus. As cordas AD e BC encontram-se em um ponto I, formando um ângulo de 35 graus. Calcular as medidas dos arcos AC e BD.

- A) $AC = 92$ e $BD = 22$
 B) $AC = 82$ e $BD = 32$
 C) $AC = 72$ e $BD = 42$
 D) $AC = 92$ e $BD = 32$

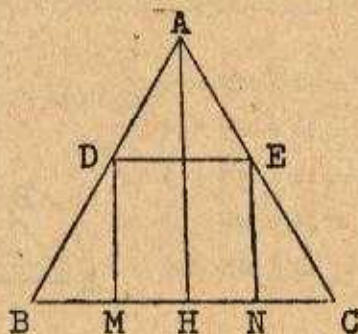


E) Nenhuma das respostas acima

RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

30.^a QUESTÃO: Num triângulo ABC, o lado BC mede 12 cm e a altura correspondente AH mede 8 cm. Calcular o lado do quadrado inscrito nesse triângulo.

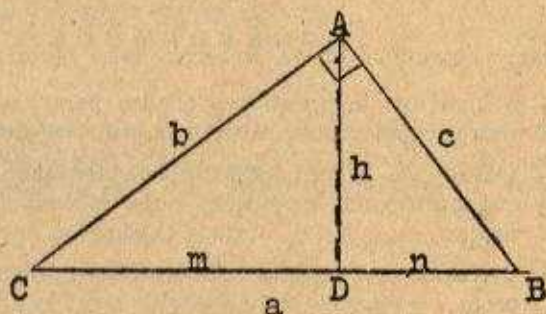
- A) lado = 5 cm
 B) lado = 4 cm
 C) lado = 3 cm
 D) lado = 4,5 cm
 E) lado = 4,8 cm



RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

31.^a QUESTÃO: Um cateto de um triângulo retângulo mede 10 m e a altura mede 6 m. Calcular a hipotenusa.

- A) $a = 12$ m
 B) $a = 12,8$ m
 C) $a = 11,5$ m
 D) $a = 13$ m

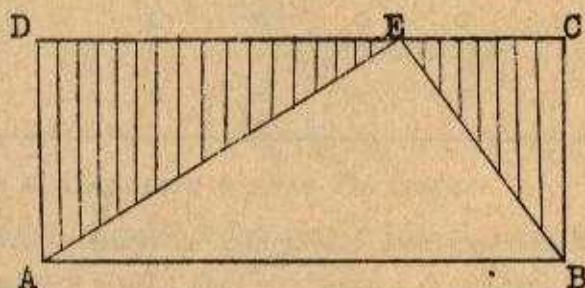


- E) Nenhuma das respostas acima

RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

32.^a QUESTÃO: Na figura abaixo, os lados do retângulo ABCD medem 12 m e 6 m. Calcular a área da porção tracejada ADECB.

- A) $S = 12$ m²
 B) $S = 24$ m²
 C) $S = 36$ m²
 D) $S = 72$ m²



- E) Nenhuma das respostas acima

RESOLVA NO ESPAÇO ABAIXO

II PARTE

FICHA-RESPOSTA — PROVA DE MATEMATICA

OBSERVAÇÕES

- 1 — Abaixo está impresso um quadro para as respostas das questões propostas nesta 2.^a Parte, sendo numerado de 25 a 32.
- 2 — Utilize esta FICHA-RESPOSTA assinalando com um X a letra que corresponde à resposta certa de cada uma das questões da prova.
- 3 — Use tinta azul (caneta esferográfica) ou caneta de tinta azul ou preta.
- 4 — Devolva esta FICHA-RESPOSTA ao aplicador da prova.

25	26	27	28	29	30	31	32
A	A	A	A	A	A	A	A
B	B	B	B	B	B	B	B
C	C	C	C	C	C	C	C
D	D	D	D	D	D	D	D
E	E	E	E	E	E	E	E

INSTRUÇÕES PARA O CANDIDATO A EXAME

- 1 — Use lápis-tinta, esferográfica ou caneta de tinta azul ou preta.
- 2 — Preencha o cabeçalho de cada folha e a ficha de identificação abaixo.
- 3 — Passe todas as suas respostas para a Ficha-Resposta. Na 3.^a questão, cada item é seguido de cinco respostas. Há sempre uma, e apenas uma, que responde à questão. Assinale com um "X" a letra que corresponde à resposta certa de cada um dos itens da questão.
- 4 — É conveniente destacar a Ficha-Resposta e ir preenchendo a mesma à medida que forem sendo resolvidas as questões.

- 5 — Você dispõe de 1 hora para resolver esta prova. Se tiver qualquer dificuldade em determinada questão, não perca tempo e passe para a seguinte, deixando aquela para o fim.
- 6 — A interpretação faz parte da questão.
- 7 — Só responda quando tiver certeza. Deixe em branco quando não souber.
- 8 — Esta prova compreende: uma capa, uma folha com "INSTRUÇÕES PARA O CANDIDATO A EXAME", fascículo com 8 páginas numeradas de 01 a 08 e uma Ficha-Resposta.
- 9 — Só assine a prova no TALÃO abaixo.

VERIFIQUE TUDO COM ATENÇÃO. BOA SORTE.

Nº DE FOLHAS	TEMPO DE DURAÇÃO	Nº DE CONTRÔLE
8	1 HORA	

RESERVADO A CAF

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
DEP — DFA — ESSA

EXAME DE ESCOLARIDADE
CAS E EQUIVALENTE/71

DATA DE REALIZAÇÃO

PROVA DE
HISTÓRIA

Nº DE CONTRÔLE

RESERVADO A CAF

CAS:

.....
Gu ONDE SE REALIZOU O EXAME

Grad. — Identidade — Nome do Candidato (em letra de imprensa)

OM DO CANDIDATO E SEDE

Assinatura do Candidato

Nº DE CONTRÔLE

.....
Gu ONDE SE REALIZOU O EXAME

RESERVADO A CAF

EXAME DE ESCOLARIDADE — HISTÓRIA

1ª QUESTÃO: Responda às perguntas abaixo, nos espaços a elas destinados, na FICHA-RESPOSTA:

1. Quais as intervenções armadas efetuadas por ordem de D. João VI, logo após chegar ao Brasil?
2. Qual foi a principal figura do "Ministério da Independência" e que pasta ocupava?
3. Cite duas figuras de destaque na Campanha Abolicionista.
4. Que fato assinalou o início da Guerra da Paraguai?
5. Quem foi eleito para ocupar a Presidência da República após o governo Dutra?

2ª QUESTÃO: Escreva, entre os parênteses à esquerda dos conceitos da COLUNA "A", o (s) número (s) do (s) conceito (s) da COLUNA "B" que lhe (s) corresponde (m). Na FICHA-RESPOSTA, você terá a COLUNA "A" na ordem alfabética. Responda na FICHA-RESPOSTA. Deixe em branco quando não souber.

ITEM I

COLUNA "A"	COLUNA "B"
a () Ministério da Aero-náutica	(1) Café Filho
b () Regência de Feijó	(2) 31 de janeiro de 1946
c () Tiradentes	(3) 21 de abril de 1792
d () General Dutra	(4) Getúlio Vargas
e () Sucessor de Vargas	(5) Usina de Volta Redonda
	(6) Questões com a Santa Sé
	(7) Morte de Evaristo da Veiga

ITEM II

COLUNA "A"	COLUNA "B"
a () Conde d'Eu	(1) Proíbia o tráfico de escravos
b () Caxias	(2) Mauricéia
c () 24 de maio de 1866	(3) Paso de la Patria
d () Leí Euzébio de Queiroz	(4) Batalhas de Peribebuí e Campo Grande
e () Lei Aurea	(5) Incrementou a produção de Açúcar
f () 9 de janeiro de 1822	(6) Dezembrada
g () Villagran Cabrita	
h () Nassau	

- (7) O Fico
- (8) Forte de Itapiru
- (9) Aboliu a escravidão no Brasil
- (10) Campanha das Cordilheiras
- (11) Batalha de Tuiuti
- (12) 5 de janeiro de 1969

3ª QUESTÃO: Assinale com um X a ÚNICA RESPOSTA que completa corretamente a questão. Coloque suas respostas na FICHA-RESPOSTA. Deixe em branco quando não souber.

1. Movimento precursor da Independência que ocorreu em 1789:

- A) Guerra dos Mascates
- B) Revolução Pernambucana
- C) Conjuração Mineira
- D) Conjuração Baiana
- E) Nenhuma das alternativas acima.

2. Em 28 de janeiro de 1808, D. João decretou a abertura dos portos às nações amigas, tendo contado com a colaboração de:

- A) Antônio de Araújo Azevedo — Conde de Barca
- B) D. Rodrigo de Souza Coutinho — Conde de Linhares
- C) João Severiano Maciel da Costa — Marquês de Queluz
- D) José da Silva Lisboa — Visconde de Cairu
- E) Nenhuma das alternativas acima.

3. A Confederação do Equador foi um movimento ocorrido em Pernambuco em 1824, e as suas causas principais foram:

- A) Espancamento do boticário David Pamplona por um Major português.
- B) Derrota de José Bonifácio para Presidente da Constituinte.
- C) Dissolução da Constituinte e as idéias Republicanas.
- D) Fuzilamento de vários Republicanos, destacando-se, entre eles, Frei Caneca.
- E) Nenhuma das alternativas acima.

4. A luta do Brasil com as Províncias Unidas do Rio da Prata terminou por interferência do seguinte país da Europa:

- A) França
 - B) Espanha
 - C) Portugal
 - D) Alemanha
 - E) Nenhuma das alternativas acima.
-

5. Antes de retirar-se para a Europa, D. Pedro I nomeou tutor da "Família Imperial":

- A) Nicolau de Campos Vergueiro
 - B) Brigadeiro Francisco de Lima e Silva
 - C) Padre Diogo Feijó
 - D) Deputado José da Costa Carvalho
 - E) Nenhuma das alternativas acima.
-

6. O Partido Político conhecido por "Chimango", e que apoiava a Regência, era:

- A) Liberal Exaltado
 - B) Liberal Moderado
 - C) Farroupilha
 - D) Restaurador
 - E) Nenhuma das alternativas acima.
-

7. A mais longa revolução de nossa história e que durou de 1835 a 1845, foi:

- A) Balaiada
 - B) Sabinada
 - C) Insurreição Praieira
 - D) Revolução Farroupilha
 - E) Nenhuma das alternativas acima.
-

8. A Balaiada, movimento que teve início na Regência de Araújo Lima, no Maranhão, foi vencida pelo:

- A) Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar
 - B) Coronel José Feliciano Pinto Coelho
 - C) Coronel Luiz Alves de Lima e Silva
 - D) Coronel Bento Gonçalves
 - E) Nenhuma das alternativas acima.
-

9. O Brasil foi invadido pelos franceses no século XVI durante o governo de:

- A) Salvador Correia de Sá
- B) Martim Afonso de Souza
- C) Mem de Sá
- D) D. Duarte da Costa
- E) Nenhuma das alternativas acima.

10. Entre os propagandistas da República, no meio militar destacou-se:

- A) Benjamim Constant
- B) Saldanha Marinho
- C) Aristides Lobo
- D) Quintino Bocaiuva
- E) Nenhuma das alternativas acima.

11. Entre as medidas tomadas pelo governo provisório do Marechal Deodoro da Fonseca, podemos destacar:

- A) Abolição do Cativoiro
- B) Criação da Bandeira da República
- C) Aparecimento do Partido Republicano
- D) Fundação do Jornal "A República"
- E) Nenhuma das alternativas acima.

12. O maior artifice da Constituição de 24 de fevereiro de 1891 foi:

- A) Rui Barbosa
- B) Prudente de Moraes
- C) Floriano Peixoto
- D) Custódio José de Melo
- E) Nenhuma das alternativas acima.

13. Afonso Pena, Presidente da República eleito para o quadriênio de 1906-1910, faleceu em 1909, sendo sucedido pelo vice-presidente:

- A) Venceslau Brás
- B) Hermes da Fonseca
- C) Nilo Peçanha
- D) Rodrigues Alves
- E) Nenhuma das alternativas acima.

14. Pandiá Calógeras era civil e ocupava a Pasta da Guerra durante o governo de:

- A) Washington Luís
 - B) Delfim Moreira
 - C) Arthur Bernardes
 - D) Epitácio Pessoa
 - E) Nenhuma das alternativas acima.
-

15. O General Eurico Gaspar Dutra concorreu para a Presidência da República, entre outros, com o seguinte candidato:

- A) Dr. José Linhares
 - B) Brigadeiro Eduardo Gomes
 - C) Deputado Carlos Luz
 - D) Dr. Café Filho
 - E) Nenhuma das alternativas acima.
-

16. Mem de Sá, contando com o auxílio dos indígenas mobilizados por Nóbrega e Anchieta, derrotou os franceses nas batalhas de Uruçu-Mirim e Paranapuã em:

- A) 1º de março de 1567
 - B) 20 de janeiro de 1567
 - C) 1º de março de 1565
 - D) 25 de outubro de 1567
 - E) Nenhuma das alternativas acima.
-

17. Em 1710, a cidade do Rio de Janeiro foi atacada pelos franceses que estavam comandados por:

- A) Villegaignon
 - B) Daniel de La Touche
 - C) Duclerc
 - D) Duguay-Trouin
 - E) Nenhuma das alternativas acima.
-

18. Quando os holandeses invadiram o Brasil pela segunda vez, o Governador-Geral do Brasil era:

- A) Diogo de Mendonça Furtado
 - B) Conde de Bagnoli
 - C) Matias de Albuquerque
 - D) Diogo Luiz de Oliveira
 - E) Nenhuma das alternativas acima.
-

19. Uma das causas da Guerra dos Mascates foi:

- A) A expulsão dos jesuítas
 - B) Abolição do monopólio comercial
 - C) Lutas pela posse das minas
 - D) Volta dos jesuítas ao Maranhão
 - E) Nenhuma das alternativas acima.
-

20. Uma das conseqüências da Guerra dos Emboabas foi:

- A) Elevação da Vila de São Paulo à categoria de Cidade
 - B) Criação da Capitania de Minas Gerais
 - C) Suspensão da "derrama"
 - D) Abolição da escravatura
 - E) Nenhuma das alternativas acima.
-

21. O advogado e poeta que durante a Conjuração Mineira destacou-se entre os conjurados e que, posteriormente, suicidou-se na prisão, foi:

- A) Padre Carlos de Toledo
 - B) Cláudio Manoel da Costa
 - C) José Álvares de Maciel
 - D) Tomás Antônio Gonzaga
 - E) Nenhuma das alternativas acima.
-

22. D. Pedro I abdicou em favor de seu filho em:

- A) 19 de março de 1831
 - B) 5 de abril de 1831
 - C) 7 de abril de 1831
 - D) 6 de abril de 1831
 - E) Nenhuma das alternativas acima.
-

23. O Ministro do Império, nomeado por Feijó um dia antes de sua renúncia e que assumiu a Regência, foi:

- A) José Joaquim Carneiro de Campos
 - B) José da Costa Carvalho
 - C) Nicolau de Campos Vergueiro
 - D) Pedro de Araújo Lima
 - E) Nenhuma das alternativas acima.
-

24. Tornando-se vitoriosa a Campanha da Maioridade, D. Pedro II assumiu o governo:

- A) Com 12 anos, em 23 de julho de 1840
- B) Com 16 anos, em 25 de julho de 1840
- C) Com 11 anos, em 26 de julho de 1840
- D) Com 14 anos, em 23 de março de 1841
- E) Nenhuma das alternativas acima.

25. Após a morte do Marquês do Paraná em 1856, a chefia do Gabinete foi ocupada por:

- A) Marquês de Caxias
- B) Manuel Alves Branco
- C) Marquês de Olinda
- D) Coronel Frias Villar
- E) Nenhuma das alternativas acima.

26. Em 1871, foi sancionada pela Princesa Isabel a seguinte lei:

- A) Lei dos Sexagenários
- B) Lei do Ventre Livre
- C) Lei Euzébio de Queiroz
- D) Lei Saraiva-Cotegipe
- E) Nenhuma das alternativas acima.

27. A causa da luta do Brasil contra o governo de Aguirre foi:

- A) Tratado de paz e limites com o Paraguai
- B) Independência do Uruguai em 1828
- C) Repercussão das lutas entre Blancos e Colorados
- D) Surgimento dos partidos políticos Blancos e Colorados
- E) Nenhuma das alternativas acima.

28. O último presidente do Conselho de Ministros e que tomou medidas visando a fortalecer o regime monárquico e combater os republicanos foi:

- A) Visconde de Cairu
- B) Marquês de Caxias
- C) Marquês do Paraná
- D) Visconde de Ouro Preto
- E) Nenhuma das alternativas acima.

29. O Brasil declarou guerra aos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) em:

- A) 1940
- B) 1942
- C) 1941
- D) 1943
- E) Nenhuma das alternativas acima.

30. O sistema parlamentarista foi instituído pelo Ato Adicional de 2 de setembro de 1961, ocasião em que o cargo de Presidente da República era ocupado interinamente por:

- A) Ranieri Mazzili
- A) Brochado da Rocha
- C) João Goulart
- D) Tancredo Neves
- E) Nenhuma das alternativas acima.

FICHA-RESPOSTA — PROVA DE HISTÓRIA

1ª QUESTÃO

- 1)
- 2)
- 3)
- 4)
- 5)

2ª QUESTÃO

ITEM I — COLUNA "A"

- a ()
- b ()
- c ()
- d ()
- e ()

ITEM II — COLUNA "A"

- a ()
- b ()
- c ()
- d ()
- e ()
- f ()
- g ()
- h ()

3ª QUESTÃO

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B
C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
D	D	D	D	D	D	D	D	D	D	D	D	D	D	D
E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E

16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B
C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
D	D	D	D	D	D	D	D	D	D	D	D	D	D	D
E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E

PROVA DE GEOGRAFIA

INSTRUÇÕES PARA O CANDIDATO A EXAME

- 1 — Use lápis-tinta, esferográfica ou caneta de tinta azul ou preta.
- 2 — Preencha o cabeçalho de cada folha e a ficha de identificação abaixo.
- 3 — Passe tôdas as suas respostas para a Ficha-Resposta. Na 3ª questão, cada item é seguido de cinco respostas. Há sempre uma, e apenas uma, que responde à questão. Assinale com um "X" a letra que corresponde à resposta certa de cada um dos itens da questão.
- 4 — É conveniente destacar a Ficha-Resposta e ir preenchendo a mesma à medida que forem sendo resolvidas as questões.

- 5 — Você dispõe de 1 hora para resolver esta prova. Se tiver qualquer dificuldade em determinada questão, não perca tempo e passe para a seguinte, deixando aquela para o fim.
- 6 — A interpretação faz parte da questão.
- 7 — Só responda quando tiver certeza. Deixe em branco quando não souber.
- 8 — Esta prova compreende: uma capa, uma folha com "INSTRUÇÕES PARA O CANDIDATO A EXAME", fascículo com 7 páginas, numeradas de 01 a 07 e uma Ficha-Resposta.
- 9 — Só assine a prova no TALÃO abaixo.

VERIFIQUE TUDO COM ATENÇÃO

BOA SORTE

N.º DE FOLHAS TEMPO DE DURAÇÃO N.º DE CONTROLE

7

1 HORA

RESERVADO A CAF

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
DEP — DFA — ESSAEXAME DE ESCOLARIDADE
CAS E EQUIVALENTE/71

DATA DE REALIZAÇÃO PROVA DE N.º DE CONTROLE

..... GEOGRAFIA

RESERVADO A CAF

CAS:
CURSO A QUE É CANDIDATO.....
GU ONDE SE REALIZOU O EXAMEGrad Identidade Nome do Candidato (em letra de imprensa)
OM DO CANDIDATO E SEDE

Assinatura do Candidato

N.º DE CONTROLE

.....
GU ONDE SE REALIZOU O EXAME

RESERVADO A CAF

EXAME DE ESCOLARIDADE — GEOGRAFIA

1ª QUESTÃO: Responda às perguntas abaixo, nos espaços a elas destinados, na FICHA-RESPOSTA:

- a) Quais os três principais produtos exportados pelo Brasil?
- b) Qual a divisão do Relêvo Brasileiro?
- c) Quais os países da América do Sul que não se limitam com o Brasil?
- d) Qual a madeira de lei extraída em maior escala, no Brasil?
- e) Qual o Estado brasileiro, primeiro produtor de algodão?
-

2ª QUESTÃO: Escreva, entre os parênteses à esquerda dos conceitos da COLUNA "A", o(s) número(s) da COLUNA "B" que lhe corresponde(m).

Na FICHA-RESPOSTA, você terá a COLUNA "A" na ordem alfabética. Responda na FICHA-RESPOSTA. O primeiro vai respondendo como exemplo:

ITEM I

COLUNA "A"	COLUNA "B"
(1) Belo Horizonte	(1) Capital de Minas Gerais
a. () Unidades da Federação de maior população absoluta	(2) Maior potencial hidrelétrico do Brasil
b. () Ponto culminante do Brasil	(3) Pico da Neblina
c. () Maior produtor de café do Brasil	(4) Rio de Janeiro
d. () Bacia do Paraná	(5) Paraná
e. () Principal porto exportador do Brasil	(6) 3.014m
f. () Unidade da Federação de maior densidade demográfica	(7) Carnaúba
g. () Maior riqueza extrativa vegetal do Ceará.	(8) Urubupungá
	(9) S. Paulo
	(10) Furnas
	(11) Pico da Bandeira
	(12) Guanabara
	(13) Babaçu

ITEM II

COLUNA "A"	COLUNA "B"
a. () Movimento de Rotação	(1) Lua
b. () Continentes	(2) América
c. () Eclipse	(3) Apolo 10
d. () Chuvas	(4) Erosão
e. () Ventos	(5) Lunik II
f. () Movimento de Translação	(6) Terra
g. () Marés	(7) Oceânia
h. () Tipo de lago	(8) Correntes Oceânicas
i. () Continentes banhados pelo Oceano Atlântico	(9) Vagas
j. () Movimento de Revolução	(10) África
k. () 1º objeto feito pelo Homem, que atingiu a Lua.	(11) Europa
	(12) Ásia

3ª QUESTÃO: Coloque o sinal + (mais) na única resposta que completa corretamente a questão. Coloque suas respostas na FICHA-RESPOSTA.

1. Os pontos extremos do Brasil, ao NORTE e OESTE, são:

- A) NORTE: Nascente do Rio Ailan, na Serra do Caburai
OESTE: Ponta Seixas, no Cabo Branco
- B) NORTE: Ponta Seixas, no Cabo Branco
OESTE: Nascente do Rio Moa, na Serra do Divisor
- C) NORTE: Nascente do Rio Moa, na Serra do Divisor
OESTE: Nascente do Rio Ailan, na Serra do Caburai
- D) NORTE: Nascente do Rio Ailan, na Serra do Caburai
OESTE: Nascente do Rio Moa, na Serra do Divisor
- E) Nenhuma das alternativas acima.

2. Quatro afluentes da MARGEM DIRETA do Rio Amazonas.

- A) Javari, Juruá, Negro e Madeira
- B) Javari, Japurá, Negro e Tocantins
- C) Javari, Juruá, Madeira e Tocantins
- D) Juruá, Japurá, Madeira e Tocantins
- E) Nenhuma das alternativas acima.

3. A REGIÃO NORDESTE é dominada pelo clima:

- A) Equatorial
- B) Tropical
- C) Tropical de altitude
- D) Subtropical
- E) Nenhuma das alternativas acima.

4. HIDRELÉTRICAS localizadas no Rio S. FRANCISCO:

- A) Capivari e Paulo Afonso
- B) Capivari e Três Marias
- C) Paulo Afonso e Três Marias
- D) Furnas e Três Marias
- E) Nenhuma das alternativas acima.

5. As três ferrovias brasileiras que têm mais de 3.000 km de extensão:

- A) Rede Mineira de Viação (atual Viação Férrea Centro Oeste)
E. F. Central do Brasil
E. F. Leopoldina
 - B) Rede Mineira de Viação (atual VFCO)
Viação Férrea Federal Leste Brasileiro
E. F. Leopoldina
 - C) E. F. Central do Brasil
Viação Férrea Federal Leste Brasileiro
E. F. Leopoldina
 - D) Rede Mineira de Viação (atual VFCO)
E. F. Central do Brasil
Viação Férrea do Rio Grande do Sul
 - E) Nenhuma das alternativas acima.
-

6. Nos conjuntos abaixo, temos alguns ESTADOS e suas respectivas CAPITAIS. Marque o único conjunto TOTALMENTE CERTO.

- A) Mato Grosso — Campo Grande
Alagoas — Maceió
Sergipe — Aracaju
 - B) Mato Grosso — Cuiabá
Alagoas — Maceió
Sergipe — Aracaju
 - C) Mato Grosso — Cuiabá
Alagoas — Aracaju
Sergipe — Maceió
 - D) Mato Grosso — Campo Grande
Alagoas — Aracaju
Sergipe — Maceió
 - E) Nenhuma das alternativas acima.
-

11. Limite Sul do Brasil:

- | | |
|------------------------------------|-----------------------|
| A) Urugual | B) Argentina |
| C) Paraguai | D) Urugual e Paraguai |
| E) Nenhuma das alternativas acima. | |
-

12. O "Rio da Unidade Nacional":

- | | |
|------------------------------------|-----------|
| A) Amazonas | B) Paraná |
| C) Paraíba | D) Doce |
| E) Nenhuma das alternativas acima. | |
-

13. PRIMEIRO Estado brasileiro na produção de LATICÍNIOS:

- | | |
|------------------------------------|-----------------|
| A) S. Paulo | B) Mato Grosso |
| C) Rio Grande do Sul | D) Minas Gerais |
| E) Nenhuma das alternativas acima. | |
-

14. Estado brasileiro MAIOR PRODUTOR de SAL MARINHO:

- | | |
|------------------------------------|------------------------|
| A) Rio de Janeiro | B) Rio Grande do Norte |
| C) Ceará | D) Maranhão |
| E) Nenhuma das alternativas acima. | |
-

15. Maior REFINARIA do Brasil:

- | | |
|------------------------------------|----------------------------------|
| A) Landulfo Alves
(Mataripe) | B) Arthur Bernardes
(Cubatão) |
| C) Duque de Caxias | D) Gabriel Passos |
| E) Nenhuma das alternativas acima. | |
-

16. No Rio Grande do Sul, predomina o CLIMA:

- A) Equatorial
- B) Tropical
- C) Tropical de Altitude
- D) Subtropical
- E) Nenhuma das alternativas acima.

17. Tipo de VEGETAÇÃO característica da AMAZÔNIA:

- A) Floresta Equatorial
- B) Floresta Tropical
- C) Mata de Araucária
- D) Complexo do Pantanal
- E) Nenhuma das alternativas acima.

18. SIDERÚRGICA mais IMPORTANTE e de maior PRODUÇÃO no Brasil:

- A) Mannesmann
- B) Indústria Siderúrgica Nacional
- C) Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira
- D) Acesita
- E) Nenhuma das alternativas acima.

19. Principal PORTO FLUVIAL do Brasil:

- A) Santos
- B) Manaus
- C) Rio de Janeiro
- D) Corumbá
- E) Nenhuma das alternativas acima.

20. PRIMEIRO Estado produtor de CANA-DE-AÇÚCAR do Brasil:

- A) Pernambuco
- B) Minas Gerais
- C) S. Paulo
- D) Rio de Janeiro
- E) Nenhuma das alternativas acima.

21. A parte consolidada da Terra, isto é, a camada sólida chama-se:

- A) Litosfera
 - B) Hidrosfera
 - C) Atmosfera
 - D) Biosfera
 - E) Nenhuma das alternativas acima.
-

22. Oceano localizado ao Sul da Ásia, tendo a África a ocidente e a Austrália a oriente:

- A) Atlântico
 - B) Pacífico
 - C) Índico
 - D) Ártico
 - E) Nenhuma das alternativas acima.
-

23. Exemplo de MAR FECHADO:

- A) Mar da Mancha
 - B) Mar Vermelho
 - C) Mar Mediterrâneo
 - D) Mar Cáspio
 - E) Nenhuma das alternativas acima.
-

24. É considerada uma CORRENTE MARÍTIMA FRIA:

- A) Gulf STREAM
 - B) Guianas
 - C) Falklands
 - D) Do Brasil
 - E) Nenhuma das alternativas acima.
-

25. As Lagoas dos Patos e Mirim, no Brasil, são exemplos de lagos do tipo:

- A) Vulcânico
 - B) De Barragem
 - C) Residuais
 - D) Tectônicos
 - E) Nenhuma das alternativas acima.
-

26. No Sistema Solar, o planeta **MAIS AFASTADO DO SOL** é:

- | | |
|------------------------------------|------------|
| A) Saturno | B) Urano |
| C) Netuno | D) Júpiter |
| E) Nenhuma das alternativas acima. | |

27. Nome da linha imaginária que divide a Terra em dois (2) **HEMISFÉRIOS**:

- | | |
|------------------------------------|---------------------------|
| A) Trópico de Câncer | B) Trópico de Capricórnio |
| C) Meridiano de Greenwich | D) Círculo Polar Ártico |
| E) Nenhuma das alternativas acima. | |

28. Na formação étnica da população brasileira, a mestiçagem do **NEGRO** com o **ÍNDIO** originou o:

- | | |
|------------------------------------|------------|
| A) Cafuzo | B) Mulato |
| C) Mameluco | D) Caboclo |
| E) Nenhuma das alternativas acima. | |

29. Principal consequência do movimento de **ROTAÇÃO** da Terra:

- | |
|-------------------------------------|
| A) As quatro estações do ano |
| B) Os eclipses |
| C) Os 365 dias que constituem o ano |
| D) A sucessão dos dias e das noites |
| E) Nenhuma das alternativas acima. |

30. Com o lançamento do **SPUTNIK**, a União Soviética deu início à **ERA ESPACIAL** no ano de:

- | | |
|------------------------------------|---------|
| A) 1955 | B) 1957 |
| C) 1956 | D) 1958 |
| E) Nenhuma das alternativas acima. | |

FICHA-RESPOSTA — PROVA DE GEOGRAFIA

1ª QUESTÃO

a)
.....
.....

b)
.....
.....

c)
.....

d)
.....

e)
.....

.....

2ª QUESTÃO

ITEM I — COLUNA "A"

ITEM II — COLUNA "A"

a ()	a ()	g ()
b ()	b ()	h ()
c ()	c ()	i ()
d ()	d ()	j ()
e ()	e ()	k ()
f ()	f ()	
g ()		

3ª QUESTÃO

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B
C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
D	D	D	D	D	D	D	D	D	D	D	D	D	D	D
E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E

16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B
C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
D	D	D	D	D	D	D	D	D	D	D	D	D	D	D
E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E	E

* * *

"A DEFESA NACIONAL"

O Sr. Ministro do Exército, em Aviso n.º 373-D/6-GB, de 25 de novembro de 1968, resolveu reiterar o Aviso n.º 99, de 21 Jan 47, a respeito da importância e da significação que tem A DEFESA NACIONAL, e cujo teor é o seguinte:

"1. Reiterando, vinte e um anos depois, os conceitos e as recomendações do Aviso n.º 99, de 21 Jan 47, do então Ministro da Guerra, General Canrobert Pereira da Costa, a respeito da importância e da significação que tem A DEFESA NACIONAL para a cultura profissional e geral dos militares do Exército, cumpro o dever de congratular-me com a sua atual Diretoria pelos beneméritos esforços que está empreendendo para a consolidação do prestígio crescente dessa mais antiga e mais conceituada Revista brasileira de assuntos militares e gerais.

2. Ela continua a merecer não apenas o apoio da Alta Direção do Exército, como, particularmente, o interesse e a contribuição de todos os oficiais, subtenentes e sargentos, como fator preponderante da atualização dos conhecimentos e dos estudos imprescindíveis ao preparo próprio, o que constitui não apenas amor à profissão, como virtude militar, em todos os Exércitos.

3. Os que são assinantes, leitores e colaboradores de A DEFESA NACIONAL recomendam-se, por isso mesmo, como militares preocupados com o seu próprio preparo profissional e com o prestígio da cultura do Exército.

4. Esta recomendação deve ser transcrita, obrigatoriamente, nos boletins internos de todos os escalões de comando e da administração do Exército."

(Av. n.º 373-D/6-GB, de 25 Nov 68, do Ministro do Exército.)

Preço dêste exemplar

Cr\$ 3,00

S. G. Ex
IMPRENSA DO EXERCITO
Rio de Janeiro — 1971